



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA**

Rosinaldo Ernesto Vieira

A EPÍSTOLA DE TIAGO: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E OBRA

Recife/2018

Rosinaldo Ernesto Vieira

A EPÍSTOLA DE TIAGO: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E OBRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Ciências Humanas – Área de Concentração: Teologia Sistemático Pastoral. Linha de pesquisa: Literatura Bíblica e Teológica: Interpretações.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni

Recife/2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Pai, a Jesus, nosso Senhor, ao Santo Espírito, o consolador, pela graça, salvação e consolo nas horas difíceis durante esta caminhada.

Agradeço à minha família pela paciência e pela compreensão diante da minha ausência, mesmo estando em casa, especialmente ao meu filho Wilmar Ernesto, que foi privado de tantas coisas, conversa, atenção, carinho. À minha filha e princesinha Ilma Rose, que, nas horas mais tensas, dava-me seu abraço e seu beijinho reconfortante. E à minha esposa Wilma Vieira, sempre compreensiva e ajudadora. Minha família é maravilhosa, a vocês meus agradecimentos.

Ao meu orientador, pela paciência comigo, pela presteza e zelo demonstrados no seu trabalho, pelas correções, pelas palavras de sabedoria, pelas palavras de amigo que me encorajaram nas horas em que estive quase a desistir de tudo. Prof. Cláudio Vianney, o Sr. me fez prosseguir, obrigado.

À Profa. Dra. Aíla Pinheiro, pelas aulas magníficas, pela amizade e pelas correções e sugestões bibliográficas tão apropriadas ao tema.

Aos demais professores desse Programa de mestrado, professores de excelência acadêmica e sensibilidade cristã.

Ao Prof. Dr. Milton Torres, pelas palavras e sugestões de melhorias no texto, sobretudo, pela amizade que se iniciou a partir desse trabalho.

Aos queridos funcionários da secretaria, que sempre me atenderam com dedicação e muito profissionalismo.

Agradeço a todos esses, pedindo ao Pai que estenda sobre cada um a sua bênção.

Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.

Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas
(Tg 1,17-18) (BÍBLIA, 2013, p. 1437)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a Epístola de Tiago, contextualizando o debate histórico da justificação e salvação pela fé e as consequências teológicas da relação fé e obras para um cristianismo prático e significativo. Está dividida em três capítulos. O primeiro apresenta o contexto da Epístola de Tiago, a fim de situar sua leitura e discussão que se fará no capítulo 2, que trata da questão da fé e das obras, estabelecendo seu significado na Bíblia e na Epístola de Tiago. O capítulo 3 trata de um estilo de vida cristã embasado nas exortações da Epístola para que os irmãos vivam uma fé prática e coerente com o discurso, valorizando as relações pessoais e a caridade.

Palavras-chave: Epístola de Tiago; fé e obras; justificação e salvação.

ABSTRACCT

This research had as its main goal to make an analysis of the Epistle of James, contextualizing the historical understanding of justification and salvation by faith, and the theological consequences of the relationship between faith and works for a practical and significant Christianity. It comprises three chapters. The first one presents the background to the Epistle of James in order to situate its reading and discussion in chapter 2, which deals with the issue of faith and works by establishing its meaning in the Bible and in the Epistle of James. Chapter 3 deals with a Christian way of life based on the exhortations of the Epistle so that the brethren live a practical faith that is coherent with their discourse, and valuable to personal relationships and charity.

Key words: Epistle of James; faith and works; justification and salvation.

RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivos hacer un análisis de la Epístola de Santiago, contextualizando el debate histórico de la justificación y salvación por la fe y, las consecuencias teológicas de la relación de fe y obras para un cristianismo práctico y significativo. Está se dividido en tres capítulos. El primero presenta un transfundo de la Epístola de Santiago para ubicar su lectura y discusión en el capítulo 2, que trata del tema de la fe y las obras al establecer su significado en la Biblia y en la Epístola de Santiago. El Capítulo 3 trata sobre la construcción de un espíritu cristiano basado en las muchas exhortaciones de que los hermanos viven una fe práctica, coherente con su discurso y valiosa para las relaciones personales y la caridad.

Palabras clave: Epístola de Santiago: Fe y obras, justificación y salvación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PANORAMA DA EPÍSTOLA DE TIAGO	13
1.1 CANONICIDADE DA EPÍSTOLA DE TIAGO.....	13
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL E GEOGRÁFICO.....	16
1.3 GÊNERO LITERÁRIO.....	20
1.4 AUTORIA.....	24
1.5 DESTINATÁRIOS.....	28
1.6 CONTEÚDO	31
1.7 O PLANO DA EPÍSTOLA	33
2. FÉ (ΠΙΣΤΙΣ – ΠÍSTIS) E OBRA (ΈΡΓΟΝ – ÉRGON) NA EPÍSTOLA DE TIAGO .	39
2.1 A SEMÂNTICA DA PALAVRA FÉ (ΠΙΣΤΙΣ – ΠÍSTIS)	40
2.1.1 Fé no Antigo Testamento.....	41
2.1.2 Fé no Novo Testamento.....	45
2.1.3 Fé no Novo Testamento.....	45
2.1.4 O acolhimento e a adesão à fé	46
2.2 A SEMÂNTICA DA PALAVRA OBRA (ΈΡΓΟΝ – ÉRGON).....	48
2.2.1 As obras de Deus e de Jesus	49
2.2.2 As obras do cristão	50
2.3 A RELAÇÃO FÉ E OBRA NA EPÍSTOLA DE TIAGO	52
2.3.1 A prova da fé	52
2.3.2 A convicção e a certeza da fé	54
2.3.3 A imparcialidade da fé	55
2.3.4 A riqueza da fé.....	55
2.4 SALVAÇÃO E JUSTIFICAÇÃO.....	56
2.4.1 O valor da fé e das obras	60
3. O ETHOS CRISTÃO	71
3.1 O <i>ETHOS</i> DO ORADOR E O <i>ETHOS</i> DO AUDITÓRIO	71
3.2 A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> CRISTÃO	72
3.3 SABEDORIA PARA DESENVOLVER O <i>ETHOS</i> CRISTÃO	79
3.4 O <i>ETHOS</i> E O DOMÍNIO PRÓPRIO	83
3.5 HUMILDADE CRISTÃ.....	84
3.6 SABER VIVER.....	86

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

A EPÍSTOLA DE TIAGO: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E OBRA

INTRODUÇÃO

A Epístola de Tiago é uma obra literária identificada como uma das Epístolas pastorais endereçada aos irmãos espalhados pelo mundo, e de alcance universal. Apesar de ser destinada às comunidades da Diáspora, a Epístola aponta elementos que podem ser de uma comunidade particular, como o conflito entre ricos e pobres e a ambição em ocupar a posição de mestre na comunidade, muito embora esta não seja nomeada. Nesta Epístola há uma mensagem que se assemelha às mensagens dos textos pastorais de sua época. Seu conteúdo apresenta aspectos éticos e morais que fundamentam o agir pessoal do cristão, independentemente de onde esteja localizado. Ela está cheia de princípios que unem os irmãos na prática da fé. Além disso, há na Epístola uma variedade muito interessante de temas que o autor aborda com profundidade e riqueza linguística, facilitando o entendimento de sua mensagem.

Uma leitura atenta do texto revela particularidades interessantes que instigam e traz recompensas para aqueles que se dedicam a entender o texto nas profundezas de suas linhas. Mergulhar na Epístola de Tiago através de uma leitura acurada com o intuito de esclarecer como o autor discute a relação entre fé e obra, numa ambiência prática que vai muito além da teoria, mostra que uma fé que não se consolida em ações é uma fé problemática. Seu valor é o mesmo de um discurso vazio que não surte nenhum efeito no cristão e muito menos nos outros.

Na Epístola de Tiago, a fé é demonstrada concretamente através da caridade e do amor. A fé está profundamente arraigada na justiça e no altruísmo, privilegiando as ações em favor dos necessitados, das viúvas e dos órfãos. O autor da Epístola de Tiago não esquece esse detalhe, apresentando um discurso de fé prática muito semelhante ao discurso que se encontra no Evangelho segundo Mateus, que ensina a amar o próximo e os inimigos, de forma que a justiça do crente seja revelada no pleno cumprimento da lei de Deus. “Ouvistes o que foi dito: Amarás teu próximo e odiarás teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,43-44) (BÍBLIA, 2013, p. 1098).

A fé tem que ser revelada nas ações de caridade, de acolhimento e de perdão. Se não for assim, não é uma fé genuína. O autor da Epístola de Tiago esclarece que somente o discurso da fé não é suficiente para uma religião autêntica, nem para a justificação. A fé precisa estar embalada em ações. Assim, fé e obra não podem ser separadas, pois estão relacionadas de tal maneira, que negar uma consiste em negar a outra. Para o autor da Epístola de Tiago, não há como dissociar fé e obra.

Essa temática da relação fé e obras, desde muito tempo, gerou grandes discussões. O autor da Epístola de Tiago, no entanto, essencialmente, defende que as ações dos cristãos não podem ser produto de legalismo, mas são frutos da fé que salva. Sendo assim, o autor da Epístola de Tiago chama a atenção dos ouvintes para o fato de que tudo que é bom tem sua origem em Deus, inclusive a fé, que norteia as ações de todo fiel.

O autor da Epístola de Tiago não defende obra como meio de justificação, mas também não é a favor de uma fé que não se envolve com os problemas de seu tempo. Não defende uma fé alheia aos reclamos sociais, nem uma fé quimérica, mística, que não participa, que não assume compromisso, que não se envolve com as demandas de sua própria comunidade e com as demandas do mundo. A fé que o autor da Epístola de Tiago defende é uma fé participativa, comprometida com Cristo e com as pessoas, de modo especial com os pobres. Esse compromisso do cristão é também consigo mesmo. Sendo assim, que cada um procure dominar sua própria língua, não sendo imprudente, duvidoso, irascível, nem juiz de ninguém, mas alguém altamente ético e comprometido com a verdade.

Esses compromissos são levados pelo autor a seus ouvintes de forma muito clara e objetiva, ao empregar recursos oratórios que ajudam a persuadir o ouvinte, apelando para o *pathos* do público e revelando o seu próprio *ethos* como garantia da autoridade que transfere para seu discurso.

Então, no capítulo 1 será traçado um panorama da Epístola de Tiago, com o objetivo de apresentar algumas particularidades sobre a autoria, o destinatário, o contexto histórico e social em que a Epístola surgiu, a data da composição, a canonicidade e sua mensagem. No capítulo 2 será trabalhada a questão principal dessa dissertação e da própria Epístola: a relação entre fé e obra, os significados que essas palavras têm na Bíblia, e a polêmica da justificação pela fé e pelas obras, onde serão vistos os recursos oratórios empregados pelo autor, os aspectos constituintes da fé, os exemplos práticos utilizados pelo autor para demonstrar qual é o verdadeiro

sentido da fé, além de exemplos tirados da Bíblia que servem para demonstrar o valor das obras dentro do processo de justificação. No capítulo 3 serão discutidas as questões sobre o estilo de vida que se espera dos cristãos, uma vez que a mensagem da Epístola, ao se tornar canônica, se destina aos cristãos de todas as épocas. Serão discutidas questões sobre a formação do *ethos* cristão a partir da resistência às provações as mais diversas.

Como fontes principais para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas as obras de Vouga e Moo, além de diversas outras obras secundárias que deram sua contribuição para a fundamentação teórica dessa dissertação, cuja metodologia de pesquisa empregada foi bibliográfica. Espera-se que a pesquisa contribua para o entendimento da Epístola de Tiago, uma vez que é uma das epístolas do Novo Testamento menos comentadas e trabalhadas academicamente.

1. PANORAMA DA EPÍSTOLA DE TIAGO

Neste capítulo 1 será elaborado um panorama da Epístola de Tiago, partindo das discussões sobre a canonicidade do texto e sua aceitação no conjunto de obras que compõem aquilo que se denomina de Novo Testamento e naturalmente de Bíblia. Além de apresentar essas discussões sobre a canonicidade da Epístola de Tiago, será feita uma breve descrição do contexto histórico-social e geográfico, no qual esse escrito surgiu, que é relevante para a compreensão da mensagem da Epístola e do público ao qual ela é endereçada.

Após esse primeiro momento, que visa a uma apresentação contextual do que se refere à aceitação da Epístola no cânon e sua historicidade, serão apresentadas as questões sobre o gênero literário do texto. Esta obra é mesmo uma Epístola? Serão abordadas questões sobre a autoria, quem são os destinatários e qual o conteúdo da Epístola de Tiago? Todas essas indagações são importantes para uma boa compreensão da mensagem exposta na Epístola. Em seguida, será traçado um panorama da Epístola, que ajudará no processo de análise e na construção desse texto dissertativo. O interesse central de análise é a temática da fé e das obras a partir da qual serão feitas as discussões sobre outros temas e problemas relacionados com a fé e a obra na Epístola de Tiago.

1.1 Canonicidade da Epístola de Tiago

Para tratar da Epístola de Tiago é preciso referir-se a seu reconhecimento como texto sagrado e a sua integração ao cânon bíblico. Essa Epístola, apesar da importância para o cristianismo, foi muito criticada e, ainda hoje, é pouco comentada. A inclusão da Epístola de Tiago no cânon sagrado foi muito discutida, não tanto pelo seu conteúdo teológico, mas pela sua autoria, pelo estilo do autor, muito próximo dos escritores clássicos, pelo preconceito contra o fato de a Epístola demonstrar familiaridade com a retórica grega, dependência da Septuaginta e não expor formalmente a doutrina cristã.

A inserção da Epístola de Tiago no cânon é tardia, de acordo com o que é apresentado: “La carta de San tuvo que aguardar tiempo y pasar dificultades para que se le concediera, sin objeciones, un lugar en el canon del NT”

(WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 844)¹. Como afirmam esses autores, a Epístola teve que aguardar tempo e enfrentar diversas objeções para poder ser aceita no conjunto dos textos sagrados. “Durante todo el siglo II, no hallamos todavía vestigio claro de la carta de San, ni siquiera en Hegesipo, que fue gran admirador de Santiago, el hermano del Señor” (WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 844)².

Essa Epístola também não é mencionada no Fragmento Muratoriano, que, de acordo com Brown, é considerado o representante das Escrituras de Roma no final do século II (2004, p. 967). A versão latina antiga dessa Epístola foi encontrada no *Códex Corbeiensis* (preservação do século IX) e colocada entre os escritos extra canônicos. Brown sugere a possibilidade de uma tradução tardia da Epístola para o latim, pois as primeiras referências ao reconhecimento da Epístola de Tiago datam do século III d.C., sendo Orígenes, entre os pais da Igreja no Oriente, o primeiro a identificar e dar importância à Epístola (2004, p. 967). Por outro lado, seu mestre, Clemente de Alexandria “que debió de conocer también la carta, no la menciona nunca en los numerosos escritos que de él se han conservado” (WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 844)³. Por sua vez, Eusébio de Cesareia também faz menção da Epístola de Tiago. Somente no final do século IV d.C. a Epístola foi aceita nas Igrejas do Oriente. Tudo isso é ilustrado assim:

Orígenes reconheceu a carta, embora como um dos livros controversos, citando-a 24 vezes e atribuindo-a a Tiago apóstolo, o irmão do Senhor. No começo do século IV, Eusébio (HE 2.23.24-25; 3.25.3) ainda a punha entre os livros controversos do NT; contudo, no fim do século IV, Atanásio deu provas da aceitação de Tiago nas Igrejas de língua grega do Oriente (BROWN, 2004, p. 967).

No Ocidente, a aceitação da Epístola de Tiago no cânon foi ainda mais tardia: “A não muito entusiástica inclusão dela na Vulgata, por Jerônimo, e a autoridade de Agostinho significaram aceitação no Ocidente” (BROWN, 2004, p. 967). A partir dos sínodos romanos e africanos a Epístola de Tiago passou a ser reconhecida como canônica em todas as igrejas da Gália, Itália e África. “En el sínodo romano del año 382 y en los dos sínodos africanos de Hippo Regius

¹ A Carta de Tiago teve que aguardar tempo e passar dificuldades para que lhe concedessem, sem objeções, um lugar no cânon do Novo Testamento.

² Durante todo século II, não encontramos, todavia, vestígio claro da carta de Tiago, nem se quer em Hegessipo que foi grande admirador de Tiago, o irmão do Senhor.

³ Que também devia conhecer a carta, não a menciona nunca em seus numerosos escritos que se conservaram.

(393) y de Cartago (397), la carta fue reconocida como canónica” (WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 847)⁴. Na tradução oficial siríaca, a *Peshita*, a Epístola de Tiago só veio a aparecer no século V d.C., ainda que: “alguns líderes contemporâneos da Igreja não demonstrassem consciência dela” (BROWN, 2004, p. 967).

Séculos após sua aceitação no cânon, a Epístola de Tiago ainda enfrentou críticas, como as que lhe foram feitas no período da Reforma: “Erasmus aceitou-a, mas questionou a atribuição ao irmão do Senhor, tal como o cardeal Caetano” (BROWN, 2004, p. 968). Tanto para Erasmus quanto para o cardeal Caetano algumas dúvidas referentes à canonicidade da Epístola de Tiago eram:

La dificultad que encontraba en San era, primeramente, la falta de la *maiestas et gravitas apostolica*, y luego la ausencia de hebraísmos que cabría esperar en una carta escrita por el apóstol Santiago, obispo de Jerusalén. Puesto que, además el autor no se llama a sí mismo “apóstol”, cree Erasmus que alguna otra persona de este mismo nombre escribió la carta en cuestión. Esta duda en cuanto al origen apostólico de la carta la repitió también el cardenal Cayetano (WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 848)⁵.

Lutero foi um dos autores mais críticos da Epístola ao afirmar: “A epístola de Tiago é uma epístola de palha, porquanto não exhibe o caráter do evangelho” (LUTERO *apud* Champlin, 2002, p. 1). A crítica de Lutero não levou em consideração todo percurso que a Epístola de Tiago enfrentou ao longo da história da Igreja para ser aceita no cânon sagrado. Ele fundamentou sua crítica nos seguintes pontos: 1 a Epístola não reflete a índole evangélica; 2 entra em contradição com os escritos de Paulo e o restante das escrituras porque põe a justificação nas obras; 3 quase não fala no nome de Jesus Cristo; 4 não fala da cruz e da ressurreição. “Por eso, en su escala de valores para evaluar a los escritos del NT, clasificó a la carta de San entre los libros de la tercera categoría, es decir, entre los libros que non fomentan a Cristo” (WIKENHAUSER; SCHMID, 1978, p. 848)⁶.

⁴ No sínodo romano do ano 382 e nos dois sínodos africanos de *Hippo Regius* (393) e de *Catargo* (397), a carta foi reconhecida como canônica.

⁵ A dificuldade que encontravam em Tiago, era, primeiramente, a falta da *maiestas et gravitas apostolica* (majestade e gravidade apostólica), e logo a ausência de hebraísmos que se esperaria em uma carta escrita pelo apóstolo Tiago, o bispo de Jerusalém. Uma vez que, além disso, o autor não se chama a si mesmo de apóstolo, crê Erasmus que alguma outra pessoa deste mesmo nome escreveu a carta em questão. Esta dúvida sobre a origem apostólica da carta também a repetiu o cardeal Cayetano.

⁶ Por isso, em sua escala de valores para avaliar os escritos do Novo Testamento, classificou a carta de Tiago entre os livros da terceira categoria, ou seja, entre os livros que não encorajam a Cristo.

Apesar da aceitação pelos reformadores, a Epístola de Tiago foi considerada obra inferior no meio protestante. Somente a partir da segunda metade do século XX, a Epístola de Tiago veio ganhando simpatia conforme se atesta:

À altura da segunda metade do século XX, porém com a elevação do senso cristão acerca da moralidade social, a resistência de Paulo em mudar as estruturas sociais (p. ex., sua tolerância à escravidão) sofreu crescentes críticas, ao passo que Tiago foi ganhando simpatia. A máxima “Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso?” – Exemplificada pela provisão de roupas aos maltrapilhos, alimento aos que diariamente passam fome (Tg 2,14-16) – foi considerada corretivo importante para a insensibilidade do cristianismo (BROWN, 2004, p. 968).

Diante disso, a Epístola de Tiago ainda é pouco comentada no ambiente cristão, embora encerre conteúdo de singular importância e beleza que vale a pena ser analisado. Esses motivos despertaram o interesse e alavancaram os esforços para esta pesquisa.

1.2 Contexto histórico-social e geográfico

Uma vez que foram apresentadas as discussões sobre a aceitação da Epístola de Tiago no cânon bíblico, pretende-se aqui situar a Epístola de Tiago no contexto histórico-social em que surgiu, algo bastante relevante para ajudar na compreensão de algumas questões abordadas no texto, pois apresenta uma ideia do ambiente em que a Epístola foi produzida e quais reflexos desse momento histórico podem ser inferidos na mensagem da Epístola de Tiago.

Pode-se verificar internamente que o contexto não foi dos mais favoráveis aos irmãos. Embora não haja menção no texto de grandes perseguições, o autor fala de certas provações enfrentadas pelos pobres que eram perseguidos pelos ricos. A Epístola de Tiago deixa claro que havia no meio dos crentes uma tensão entre estes dois grupos, dos ricos e dos pobres. Os ricos a explorar demasiado os menos favorecidos, visavam aos negócios e ao acúmulo de riquezas, sem preocupar-se com os meios para a obtenção de seus bens. Para atingir seu alvo ambicioso não descartavam a exploração dos pobres e dos trabalhadores. No texto, porém, não está claro se eram os ricos do próprio ambiente da irmandade ou se eram pessoas ricas que não participavam dessa comunidade.

Percebe-se, que, no âmbito do contexto histórico-social da Epístola, as demandas dos pobres ocupam lugar de destaque, pois a justiça nas comunidades era

exercida por alguns juízes ricos que agiam em seus próprios benefícios e julgavam segundo seus interesses particulares, como afirma Pimentel:

Los magistrados locales que administran la justicia tienen en cada sitio un derecho de jurisdicción ilimitada, según las tradiciones y costumbres de cada municipio. En muchos casos, el poder judicial era usurpado por un rico propietario que se apropiaba del derecho de inspección en las situaciones conflictivas de la ciudad, especialmente en las que estaban envueltos sus intereses personales. Así ocurría con los campesinos endeudados, quienes eran condenados con facilidad y sometidos a procesos no debidamente regulados. Encontramos un ejemplo de este tipo en la parábola del esclavo insolvente de Mt. 18, 23-25 (1998, p. 73)⁷.

O autor mostra que esses ricos agiam conscientemente na prática da injustiça, arrastando os pobres a tribunais (Tg 2,6) e retendo-lhes o mais básico, o direito ao salário, cometendo pecado, pois “aquele que sabe fazer o bem e não o faz, nisto está pecando” (Tg 4,17) (BÍBLIA, 2013, p. 1439). Esta exploração dos pobres pelos ricos é enfaticamente combatida pelo autor da Epístola: “Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos” (Tg 5,4) (BÍBLIA, 2015a, p. 1614), uma alusão a Lv 19,13. Esses ricos são descritos desta maneira:

Los ricos son definidos como opresores y como gente que manipulan la justicia para ponerla al servicio de sus intereses, y esto perjudica a los/as más pobres (2,6). Los ricos llegan al extremo de condenar a muerte a los justos (5,6). De esta manera, cuando se oprime al pobre, se blasfema el Nombre de Jesús, porque él se identifica con la causa del más desvalido/a y pisoteado/a (Mt 25,40.45) (PIMENTEL, 1998, p. 72.73)⁸.

Além desses problemas, havia outro não menos sério para a nova fé, que era o conformismo com uma prática religiosa apenas de formalidades, sem o envolvimento que se esperava de alguém que se propunha a viver segundo esse novo estilo de vida. Nesse aspecto, o autor da Epístola de Tiago abre os olhos de seus ouvintes, mostrando que uma religião apenas formal está longe de ser uma verdadeira religião, que se manifesta através do exercício da fé expressa em obras de caridade⁹.

⁷ Os magistrados locais que administravam a justiça exerciam em cada sítio um direito de jurisdição ilimitada, segundo as tradições e costumes de cada município. Em muitos casos, o poder judicial era usurpado por um rico proprietário que se apropriava do direito de inspecionar as situações conflitivas da cidade, especialmente nas que estavam envolvidos seus interesses pessoais. Assim, ocorria com os camponeses indvidados, que eram condenados com facilidade e submetidos a processos não regulados devidamente. Encontramos um exemplo desse tipo na parábola do servo insolvente de Mt 18,23-25.

⁸ Os ricos são definidos como opressores e como gente que manipula a justiça para colocá-la ao serviço de seus interesses, e isto prejudica os/as mais pobres (2,6). Os ricos chegam ao extremo de condenar os justos a morte (5,6). Desta maneira quando se oprime o pobre, se blasfema o nome de Jesus, porque ele se identifica com a causa do mais desvalido/a e pisoteado/a (Mt 25,40.45).

⁹ Esse tema será trabalhado com mais detalhes no capítulo 2.

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2,14) (BÍBLIA, 2015a, p.1612). Sobre essas questões do contexto histórico-social é interessante atentar para o seguinte: “As tomadas de posição em matéria econômica vêm acompanhadas de um debate confessional” (VOUGA, 1996, p. 29).

Dentro desse aspecto contextual da Epístola de Tiago, merece atenção especial o ambiente geográfico de sua composição. O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, do ponto vista geográfico, destaca que:

Várias alusões geográficas nessa Epístola sugerem a Palestina como o local onde foi escrita. É possível conjecturar que o escritor vivia numa terra abençoada com azeite, vinho e figos, que não estava longe do mar, que perto havia fontes de água doce e amarga, e que a terra sofria com a seca, e a chuva era muito importante (2014, p. 544).

A argumentação favorável à Palestina como o local de surgimento da Epístola está de acordo com a seguinte posição: “Sensibilidade pelos pobres, conhecimento da tradição de Jesus, referências às primeiras e às últimas chuvas, típicas do clima palestinese (Tg 5,7), têm sugerido Jerusalém ou a Palestina como lugar de origem” (BROWN, 2004, p. 966). Esses fatos se deixam inferir no texto da Epístola: “Sede, pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas” (Tg 5,7) (BÍBLIA, 2015a, p.1614).

Também há outros relatos mais antigos que reforçam os argumentos favoráveis a Jerusalém como local de origem da Epístola de Tiago, pois atestam que os descendentes da família de Jesus viveram em Jerusalém muitos anos após sua morte, chegando até a assumirem posições de destaque nas igrejas da época, como menciona Brown: “os descendentes da família de Jesus, (chamados desposinos) especialmente os netos de Judas, “seu irmão segundo a carne”, governaram as igrejas na Palestina até o fim do império de Trajano (98-117)” (2004, p. 966). Apesar dessas posições favoráveis à região da Palestina, como sendo o local de composição da Epístola de Tiago, não se pode precisar o lugar exato de sua escrita.

Esse ponto de vista pode ser aplicado se a Epístola de Tiago foi escrita antes do final dos anos 60. Sendo assim, Jerusalém seria o local indicado para a composição da Epístola. Por outro lado, ela pode ter sido enviada de Alexandria ou de Antioquia, grandes centros da cultura judaica e da cultura helenística e onde havia

escolas judeu-cristãs. Se a Epístola foi enviada de uma dessas cidades, ela não deve ser anterior aos anos 70:

Uma data provável parece ser o início ou meados dos anos 60, após o ensino de Paulo sobre fé e obras, mas anterior à destruição de Jerusalém no ano 70. Nesse caso, Jerusalém poderia muito bem ter sido o local da composição. Se, contudo, a carta é posterior ao ano 70, Antioquia ou Alexandria seriam os locais mais prováveis (LEAHY, 2015, p. 668).

Então, de acordo com o que foi visto até agora, a Epístola de Tiago pode ter sido escrita em Jerusalém. Essa tese se justifica pelas evidências internas ao texto, que não faz referências a grandes grupos de irmãos gentios, conforme destaca o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia (2001, p. 544). Embora o cristianismo já estivesse difundido, os cristãos ainda estavam muito ligados à tradição da religião judaica, e a sinagoga ainda era o local de reunião para esses primeiros cristãos.

Essa questão sobre o contexto histórico-geográfico, de acordo com a posição defendida acima, leva a outra situação: se o contexto da Epístola se passa na região da Palestina, por que o texto está escrito em grego? O próprio autor da Epístola de Tiago deixa claro que seu texto se destina aos irmãos da Diáspora (Tg 1,1). Por outro lado, Kümell argumenta que:

A dependência do autor em face da LXX, sua linguagem literária, e a sua designação que atribui aos cristãos como povo da Diáspora (1,1) contrariam a suposição de que o autor fosse um palestinese. Não há apoio algum para a hipótese de que a Galileia fosse a cidade de origem do autor. A ideia de que a Epístola tenha sido redigida na Síria conta pelo menos com um argumento a favor: o fato de que a prova mais antiga da existência de Tg no século III foi encontrada em obras que provinham da Síria (1982, p. 543).

Há duas correntes divergentes sobre a data de composição da Epístola de Tiago. Uma corrente defende uma data mais tardia, apresentando a favor dessa possibilidade o argumento que sua origem está na comunidade primitiva da Palestina e no círculo de Tiago; portanto é anterior à Assembleia de Jerusalém, provavelmente escrita entre os anos 40 e 62. Talvez tenha sido escrita no período intertestamentário, por isso as características judaicas que indicam um período de adaptação entre Antigo Testamento e Novo Testamento.

A Epístola de Tiago também parece manter um diálogo divergente com o Apóstolo Paulo quanto à questão da justificação, ou o autor critica a “espiritualidade helenizante” que aproveita a tradição paulina para justificar uma religião descomprometida com a questão da obediência. “Nesse sentido, nosso autor assemelha-se ao próprio Paulo nas suas alterações com Corinto ou à escola mateana na sua polêmica contra os antinomistas” (VOUGA, 1996, p. 19).

A outra corrente, segundo Vouga, defende uma data posterior aos anos 40-62, argumentando que a redação da Epístola se assemelha aos escritos da terceira e quarta geração cristã, o domínio das discussões internas do cristianismo da época, não expõe uma formulação da fé, mas preocupa-se com a fidelidade dos irmãos a longo prazo, nesse caso assemelha-se com: 1 Clemente, Barnabé, Didaquê e Pastor de Hermas, pois apresentam questões teológicas comuns, como se todos pertencessem à mesma escola inspiradora (1996, p. 19). Tendo em vista esses elementos, pode-se situar a data da composição da Epístola no final do séc. I ou no início séc. II escrita por um judeu-cristão de vasta erudição, que conhecia bem as culturas grega e judaica.

Pelas evidências apresentadas: conflitos sociais entre ricos e pobres dentro da comunidade, preocupação com a fé como modo de vida, a aproximação da linguagem mateana e o autor da Epístola apresentar-se bastante alinhado aos textos do cristianismo do primeiro século, talvez seja aconselhável situar a Epístola de Tiago entre a segunda metade do Séc. I e início do Séc. II.

1.3 Gênero literário

Diante do contexto geográfico visto acima, que apresenta Jerusalém, Alexandria ou Antioquia como prováveis lugares de origem da Epístola de Tiago; e um contexto social um tanto tenso, por causa das perseguições ou das disputas econômicas internas entre ricos e pobres e pelas influências espiritualizantes helenistas, o autor da Epístola de Tiago apresenta seu texto de caráter exortativo e persuasivo visando a uma vida cristã coerente.

Sendo assim, quanto ao gênero literário, a Epístola de Tiago assemelha-se mais a uma homilia, uma pregação cujo caráter é explicar um tema em linguagem mais familiar, pois seu caráter epistolar, presente em Tg 1,1, desaparece ao longo do texto.

O gênero epistolar na antiguidade clássica apresentava como estrutura: (1) a abertura, contendo identificação do autor, destinatário e saudações; (2) corpo textual e, (3) conclusão, contendo despedida, bênçãos, orações, votos.

Tendo essa visão de gênero epistolar, o texto da Epístola de Tiago não se prende à estrutura desse gênero, embora apresente alguns traços comuns aos de

uma carta como se vê em sua abertura, a forma do endereço e a saudação parecidas com as outras cartas bíblicas conforme se verificam nas cartas de Pedro: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão” (1Pe 1,1) (BÍBLIA, 2015a p. 1618); “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 1,1) (BÍBLIA, 2015a, p. 1626).

Essa mesma estrutura se verifica na Carta de Judas: “Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo” (Jd 1) (BÍBLIA, 2015b, p. 1645). Nas segunda e terceira cartas de João: “O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos a quem eu amo na verdade...” (2Jo 1a) (BÍBLIA, 2015b, p. 1640); “O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade” (3Jo 1) (BÍBLIA, 2015b, p. 1642).

Essas características também estão presentes nas cartas paulinas, que apresentam o autor, o destinatário e a saudação, conforme se observam nos exemplos a seguir:

Paulo, chamado pela vontade de Deus, para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes, à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo (1Cor 1,1-3) (BÍBLIA, 2015a, p. 1484).

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus: graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo! (Ef 1,1-2) (BÍBLIA, 2015a, p. 1534).

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos, graça e paz a vós outros, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo (FI 1,1-2) (BÍBLIA, 2015a, p. 1544).

A abertura da Epístola de Tiago também segue a forma estrutural das missivas do período clássico como as de Sêneca, por exemplo, na carta ‘*Da economia do tempo*’ enviada a Lucílio: “Sêneca, saúda o amigo Lucílio”. Ou ainda, como na primeira carta de Clemente aos Coríntios:

A Igreja de Deus estabelecida transitoriamente em Roma à Igreja de Deus estabelecida transitoriamente em Corinto, aos eleitos santificados na vontade de Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo: que a graça e a paz vos sejam dadas em plenitude da parte de Deus todo-poderoso, por Jesus Cristo (2010, Internet).

De acordo com Mendonça, só o primeiro versículo da Epístola de Tiago pertence ao gênero epistolar. Todo o restante do texto é do gênero sapiencial, como

os provérbios, pois contém palavras de sabedoria e de exortação, de modo que as características de carta desaparecem ao longo do texto (2015, p. 556). Sua semelhança maior é com textos de gêneros retóricos que eram escritos para serem lidos em público, com o intuito de exortar, persuadir e instruir sobre algum tema importante para a edificação da comunidade cristã destinatária da carta, motivando os ouvintes a agirem ou tomarem decisões corretas sobre assuntos e questões controversos, que precisavam de uma posição oficial sobre como a igreja deveria se comportar diante de tais conflitos.

Com relação ao estilo literário, verifica-se a mesma riqueza de conhecimento, pois o autor da Epístola de Tiago navega com segurança e tranquilidade entre os mais diversos estilos. Vouga destaca que o capítulo 1 é escrito segundo as regras e “estilo das parêneses” do Novo Testamento. “A partir do capítulo 2”, o autor emprega o estilo da “diatribe¹⁰ filosófica com suas questões retóricas”, sua “refutação a contraditores fictícios e exemplos tirados da natureza ou da técnica”. Nos capítulos 4 e 5, o redator faz uma invectiva aos espectadores, especialmente aos mestres e aos ricos, usando o estilo dos “oráculos proféticos”. Por fim, destacam-se “as sentenças breves” que permeiam todos esses elementos, assemelhando-se “às *lógia* da tradição sinótica” (1996, p. 18).

Vouga reforça a ideia que a herança literária dessa missiva está nas homilias sinagogais e na tradição sapiencial da parênese¹¹ cristã, como o Sermão da Montanha e as seções parenéticas do *corpus* paulino, ou na atividade profética de um judeu-cristianismo sírio-palestino de onde deriva a formulação dos *lógia*¹² presentes na Epístola, como palavras do Senhor.

Se considerar o ponto de vista da história da redação, Vouga afirma que o termo *encíclica* conviria muito bem à Epístola, contemplando tanto o plano eclesial quanto o horizonte ecumênico de sua mensagem que fala ao conjunto dos habitantes do mundo. Sobre esse aspecto da missiva de Tiago, Mendonça afirma que, por ser um escrito pastoral, portanto, destinado a um público amplo, “à maneira de uma

¹⁰ Termo de origem grega (**diatribe**, “discurso ou conversação filosófica”) que, inicialmente, se refere aos discursos preambulares moralistas dos filósofos estoicos e cínicos na Grécia antiga. Deste tipo de discursos, possuímos hoje as Diatribe de Epitecto. Um filósofo próximo dos cínicos, Bion de Borístenes (século IV a. C.) introduz o sentido que hoje damos à **diatribe**: texto agressivo ou premeditadamente ofensivo para com um determinado interlocutor. (**Dicionário informal de Língua Portuguesa, Internet**).

¹¹ Texto exortativo, moral.

¹² Plural de *lógion*: discurso, etc. Em exegese, é usado, sobretudo, para indicar os discursos de Jesus.

encíclica, trata-se mais de um escrito sapiencial” (2015, p. 556), que propriamente uma carta.

As semelhanças da Epístola com os livros sapienciais podem ser vistas na forma como o autor trata das normas e da ética nas comunidades, do comportamento sábio daqueles que vivem a experiência da fé cristã, dos exemplos de pessoas e da linguagem profética empregada, que enfatiza a proclamação da mensagem do Evangelho através do testemunho, que conjuga fé e obra, discurso e ação, como ponto fulcral da experiência cristã.

Sobre esses aspectos sapienciais da Epístola de Tiago, Croato apresenta três dimensões:

Tales dimensiones son la haláquica¹³, la sapiencial y la profética. La primera se refiere a la ética y a las normas de la comunidad; la segunda al comportamiento sabio, dentro de la experiencia cristiana, que conduce a la salvación (equivalente al “éxito en la vida” en la literatura sapiencial); la tercera, toma como modelos personas y un lenguaje proféticos que sirven para enfatizar el tono del querigma. Se ha escrito sobre uno u otro de estos aspectos, a veces con la pretensión de presentarlo como el exclusivo o dominante. Mejor sería entender que se trata de énfasis diferentes, cada uno con su propia función no solamente literaria sino también querigmática (1998, p. 26)¹⁴.

Como Becquet atesta, a Epístola de Tiago é o um texto de “aspectos enigmáticos” (1991, p. 8). Assim, diante das evidências apresentadas por diferentes autores, a Epístola de Tiago escapa ao gênero epistolar propriamente dito. Por outro lado, o texto da Epístola de Tiago apresenta características de encíclica, tendo em vista seu caráter de ensino pastoral e universal. Além disso, a variedade temática revela características parenéticas e de interesses que não se restringem a um grupo específico, nem a uma comunidade em especial, pelo contrário, o pensamento e os ensinamentos do autor são de interesse geral, pois o autor destina sua parênese aos irmãos da diáspora.

Assim, a Epístola de Tiago poderia ser classificada como uma epístola homilética, por apresentar as características próprias de um discurso para ser lido em

¹³ *Halacá* ou *halachá* – termo de origem hebraica que significa lei oral ou tradicional, comportamento ou maneira de andar. Glossário de palavras hebraicas. In A Bíblia.org. disponível em: www.abíblia.org acesso em 15/01/2018.

¹⁴ Tais dimensões são a haláquica, a sapiencial e a profética. A primeira se refere à ética e às normas da comunidade, a segunda, ao comportamento sábio, dentro da experiência cristã, que conduz à salvação (equivalente ao ‘éxito na vida’ na literatura sapiencial); a terceira, toma como modelo pessoas e uma linguagem profética que servem para enfatizar o tom do querigma. Foi escrito sobre um ou outro desses aspectos, às vezes com a intenção de apresentá-lo como exclusivo ou dominante. Melhor seria entender que se trata de ênfases diferentes, cada um com sua própria função não somente literária mas também querigmática.

público, um sermão, como o Sermão da Montanha, rico de figuras ilustrativas para facilitar a compreensão da mensagem evangélica e seu conteúdo ético. Nesse aspecto, contemplaria os requisitos da encíclica, carta circular de interesse pastoral e universal, que aborda um tema da doutrina cristã, mas também contemplaria a parênese, texto de tom exortativo, que mais se assemelha a um tipo de discurso oral e não a um gênero textual.

1.4 Autoria

A Epístola de Tiago não apresenta informações precisas sobre seu autor. Ele apresenta-se como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1,1) (BÍBLIA, 2015b, p. 1610). Talvez o autor não sentisse necessidade de dar mais detalhes sobre sua identidade por ser bastante conhecido e respeitado. Por outro lado, o nome Tiago (Jacó) era bastante comum entre os judeus da época, podendo ser qualquer um Tiago, ou mesmo um pseudônimo de alguém que utiliza o nome de Tiago apenas para dar credibilidade a seu texto.

Também não se pode concluir com segurança quem, de fato, escreveu a Epístola. A tradição atribui a autoria da Epístola a Tiago, o irmão do Senhor. Várias evidências textuais do Novo Testamento são usadas para destacar esta personagem, como em: At 12,17b; 15,13-21; 21,18; 1Cor 15,7 e as citações na Epístola aos Gálatas (Gl 1,19; 2,9-12). Esses textos referem-se a Tiago, irmão do Senhor, como sendo alguém proeminente na Igreja de Jerusalém e uma de suas principais autoridades da Igreja local naquela época, mas nada afirma sobre a autoria da Epístola de Tiago. Como reforço desse argumento está o fato de que Pedro, ao sair da prisão, pediu que informassem a Tiago sobre sua liberdade: “Anunciai isto a Tiago e aos irmãos” (At 12,17b) (BÍBLIA, 2015a, p. 1426). Segundo atesta a Bíblia de Estudo Andrews: “Não se trata do Tiago que fazia parte dos doze (ele fora executado, v. 2), mas do Tiago irmão de Jesus (ver 15:13)” (2015, p. 1426).

Também se encontra essa informação em Paulo, que o chamou de irmão do Senhor: “e, não vi os outros apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor”. (Gl 1,19) (BÍBLIA, 2015a, p. 1525). Paulo também o denominou, junto com Pedro e João, como uma das notáveis colunas: “e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a

destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão” (Gl 2,9) (BÍBLIA, 2015a, p. 1525).

Ao retornar de suas viagens, o Apóstolo Paulo vai à casa de Tiago: “Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria. No dia seguinte, Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros se reuniram” (At 21,17-18) (BÍBLIA, 2015a, p.1443). Já no polêmico concílio de Jerusalém, é esse Tiago quem dá a última palavra sobre a demanda que envolvia os cristãos gentios:

E toda a multidão silenciou, passando a ouvir a Barnabé e a Paulo, que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios. Depois que eles terminaram, falou Tiago, dizendo: Irmãos, atentai nas minhas palavras (At 15,12-13) (BÍBLIA, 2015a, p. 1431).

Diante dessas evidências, que apresentam Tiago como uma importante autoridade eclesiástica da época em Jerusalém, tradicionalmente atribui-se a autoria dessa bela Epístola a Tiago, irmão do Senhor. Esses textos, relacionados com a comunidade cristã de Jerusalém, demonstram que Tiago era conhecido e conceituado pelas comunidades cristãs de Jerusalém e de Antioquia (Gl 2,11-14). No caso desse Tiago ser o autor da Epístola, pode-se pensar que talvez por já ser conhecido, o autor não tenha achado necessário dar mais informações sobre sua identificação pessoal, apresentando-se simplesmente como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”¹⁵ (Tg, 1,1) (BÍBLIA, 2015a, p. 1610).

A expressão “servo de Jesus Cristo” era uma forma de apresentação muito comum e genérica no meio cristão e dos autores bíblicos do Novo Testamento. O Apóstolo Paulo usou esse título, Pedro e Judas também o utilizaram como apresentação em suas cartas, (Rm 1,1; Fl 1,1; 2Pe 1,1 e Jd 1).

Além de Tiago, irmão do Senhor, como possível autor da Epístola, estão outros Tiagos que aparecem nos textos do Novo Testamento, no contexto do grupo dos Doze e da formação da Igreja. Tiago, filho de Alfeu, é citado em Mc 3,18 como um dos discípulos de Jesus, que logo desaparece do cenário bíblico.

Tiago, filho de Zebedeu, aparece em Mc 3,17, também compondo o grupo dos Doze. Esse é o Tiago, filho do trovão. É muito difícil, porém, atribuir a autoria da Epístola a Tiago, filho de Zebedeu, porque sua morte ocorreu prematuramente, em 44 d.C. A Epístola apresenta referências a fatos que aconteceram após a morte desse

¹⁵ Essa tradução, contudo, não é a tradução que Vouga prefere para o endereçamento da Epístola, que ele mesmo traduz dessa maneira: “Tiago, servo de Jesus Cristo, Deus e Senhor, às doze tribos na Diáspora, salve” (Tg 1,1) (1996, p. 37).

apóstolo, como a diáspora, “às doze tribos da dispersão”, ou mesmo o suposto embate entre Tiago e Paulo sobre a controvérsia da justificação, (Tg 1,1; 2,14-26). Além desses, aparece outro Tiago, em Lc 6,16, e At 1,13, que é chamado de irmão ou pai de Judas. Ambos os textos fazem referência a Judas, filho de Tiago, talvez o mesmo Tiago, filho de Alfeu.

Diante dessas considerações, tradicionalmente atribui-se a autoria da Epístola a Tiago, irmão do Senhor. Contudo, não há como concluir quem de fato seja o autor da Epístola. Segundo apresentam Wikenhauser e Schmid, Erasmo, no período da Reforma, levantou a questão de a autoria da Epístola pertencer ao irmão do Senhor, pelo fato de seu autor não atribuir a si o título de apóstolo, sendo assim, ele crê que alguma outra pessoa de nome Tiago escreveu essa epístola (1978, p. 848). Buscar a identificação do autor da Epístola, para alguns, não parece ser uma questão fundamental, por isso mesmo é desaconselhada: “Devemos renunciar a identificar o autor da epístola. A tradição reconheceu, sem que possamos prová-lo, Tiago como o irmão de Jesus” (CULLMANN, 2001, p. 72).

A questão da autoria da Epístola também está ligada à questão de saber se originalmente esse texto era judaico ou cristão, tendo em vista que o texto quase não se refere à obra redentora de Jesus Cristo, que só aparece claramente em Tg 1,1; 2,1 e que são comumente interpretadas como as únicas referências a Jesus na Epístola, que poderiam ser retiradas sem alterar seu conteúdo. Diante disso, para alguns críticos, esse texto mais parece moralizante e de estilo judaico do que cristão, o que levou a duvidar da origem cristã do texto:

Certos críticos presumiram, portanto, que aqui estávamos diante de um escrito judaico de ensinamento moral, redigido durante a primeira metade do século I, no ambiente da sinagoga helenística, e adotado, a seguir, por um cristão, que o teria cristianizado, inserindo nele duas vezes o nome de Jesus Cristo (Massebieau e Spitta) (CULLMANN, 2001, p. 70).

Por essas questões, alguns comentaristas negam que a autoria da Epístola possa ser atribuída a Tiago, irmão do Senhor. Eles defendem que talvez se trate de um texto sapiencial judaico, contendo um composto de exortações, uma pseudoepígrafe, escrita sob o nome de Jacó (Tiago) e construída segundo os moldes dos *Testamentos dos Doze Patriarcas* (VOUGA, 1996, p. 32). Essa teoria esbarra em dois elementos que merecem consideração: o gênero e o autor.

Mesmo que fosse certo que se trata de um gênero literário judaico, não se poderia deduzir que o autor original tenha sido, ele mesmo, um judeu não convertido ao cristianismo. Um cristão de origem judaica podia perfeitamente

escolher um gênero judaico para desenvolver suas ideias; é o caso dos apocalipses cristãos (CULLMANN, 2001, p. 71).

Vouga, por sua vez, descarta essas teorias levantadas por esses críticos e afirma que elas não encontram apoio na história do texto e, por isso mesmo, deixaram de ser defendidas (1996, p. 32).

Mendonça defende a ideia de que é mais provável que a Epístola seja um escrito pseudonímico, de um autor judeu-cristão que conhecia bem o pensamento de Tiago, irmão do Senhor, e escreve esse texto em sua homenagem (2015, p. 556). Esse pensamento não é diferente do que se apresenta a seguir:

Podemos considerar que o *autor explora um procedimento literário bem conhecido* no mundo greco-romano e judaico: o pseudônimo, isto é, a utilização do nome de uma pessoa ilustre (Demóstenes, Aristóteles, Fílon, Henoc e Baruc, Esdras e outros) que confere autoridade ao escrito com seu nome. Esse modo de proceder talvez fosse indispensável para que a carta levasse à obediência, como deixa transparecer a multiplicação dos imperativos, as ordens e máximas gerais. Correspondem, evidentemente, ao poder e à autoridade com os quais se creditavam então os chefes de prestígio (BECQUET, 1996, p. 16,17).

Também não se pode afirmar se o autor escreveu a Epístola de próprio punho ou se ditou a um secretário que se encarregou de burilar as frases, carregando-as de figuras de linguagem e de referências a instrumentos concretos utilizados com o objetivo de clarear o entendimento do texto e mostrar aos ouvintes que Deus espera um cristianismo prático, fruto de uma fé que está firmada nele. Essa ideia de um secretário, talvez não seja pertinente, pois atribuir um papel tão importante como esse de burilar frases, empregar figuras de linguagem, etc. não condiz com a função de secretário.

Seja qual for a opção de autoria, se Tiago, irmão do Senhor, se um pseudônimo, o autor mesmo não dá destaque a isso, simplesmente se apresenta de uma forma comum e bem conhecida em sua época, “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1,1) (BÍBLIA, 2015a, 1610). Sendo assim, não constitui uma falsidade atribuí-la a Tiago, irmão do Senhor, como uma homenagem, conforme já foi salientado. Vale a pena anotar que Mendonça chama a atenção para o fato que o autor sublinha dois elementos interessantes na abertura: (1) a importância não está na identidade singular do autor; (2) importante é a identidade do Senhor. Dessa forma, o autor da Epístola de Tiago reforça para seus ouvintes que suas esperanças devem estar fixas em Deus e no Senhor Jesus Cristo. Essa forma lembra bem o que disse

Jesus Cristo: “Recordai a palavra que eu vos disse: o servo não é maior do que seu senhor” (Jo 15,20a) (BÍBLIA, 2105b. p. 285).

Ao usar essa forma para se identificar, o autor sublinha que a importância do servo está intimamente ligada ao *status* do seu senhor. “Arrogando-se o título de “escravo de Deus e de Jesus Cristo”, o autor realça sua dependência, mas também, contraditoriamente, seu prestígio e sua autoridade” (BECQUET, 1996, p. 17). O que confere autoridade às palavras, é que a mensagem da Epístola não é do autor, mas do Senhor Jesus, quem o enviou e quem lhe conferiu autoridade para falar. Por sua vez, Vouga afirma sobre esse assunto: “Em Tg 1,1 e 2,1 *Kýrios* é aplicado a Jesus, em cujo nome Tg envia sua epístola e cujo Senhorio a comunidade confessa” (1996, p. 32).

Independentemente de quem seja o autor dessa Epístola homilética, ele conseguiu atingir seu alvo com simplicidade e beleza de estilo, pois a Epístola de Tiago transformou-se num dos mais belos textos universais da conduta ética, como também se transformou em um dos grandes exemplos de textos sagrados sobre a importância da fé e das obras como elementos que autenticam a verdadeira religião. Sua leitura hoje não é menos significativa do que foi no passado. Contrariando Lutero que a classificou como “uma epístola de palha” porque, segundo ele, não refletia a verdadeira mensagem do evangelho e da justificação pela fé, a Epístola de Tiago mostra-se verdadeiramente evangélica e cristocêntrica. A mensagem da Epístola é sempre atual, pois expõe diante dos olhos de todos uma conduta para a humanidade e para o cristianismo, e apela para que os cristãos assumam sua vocação com lealdade. “Os crentes são portadores de uma palavra que não diz respeito somente a eles, mas da qual são responsáveis perante o mundo” (VOUGA, 1996, p. 24).

1.5 Destinatários

Uma vez tratada a questão da autoria da Epístola, cuja ênfase não recai sobre o “servo” incumbido de escrever, mas sobre “o Senhor” que lhe dá autoridade para escrever; parte-se então para ver quais ou quem são os destinatários desse texto.

Ao dirigir-se a seus leitores, o autor da Epístola de Tiago maximiza seus destinatários, identificando-os como “as doze tribos da diáspora” (Tg 1,1). Essa forma utilizada pelo autor para identificar o destinatário da sua Epístola é similar à utilizada na primeira Epístola de Pedro: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos que vivem como estrangeiros da diáspora do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da província da Ásia e da Bitínia” (1Pe 1,1) (BÍBLIA, 2015b, p. 568).

Ao contrário do autor da primeira Epístola de Pedro que nomeia as comunidades dispersas como destinatárias de seu texto, o autor da Epístola de Tiago universaliza ainda mais, utilizando-se apenas do simbolismo numérico, “às doze tribos”. De acordo com Becquet, ao utilizar o número doze, o autor simbolicamente faz referência às doze tribos de Israel, aos doze apóstolos ou às doze tribos do novo povo de Deus. Essa forma de identificar seu destinatário não se restringe apenas ao sentido geográfico e etimológico de ‘diáspora’ como a dispersão do povo de Deus (1991, p. 18). Segundo Krüger, a expressão “às doze tribos da diáspora” representa uma transferência do significado de Israel à Igreja e uma esperança de totalidade e unidade do povo de Deus, como o novo Israel espiritual (2009, p. 99).

Assim, o autor da Epístola, em Tg 1,1, se dirige aos irmãos dispersos sem se prender a uma localidade geográfica particular, sem especificar a que grupo ele se refere, se judaico-cristãos ou gentílico-cristãos. “Ao dirigir-se a seus leitores e leitoras como as doze tribos, Tiago os considera como totalidade e unidade sem nenhuma diferenciação intracristã; também não especifica um lugar geográfico determinado, mas fala a toda igreja” (KRÜGER, 2009, p. 99). Ao longo da Epístola, contudo, alguns sujeitos são particularizados, aos quais o locutor dirige-se diretamente como os ricos, os pobres, os irmãos e o próprio homem, como será visto adiante.

De acordo com Becquet, na Epístola de Tiago não há limites nem fronteiras que impeçam alguém de pertencer ao reino de Deus (1991, p.18), no entanto, o autor da Epístola destaca as diferenças sociais que não deveriam existir no seio do povo de Deus. Por sua vez, Vouga apresenta ideia oposta, afirmando: “A epístola não se detém a fronteiras geográficas, mas, em contrapartida, traça fronteiras sociais. Tg se distancia nitidamente em relação aos ricos...evita sistematicamente chamar os ricos de irmãos” (1996, p. 26-27).

Sendo assim, os ricos não são vistos pelo autor da Epístola de Tiago com os mesmos olhares que são vistos os pobres. Os pobres são chamados de “irmãos”, enquanto os ricos são apenas “ricos”. Vendo por esse ângulo, os ricos não fazem

parte do grupo dos irmãos, pelo contrário, são aqueles que oprimem os fiéis menos favorecidos, buscam os melhores lugares na própria congregação, exigem ser tratados com deferência, ostentam riquezas, levam os pobres aos tribunais, causam contendas e divisões entre os irmãos. Sobre o rico, o autor da Epístola de Tiago retoma a citação do Salmo 103,15-16, um duro discurso escatológico: “Pois ele passará como a flor da erva. Desponta o sol com ardor, seca a erva e a flor cai, e desvanece-se o esplendor que ela tinha; assim também o rico definhará em seus empreendimentos” (Tg 1,10-11) (BÍBLIA, 2015b, p. 558).

Isso, contudo, não significa que os ricos não possam pertencer ao grupo de irmãos. Não é essa a mensagem da Epístola de Tiago, mas o autor reprova os poderosos que oprimem os menos favorecidos, mostrando que assim como um morre, o outro também morre. O importante é praticar a fé genuinamente cristã no Senhor Jesus Cristo, sem acepção de pessoas, quer sejam ricas, quer sejam pobres. Espera-se de todos a mesma disposição para a prática da verdadeira religião, uma fé que se expressa na caridade em qualquer tempo e em qualquer lugar.

A parênese da nossa epístola é uma palavra dirigida ao mundo inteiro, voltando-se para todos e cada um, aqui e ali, mas encorajando também os crentes. Sua interrogação fundamental sobre a dignidade humana e sobre a vocação dos cristãos não se limita a um setor ou a outro (VOUGA, 1996, p. 26).

É interessante notar, como já foi salientado, que o autor da Epístola de Tiago, ao usar o sintagma “às doze tribos da diáspora”, não mais se refere ao Israel histórico, porque as tribos não mais existiam, mas se refere às comunidades de “irmãos” espalhadas pelo mundo. Como proposta de interpretação, pode-se dizer que se refere também ao novo povo de Deus de todos os tempos, mostrando que onde quer que ele esteja, está em situação de diáspora, é forasteiro. Os cristãos são apenas peregrinos em terra estranha, porque o seu reino é o de Deus, portanto, não se deixam “contaminar pelo mundo (Tg 1,27b) (BÍBLIA, 2015b, p. 559).

Essa ausência do mundo, não significa alienação, ou uma vida de contemplação e abstração, pelo contrário, se mostra numa vida alternativa em que a fé se revela em ações incomuns ao estilo do mundo. “Tiago exorta a viver a fé e a salvação na cotidianidade, na superação de conflitos antropológicos, comunitários e sociais. Aqui se evidencia a fé viva” (KRÜGER, 2009, p. 101). A mensagem da Epístola de Tiago não está num evangelho contemplativo de Deus, mas na obediência a Deus:

A fé não acha sua realização num ideal de abstração, mas no enfrentamento fiel e perseverante da precariedade e do sofrimento; que ela não deixa um campo livre a um conformismo social – às leis da sociedade, à ambição ou ao arrivismo -, mas que ela dá testemunho de um combate libertador contra o fascínio dos poderes deste mundo (Tg 4,1-10) (VOUGA, 1996, p. 29).

Diante disso, a expressão “diáspora” usada pelo autor da Epístola de Tiago representa muito bem qual é a verdadeira identidade da Igreja cristã, qual é a verdadeira situação das comunidades cristãs no mundo: “[...] elas se encontram como “estrangeiras”. O mundo não é sua pátria, não é do mundo que elas tiram sua identidade; o mundo é o lugar no qual e diante do qual elas são chamadas a resistir” (VOUGA, 1996, p. 39).

1.6 Conteúdo

Sabendo-se quem são os destinatários de sua Epístola, os que são forasteiros e peregrinos numa terra estranha, o autor apresenta seu conteúdo com as características próprias de um discurso moral sobre o comportamento do cristão em sua própria comunidade e no mundo. Em seu discurso, percebem-se a ausência de uma parte estritamente teológico-doutrinal e a ausência de uma estrutura formal rígida, mas os momentos sucessivos de exortação, presentes na Epístola de Tiago, dão ao texto uma visão de conjunto coerente.

Há de se destacar que o autor detém vasta cultura. Ele tem familiaridade com a tradição veterotestamentária e judaica, além de um profundo saber sobre a cultura helênica, pois demonstra conhecimento dos clássicos gregos e da retórica moralista dos cínicos e estoicos. Além disso, seu vocabulário é riquíssimo, cheio de figuras de linguagem, metáforas, comparações, símiles e neologismos e ele emprega toda essa riqueza de conhecimentos para transmitir o conteúdo de sua Epístola com bastante clareza:

Nosso autor serve-se de suas referências literárias com muita precisão para iluminar o mundo que o circunda e interpretar a realidade que descreve. As citações do AT estão ladeadas por remessas a Epiteo ou a Sêneca, os temas evangélicos ornam-se de fórmulas da sabedoria helenística e os oráculos proféticos enfeitam-se com alusões a Hipócrates ou a Sófocles (VOUGA, 1996, p. 18).

A Epístola de Tiago não está alheia ao debate e às questões próprias de sua época. Isso mostra que seu autor tinha conhecimento da realidade do mundo de seu tempo, e, com autoridade, expôs seu pensamento através de um texto de fácil

compreensão para seus ouvintes. A compreensão da mensagem da Epístola é facilitada graças à simplicidade da linguagem carregada de figuras e de referências a diversos objetos do cotidiano, como o espelho, o freio e o leme, (Tg 1,26; 3,3-4). Todos esses elementos ilustram e clarificam a compreensão do texto, mostrando aos ouvintes sua verdadeira condição.

O debate da Epístola de Tiago não é propriamente sobre a doutrina cristã, como já foi mencionado, mas sobre como os irmãos deveriam viver uma vida de fidelidade segundo a fé que professam como princípios norteadores para os conduzir nesse mundo. Sendo assim, o tema da Epístola de Tiago tem a ver mais com a fidelidade do que com a formulação da fé. Na busca de uma fé autêntica, a Epístola critica uma religião de conformismo e sem compromisso com a obediência ao Evangelho.

Epístola de Tiago reprovava um cristianismo de aparências, descomprometido com valores que lhe são próprios. Faz uma censura à fusão dos valores cristãos com os valores do mundo, mostrando, para seus ouvintes, a incompatibilidade entre a amizade com o mundo e o relacionamento com Deus, (Tg 4,4). Desaprova principalmente os que justificam suas atitudes com desculpas infundadas ou mesmo com argumentos jactanciosos e arrogantes de autossuficiência. Contra esses, o autor da Epístola mostra-se bastante severo, classificando-os de “infiéis” ou “adúlteros”.

Dessa maneira, o autor da Epístola de Tiago lembra a seus leitores que a amizade com o mundo é comparada ao adultério, algo que eles condenavam tão severamente, seguindo os costumes antigos. Para eles, o adultério constituía pecado imperdoável, cuja consequência era a morte. Sobre essa questão do adultério, o Decálogo é imperativo, (Ex 20,14). No caso de Israel, a morte deveria ser por apedrejamento, dada a gravidade do pecado e a repugnância que a sociedade tinha contra essa prática e contra seus praticantes:

O adultério de um homem com uma mulher casada é severamente punido: os dois cúmplices são condenados à morte, Lv 20,10; Dt 22,22 ... A pena se executa mediante apedrejamento, segundo Dt 22,23s; Ez 16,40; cf. Jo 8,5; entretanto, é possível que, antigamente, se aplicasse a pena do fogo: Judá condenou sua nora Tamar a ser queimada viva, porque suspeitou que ela havia se entregado a um homem sendo viúva de seu filho Er (DE VAUX, 2003, p. 59).

Levando em consideração que, nos profetas, a imagem do adultério era usada para caracterizar o abandono do Senhor, Deus de Israel, e o votar-se para

outros deuses, o autor da Epístola, alertaria que flertar com o mundo dizendo-se cristão, constitui grave pecado de adultério. Ao saber dessas coisas, portanto, o cristão afasta-se do mundo e submete-se a Deus, com sinceridade e fidelidade, porque, como diz o autor da Epístola de Tiago: “Quem sabe praticar o bem e não o faz comete pecado” (Tg 4,17) (BÍBLIA, 2015a, p. 562).

Como já foi salientado e conforme se vê aqui, a Epístola de Tiago não aborda um só tema, mas se tiver que apontar um conteúdo central para sua mensagem, pode-se apresentar a questão ética e prática como foco da Epístola. Seu tom ético-cristão pode ser verificado na vivência religiosa do crente, ao enfrentar o sofrimento com paciência e resistência, ao se preocupar com os pobres e na maneira de se portar nesse mundo. Para apresentar esses subtemas, que às vezes parecem desconexos, o autor utiliza o sofrimento como tema geral, iniciando e fechando sua Epístola com esse assunto, e a partir dele dá uma estrutura para o desenvolvimento da mensagem da Epístola, mostrando que o jeito ético-cristão de viver a fé prepara o crente para a vida no reino de Deus.

1.7 O plano da Epístola

Tendo sido apresentados tema e conteúdo, expõe-se agora algumas propostas de divisão da Epístola de Tiago em esquemas de leituras, que ajudam a elucidar algumas questões práticas referentes ao texto e a sua interpretação.

Vouga afirma que a forma de divisão do texto implica e determina sua interpretação. No caso da Epístola de Tiago, algumas articulações são evidentes, como os capítulos 2 e 3 que constituem duas unidades distintas de seu contexto, e, os capítulos 1, 4 e 5 que formam outra unidade muito discutida. A perícopes de Tg 1,1-18 forma um todo, mas não se pode precisar onde, de fato, pode-se fazer um corte, se nos vv. 12/13 ou nos vv. 19a/19b ou antes que vv. 18/19. As perícopes de 1,19-27; 4,1-10; 5,7-11 estão ligadas às que precedem ou às que sucedem? Que lugar têm, no texto, as invectivas de Tg 4,13-17 e Tg 5,1-6? (1996, p. 20-21).

Uma sugestão encontrada em Vouga, que está baseada num inquérito histórico-crítico propõe a seguinte divisão da Epístola:

- 1,1: endereço e saudação epistolares
- 1. 1,2-18: suportar as provações
 - 1,2-4: o tema: a prova da fé.
 - a) 1,5-8: resistir à dispersão

- b) 1,9-11: resistir às riquezas
- c) 1,12: bem-aventurança daquele que suporta a provação
- d) 1,13-19a: resistir aos determinismos
- 2. 1,19b-3,18: *realizar a palavra e resistir às relações de força*
1,19b-27: o tema: a obediência da fé.
 - a) 2,1-13: resistir às forças da discriminação
 - b) 2,14-26: arriscar a fé
 - c) 3,1-13: vigiar a linguagem
 - d) 3,14-18: serviço e domínio da sabedoria
- 3. 4,1-5,20: *dar testemunho da providência de Deus diante dos poderosos*
4,1-10: o tema: a fidelidade da fé
 - a) 4,11-12: a palavra e o respeito
 - b) 4,13-17: palavras aos homens de negócio
5,1-6: palavras aos ricos
5,7-11: palavras aos crentes
 - c) 5,12: viver na verdade e na clareza
 - d) 5,13-18 acompanhar os doentes e curar os pecadores
5,19-20: reconduzir os extraviados (1996, p. 21-22).

Além dessa divisão da Epístola apresentada acima, propõe-se este quadro

de leitura da Epístola de Tiago:

Epístola de Tiago	Temas (o quê?)	Subtemas (como?)	Consequências (Por quê?)
A. Tg 1,1	Endereço e Saudações	O autor apresenta-se como servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Simbolicamente se dirige a todos os que são chamados ao Reino de Deus.	
B. Tg 1,2-18	Edificação da fé/Prática da Palavra	Provação/alegria	Perseverança/resistência às provações
C. Tg 1,19-3,18	Fé prática	Realização da palavra / obras	Resistência às relações de forças
D. Tg 4,1-5,20	Vocação	Testemunho	Fidelidade

De acordo com o quadro proposto, a Epístola de Tiago pode ser dividida assim:

A. Endereço e saudação, (Tg 1,1)

“Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos da diáspora: alegrai-vos” (BÍBLIA, 2015a, p. 558).

Usando essa forma de apresentação e saudação, o autor da Epístola de Tiago garante sua autoridade para se dirigir aos crentes, pois essa autoridade não vem dele mesmo, mas do Senhor Jesus Cristo. Em Tg 1,1, o autor se dirige a seu destinatário de forma a que ninguém se sinta excluído do novo povo de Deus. Cientes

da pertença a esse novo povo, todos são chamados a uma fé prática que se manifesta através das obras.

O autor Epístola de Tiago, apesar de usar uma forma muito genérica ao se dirigir aos destinatários como às doze tribos de Israel, alguns destinatários aparecem explícitos no interior do texto, enquanto outros, aparecem de forma implícita, mas para cada grupo específico, o autor tem uma mensagem que transcende o próprio grupo, aplicando-se 'às doze tribos da diáspora', ou seja, às comunidades cristãs.

Pimentel afirma o seguinte sobre os destinatários da Epístola de Tiago:

La carta de Santiago tiene unos destinatarios explícitos y otros implícitos. De hecho él se dirige a "las doce tribus dela Dispersión" (1,1). Sin embargo la carta no estaría dirigida a todos los judíos que vivían en la diáspora, sino más bien a los/as cristianos/as de origen judío dispersos en el mundo greco-romano¹⁶.

B. Edificação da fé cristã, (Tg 1,2-18)

Nesse ponto, autor da Epístola de Tiago começa a tratar do processo de edificação cristã que será fruto da Palavra na qual o cristão é gerado e na resistência diante das variadas provações. A existência cristã encontra nas dificuldades e vicissitudes desse mundo um meio para o aprimoramento da fé. O enfrentamento das provas pode atestar o caráter do crente fiel, aperfeiçoando-o e preparando-o para a glória vindoura. Esse enfrentamento das provações produz as qualidades que se esperam dos crentes, resistência e perseverança. Para o autor da Epístola de Tiago, esse objetivo tem que estar muito claro para o crente, que não deve encarar as provações como se fossem da parte de Deus, pois Deus a ninguém prova ou tenta. O autor da Epístola deixa claro que o mal não tem sua origem em Deus, e contrasta isso com a afirmação de que de Deus só procede tudo que é bom e perfeito. Por isso, o autor afirma que as provas devem ser encaradas com alegria, pois delas o crente fiel pode tirar proveito para seu crescimento e amadurecimento espiritual:

Considerai, irmãos meus, uma alegria perfeita passardes por diversas provações sabendo que a prova de vossa fé produz perseverança. Que a perseverança se torne uma obra perfeita, a fim de serdes perfeitos e íntegros, sem falhar em nada (Tg 1,2-4) (BÍBLIA, 2015a, p. 558).

¹⁶ A carta de Tiago tem uns destinatários explícitos e outros implícitos. De fato, ele se dirige às doze tribos da Dispersão (1,1). Porém a carta não estaria dirigida a todos os judeus que viviam na Diáspora, mas sim a todos os cristãos de origem judaica dispersos no mundo greco-romano.

As consequências para quem age segundo essas prescrições só podem ser felicidade e vida eterna conforme se encontra no texto: “Feliz o homem que persevera na provação, porque, tendo sido aprovado, receberá a coroa da vida prometida àqueles que o amam” (Tg 1,12) (BÍBLIA, 2015b. p. 558). Desse modo: “A existência crente encontra, nas dificuldades que enfrenta, o lugar para se forjar e se edificar. Ele se constrói na resistência e na perseverança. É aqui que ela encontra sua coesão e sua realização” (VOUGA, 1996, p. 22-23).

C. Fé prática, Tg (1,19-3,18)

Assim, edificados na fé, os cristãos são compelidos à prática da palavra da fé. Os crentes são chamados a vivenciarem na prática a sua vocação, não se contentando apenas em ouvir a Palavra, mas vivenciá-la nas ações de resistência às injustiças sociais, na realização de obras de caridade, no domínio próprio e na busca da verdadeira sabedoria que vem de Deus. O autor de Tiago apela, portanto, a todos os cristãos: “Sede, contudo, praticantes da palavra e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22) (BÍBLIA, 2015a, p. 559). Isso significa, segundo Vouga, libertar-se do fascínio e das determinações das forças desse mundo. A fé é a força que rege o cristão através de ações de amor e solidariedade. “Ora é na solidariedade desinteressada que se manifesta a salvação” (VOUGA, 1996, p. 23).

D. Vocação cristã, (Tg 4,1-5,20)

Na Epístola de Tiago as comunidades cristãs são constantemente desafiadas à ação em favor dos pobres e uns dos outros, no atendimento aos órfãos e às viúvas, na prática da justiça em favor dos que são usurpados e explorados pelos ricos, no suprimento das necessidades básicas como o pão e a vestimenta. As comunidades são desafiadas a viverem um estilo de vida que as diferenciam do mundo, a viver a lei do amor ensinada na Epístola como a lei da liberdade, na prática da Palavra da justiça e na solidariedade comunitária.

La comunidad de discípulos/as tiene el desafío de escuchar la Palabra de Dios con docilidad, desde las exigencias de su realidad, y convertirla en proyectos de solidaridad como el único camino para encontrar sentido a la vida, para encontrar la verdadera felicidad (1,22-25). Y las obras tienen que ver con la comida y con el vestido de los/as débiles; o sea,

con las necesidades fundamentales de los/as más empobrecidos/as (PIMENTEL, 1998, p. 75)¹⁷.

Nesse ponto, o autor da Epístola de Tiago chama os cristãos a uma vida de testemunho, através de várias ações práticas, conclamando-os a viver a vocação, ao envolvimento com a causa e à obediência fiel à Palavra de Deus. Para justificar seu argumento, ele apresenta Abraão e Raab como exemplos de pessoas que foram justificadas através de seu testemunho prático. Para essas pessoas, a fé não era simplesmente discurso, era ação. Esse é um debate que a princípio parece contradizer o que diz o discurso paulino, mas o autor da Epístola de Tiago combate o descompromisso da “fé”. Para ele, fé sem compromisso não justifica o homem, conforme se encontra no seu texto: “Assim também a fé: se ela não produz obras, está completamente morta” (Tg 2,17) (BÍBLIA, 2015b, p. 560).

Com isso, o autor da Epístola em estudo não está enfatizando a justificação por méritos humanos, mas destaca que fé e obras são inseparáveis. Ele compara a dinâmica da fé com a dinâmica do corpo, como afirma no texto: “Assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2,26) (BÍBLIA, 2015b, p. 560). Então:

Reconhece-se a fé pela vigilância e pela atenção que dedica à realidade circundante. As figuras que são evocadas por sua fé – Abraão e Raab – por exemplo, são personagens que viveram na obediência lúcida e que arriscaram sua vida” (VOUGA, 1996, p. 23).

Em Tg 4,1-5,20, o resultado que se espera é a coerência entre atitudes e palavras, pois desde os primeiros versículos desse texto, o autor está enfatizando a relação entre o dizer e o fazer. O discurso da fé não pode ser diferente do discurso da prática das boas obras. “A vocação que lhes é dirigida comporta, no entanto, exigências para eles mesmos” (VOUGA, 1996, p. 24). Dessa maneira, é requerida do cristão uma vida de clareza, tanto no que diz, quanto em seu comportamento.

O autor apresenta como modelo o exemplo de Jó, (Tg 5,11), que perseverantemente guardou sua fé, vivendo sua vocação de forma coerente. Assim, o autor chama seus destinatários a viverem na retidão das palavras, na retidão dos compromissos pessoais com o próximo; na prática da solidariedade, tanto na alegria

¹⁷ A comunidade de discípulos tem o desafio de escutar a Palavra de Deus com docilidade, desde as exigências de sua realidade, e convertê-la em projetos de solidariedade como o único caminho para encontrar sentido para a vida, para encontrar a verdadeira felicidade (1,22-25). E as obras têm que ver com a comida e o vestido dos débeis; ou seja, com as necessidades fundamentais dos mais empobrecidos.

quanto na tristeza, na comunhão das orações uns pelos outros, e por fim, uma vida de perdão e de amor fraternal, (Tg 5,12-20).

O tema trabalhado com muita ênfase pelo autor da Epístola é fé e obras, que se encontra detalhado na pequena perícopre de Tg 2,14-26, onde estão quase todas as ocorrências das palavras fé e obra encontradas na Epístola. Além de tratar o tema da justificação em aparente contradição com o Apóstolo Paulo, o autor da Epístola de Tiago dá um significativo destaque para a palavra obra. Dessa discussão entre fé e obra vem a polêmica: afinal, o cristão é justificado pela fé, como afirma o Apóstolo, ou a justificação é pelas obras, como parece defender o autor da Epístola? Fé é intelectualidade, ou fé é existência? Os exemplos práticos utilizados pelo autor da Epístola, o que provam sobre a polêmica da fé e das obras dentro do processo de justificação? Essas são algumas questões que servem para introduzir o capítulo 2, que trabalhará especificamente a fé e as obras na Epístola de Tiago, destacando a perícopre de Tg 2,14-26.

2. FÉ (*πίστις – pístis*) E OBRA (*ἔργον – érgon*) NA EPÍSTOLA DE TIAGO

Uma vez que o capítulo 1 esclareceu que não é possível determinar quem escreveu esta Epístola, os estudos mais recentes preferem atribuir a um autor anônimo que utilizou o nome de Tiago como forma de homenagear o líder da igreja de Jerusalém e para dar autoridade a seu texto, pois Tiago era bem-conceituado entre os apóstolos e a igreja daquela época. Esta Epístola possivelmente teria sido escrita entre a segunda metade do século I e início do século II e destinada às comunidades de judeu-cristãos espalhadas pelo mundo por causa da diáspora. A partir desses esclarecimentos fica mais fácil entender alguns aspectos da Epístola, pois muitos recursos de linguagem empregados pelo autor são conhecidos de um público de cultura judaica, mas também, conhecidos de um público de cultura helenística. Assim, o autor tenta atingir o maior número possível de pessoas com sua mensagem, pessoas se propunham a levar uma vida de fé, mas de alguma maneira, se encontravam embaraçadas com temas polêmicos, com provações, ou as dificuldades sociais enfrentadas pelos irmãos, além dos problemas internos das comunidades onde as igrejas estavam inseridas.

Neste capítulo, serão trabalhadas as palavras fé e obra com o intuito de verificar o sentido de cada uma dessas palavras. As palavras fé e obra serão analisadas a partir de seus diversos significados cotidianos, em que ganham uma variedade de significações.

A palavra fé abrange outras dimensões, que necessariamente, passam pela verdade de algo para as pessoas. Nesse caso, é crença de que existe algo para além da compreensão comum. Por isso, será trabalhada a semântica da fé, num contexto mais geral, em duas vertentes, uma mais ligada à relação pessoal, subjetiva, existencial e outra mais intelectual. Seu campo situa-se na conotação que a palavra ganha na espiritualidade e na experiência pessoal com o que é sagrado e divino. Por isso, serão abordadas fé e obra no contexto bíblico desde sua origem, o ato de fé como atitude essencialmente humana, o acolhimento, a adesão à fé e seu conteúdo que, para os que creem, trata-se do próprio Cristo.

Nessa mesma linha discursiva, serão trabalhados alguns aspectos da palavra obra, desde seu sentido mais comum, como algo resultante de uma ação de trabalho, obra no sentido mais religioso e obra como consequência de uma vida realmente cristã.

Na Epístola de Tiago, a palavra obra tem uma significação material, mas também traz a dimensão teológico-religiosa, como as obras de Deus e de Jesus Cristo. Diante disso, a palavra obra sai do campo da legalidade, para a ação produzida por uma motivação que tem sua origem em Deus, e que é reflexo de uma fé operante e genuína. Assim como as obras de Deus e de Jesus Cristo são a expressão de seu caráter, as obras do cristão também são expressões de uma vida relacional comprometida com Deus.

2.1 A semântica da palavra fé (πίστις – *pístis*)

A palavra fé tem sentidos variados. Às vezes, fé está relacionada com o ambiente do comércio e tem a ver com a construção de uma relação de confiança, de crédito e de fidelidade. Serve para garantir os pactos e as fianças entre parceiros comerciais. Também apresenta o sentido de prova, ou seja, aquilo que garante que a coisa é genuína, no sentido de dar fé, firmar e garantir.

Na Língua Portuguesa, a palavra fé é empregada como sinônimo de “crédito comprovação, testemunho” (HOUAISS, 2011, p. 430). Nesse sentido, serve para comprovar o que se diz, como também, para validar uma documentação. A palavra fé serve para afirmar a “autoridade que os documentos públicos têm e faz com que sejam considerados verdadeiros” (BECHARA, 2011, p. 633).

No Dicionário de Filosofia Abbagnano, fé significa “crença religiosa, como confiança na palavra revelada” (2012, p. 501). Destaca, contudo, que enquanto crença em geral é o compromisso com uma noção qualquer; a fé, para além de uma crença, é o compromisso com “uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade” (2012, p. 501). Como se percebe, os significados da palavra fé são vários, carrega uma rica bagagem semântica, principalmente se considerada no campo religioso e bíblico. Nesse campo, a fé assume o sentido de “convicção da verdade de algo”, o que não diverge dos sentidos denotativos apresentados anteriormente.

No campo bíblico-religioso, a fé é uma convicção que diz respeito ao relacionamento de confiança e fervor do homem para com Deus. Fé, nesse campo, tem aspectos distintos, que dizem respeito a Deus como criador e provedor; significa: “a convicção de que Deus existe, é o criador e governador de todas as coisas, o provedor e doador da salvação eterna em Cristo” (STRONG, 2002, p. 1596).

2.1.2 Fé no Antigo Testamento

No Antigo Testamento a palavra empregada no sentido de fé, geralmente é *emunah*, mas suas conotações são variadas, de acordo com o pensamento de Bentsion sobre o conceito de fé: *emunah*, no *Tanakh* (Antigo Testamento). A palavra *emunah* encontrada em Êxodo 17,12 tem significado de firmeza, pois enquanto as mãos de Moisés se mantinham erguidas e firmes, Israel prevalecia na batalha. Em Dt 32,4 a palavra *emunah* aparece no sentido de fidelidade e confiança: “Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça” (BÍBLIA, 2013, p. 251). Em Dt 32,20 encontra-se *emunah* no sentido de lealdade: “E disse: Esconderei deles o rosto, verei qual será o seu fim; porque são raça de perversidade, filhos em quem não há lealdade” (BÍBLIA, 2013, p. 252). O autor está afirmando que Deus é de confiança, e convida à lealdade.

Os profetas também empregavam a palavra *emunah* com o significado de fidelidade e lealdade (1 Sm 26,23; 2 Rs 12,15; 22,7). Os mesmos atributos de Deus são legados à sua Palavra. O profeta Isaías apresenta a Palavra de Deus como digna de confiança: “Ó Senhor, tu és o meu Deus; exaltar-te-ei a ti e louvarei o teu nome, porque tens feito maravilhas e tens executado os teus conselhos antigos, fiéis e verdadeiros” (Is 11,5) (BÍBLIA, 2013, p. 796). Nos Salmos, essa palavra *emunah* aparece com relativa frequência (Sl 33,4; 36,5; 40,10; 89,1-9; 92,2; 100,5; 119,30; 119,86; 143,1) para exaltar Deus e sua fidelidade, bem como para afirmar que os caminhos de Deus são retos, suas palavras fiéis e verdadeiras e que Deus atende a súplica daquele que vive em fidelidade.

Na Bíblia, portanto, fé é confiança em Deus, o soberano que criou e governa tudo pela força da sua palavra, como se descreve em Gn 1,1 e 3: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. Disse Deus: haja luz; e houve luz” (BÍBLIA, 2015a, p. 6). Toda atitude do homem que busca encontrar-se com Deus, seu criador, significa fé. Por outro lado, Bauer afirma o seguinte: “a fé para a Bíblia é a atitude que busca encontrar a ele, Deus, em todas as coisas e acontecimentos, a ele que pode dar a tudo o seu sentido último” (1973, p. 412). Por sua vez, Latourelle e Fisichella afirmam:

Para a Bíblia, a fé é a resposta integral do homem a Deus, que se revela como salvador. Ela acolhe as palavras, as promessas e os mandamentos de

Deus; é simultaneamente submissão confiante a Deus que fala, e adesão do espírito a uma mensagem de salvação (1994, p. 319).

A fé envolve uma resposta do homem a Deus, que toma a iniciativa de revelar-se como o criador, como divino e como salvador. A resposta do homem se dá através do acolhimento e adesão à palavra revelada, que gera confiança expressa através de uma relação de intimidade do homem com Deus, conforme os dois aspectos da fé: consentimento e aceitação intelectual; obediência aos princípios da revelação, como submissão, entrega irrestrita e esperança na promessa.

Descrever a fé de acordo com o Antigo Testamento é narrar a história de uma religião da Aliança. Bauer afirma que “a fé vétero-testamentária se origina de uma religião histórica: a Aliança. A fé é a primeira resposta do povo à Aliança” (1973, p. 412). Segundo a narrativa do Antigo Testamento, esse pacto foi firmado por Deus com o patriarca Abraão, que Ele escolheu para ser uma bênção para todas as nações:

E o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, te abençoarei e engrandecerei o teu nome; sê tu uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei quem te amaldiçoar; e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti (Gn 12,1-3) (BÍBLIA, 2015a, p. 25).

A iniciativa da aliança não foi do patriarca Abraão, foi uma iniciativa divina, segundo afirma Cosaert:

A base da aliança de Deus com Abraão estava centralizada nas promessas de Deus a ele, Deus fez quatro promessas a Abraão. As promessas do Senhor a Abraão foram incríveis porque foram completamente unilaterais (2017, p. 61).

Deus fez a promessa, o homem confiou e se entregou, modelando a vida à obediência às regras pactuadas na aliança, como ocorreu com o patriarca Abraão: “Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15,6) (BÍBLIA, 2015a, p. 24). Durante o período patriarcal, a fé se estabelece como convicção na aliança e na ação de Deus, as quais o fiel responde com uma entrega irrestrita e ilimitada. Latourelle e Fisichella, também comungam com essa ideia, pois afirmam:

Crer, de fato, significa, no AT, entregar-se a Deus (Gn 15,6, Ex 14,31; Nm 14,11), entregar-se à palavra salvífica de um Deus que conduz a história e que fez aliança primeiro com os pais e depois com “seu povo”, Israel. Assim Abraão confiou sem reservas na promessa de Deus, plenamente persuadido de que esta se cumpriria (1994, p. 319).

No Antigo Testamento, há dois paradigmas para a compreensão de fé: lealdade inabalável a YHWH e gratuidade da escolha, que se podem constatar através das personagens Abraão e Davi. Freedman destaca que ambos têm duas características comuns de fé:

Abraham and David are paradigmatic for an understanding of faith. The common characteristics of the two are their unswerving loyalty to Yahweh even in the face of what appear to be insurmountable obstacles, and second is the purely gratuitous character of their chosenness. (1992, p. 745)¹⁸

No período profético, a fé se expressa na conotação de confiança e lealdade. O povo é convocado a crer, mesmo diante das mais adversas situações, em que “o poder dos homens é aniquilado, a fraqueza humana é salva, Zac 4,6” (BAUER, 1973, p. 414). No trecho do profeta Zacarias 4,6, é garantido a Zorobabel que a reconstrução do Templo e os propósitos de Deus se cumpririam independentemente de força e de poder humanos, mas sob a garantia do Espírito do Senhor.

Nesse contexto de retorno do exílio babilônico, vê-se a conotação de fé, quando Esdras, ao conduzir o povo de volta a Jerusalém, pede proteção a Deus através de um jejum, ao invés de pedir uma escolta ao rei para lhes garantir segurança na viagem. “Então apregoei ali um jejum junto ao rio Aava, para nos humilharmos perante o nosso Deus, para lhe pedirmos jornada feliz para nós, para nossos e para tudo que era nosso” (Ed 8,21) (BÍBLIA, 2015a, p. 608). Segundo Bauer, tomando o exemplo do rei Acáz, Is 7:

Esta fé heroica é ensinada e vivida de maneira perfeita pelo Profeta Isaías. A pregação do Profeta de um lado, e o comportamento do rei e do povo, de outro, podem assim ser seguidos através de todo o livro: uma pregação que sempre de novo exige a fé e somente a fé (1973, p. 415).

Freedman, usando o mesmo exemplo do rei Acáz apresentado em Is 7, descreve:

The prophetic message reflects not primarily an ethical instruction, but rather a call to an ongoing relationship of trust. If one considers the parade example of faith in Isa 7:9, where Ahaz's timidity is reprimanded by a reminder of the power of Yahweh, (Pfeiffer, 1959, 160-62), it is clear that the faith which Ahaz is called to exhibit is not an intellectual act but an act of trust in the action of the God of Israel (1992, p. 747)¹⁹.

¹⁸ Abraão e Davi são paradigmáticos para uma compreensão da fé. As características comuns dos dois são a sua lealdade inabalável a Yahweh, mesmo em face do que parecem ser obstáculos insuperáveis, e segundo, o caráter puramente gratuito de sua condição de escolhidos.

¹⁹ A mensagem profética não reflete primariamente uma instrução ética, mas um chamado para uma relação contínua da confiança. Se considerarmos o exemplo de fé apresentado em Is 7,9, onde a timidez de Acáz é repreendida pela recordação do poder de Yahweh, é claro que a fé que Acáz é chamado a mostrar não é um ato intelectual, mas um ato de confiança na ação do Deus de Israel.

Esta fé, como descreve Bauer, também foi ensinada um século depois de Isaías, pelo Profeta Habacuque, que, diante da iminente invasão dos caldeus, é exortado a escrever uma mensagem de fé para fortalecer o povo. “Habacuc, que diante da invasão caldaica não sabe pregar outra coisa senão a fé para fortalecer o povo desesperadamente amedrontado: o Profeta está à escuta de Deus” (1973, p. 415). Assim diz o Profeta Habacuque:

Então o Senhor me respondeu e disse: escreve a visão em tábuas, de forma bem legível, para que até quem passe correndo possa lê-la, pois, a visão é ainda para o tempo determinado e se apressa para o fim. Ainda que demore, espera-a; porque certamente virá, não tardará. Vede o arrogante! A sua alma não é correta; mas o justo viverá por sua fé (Hc²⁰ 2,2-4) (BÍBLIA, 2010, p. 1343).

Essa perícopre apresenta que, mesmo diante da demora da resposta, o povo é conclamado a ter fé, por isso, a mensagem seria exposta em letras legíveis para que todos tivessem acesso a seu conteúdo. Essa perícopre de Hc 2,4 será retomada no Novo Testamento em Rm 1,17; Gl 3,11 e Hb 10,38 para fundamentar a doutrina da justificação pela fé. A ênfase é na fidelidade de Deus, pois preserva o povo que responde à escuta de Deus com uma fé ilimitada e irrestrita, pela qual se submete com inteira confiança aos desígnios de Deus e experimenta a plenitude das bênçãos e da segurança prometidas aos fiéis. Bauer sintetiza da seguinte maneira:

Pode-se ver toda a história do povo eleito situada entre duas atitudes: ou crer contra o que o homem vê, e o auxílio de Deus não faltará, ou confiar nas próprias forças, não entregar-se a Deus, não crer em Deus, e então Deus deixará o povo nas suas dificuldades (1973, p. 415).

Essa mesma exigência que se faz ao povo, é também requerida do fiel, que, tomado singularmente, segue a mesma lógica de fé, como é exposta no livro de Jó, cujo personagem principal, sem o mínimo conhecimento do prelúdio contextual do conflito cósmico que se passa no céu, vê-se mergulhado numa terrível fase de provação. Não obstante, todas as adversidades sofridas, crê e afirma convictamente: “Ele poderá matar-me; mas não tenho outra saída! Contudo, defenderei meus caminhos diante dele” (Jó 13,15) (BÍBLIA, 2010, p. 813). E confirma em seguida:

Eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim (Jó 19,25-27) (BÍBLIA, 2015a, p. 666).

²⁰ Hc é a abreviatura de Habacuque, segundo a versão Revista e Atualizada da Bíblia, tradução de João Ferreira de Almeida que é adotada neste trabalho.

A fé, segundo a narrativa do Antigo Testamento, é confiança na aliança que Deus estabelece com um povo, que é chamado a entregar-se de forma irrestrita para viver uma fé que resiste a todo tipo de adversidade sem perder a confiança e a esperança no que fora prometido na aliança. O povo é convocado a ser justo, a viver de maneira coerente com os princípios estabelecidos no pacto. Essa mensagem de justiça, de ética e de esperança deve ser anunciada para que todos tenham acesso à justiça que provém da fé, pois “o justo viverá da fé”. O justo faz sua adesão a Deus confiando plenamente na aliança, na promessa e na ação de Deus, portanto, “fé é resposta a essa ação de Deus” (BAUER 1973, p. 412).

2.1.3 Fé no Novo Testamento

No Novo Testamento, fé é a tradução da palavra (*πίστις – pístis*) do grego. Rusconi apresenta dois sentidos para a palavra (*πίστις – pístis*), “confiança e conhecimento dos crentes” (2003, p. 375). Fé enquanto assentimento cognitivo a um conteúdo, e fé existencial, enquanto atitude de confiança. Quanto mais se desenvolve o aspecto cognitivo da fé (*πίστις – pístis*), através do aprofundamento do conhecimento da Revelação, que se dá a conhecer: “porque o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou” (Rm 1,19) (BÍBLIA, 2015a, p. 1458), mais se desenvolve o aspecto existencial da fé (*πίστις – pístis*), que se revela nas atitudes de confiança e na prática das obras de caridade.

O assentimento intelectual da fé começa com a aceitação do reino de Deus, proposto através da pregação de Jesus, pois tudo que fora prometido na antiga aliança encontra seu cumprimento na vida e na obra de Jesus de Nazaré. Para os cristãos, fé significa crer no Deus criador, regente, provedor e doador da salvação. A fé também significa confiança em Jesus Cristo como Messias, por meio do qual se obtém a salvação e o acesso ao reino de Deus. Para esse grupo específico, a fé tem um caráter relacional do homem com Deus.

A fé, segundo propõem os evangelhos, é a condição necessária para as bênçãos do reino propagadas pelo Messias, como é descrito por Latourelle e Fisichella:

A fé, exigência primária de Jesus, é, segundo os sinóticos, a condição suficiente para a salvação. Nos Atos não se exige nada mais para a

purificação dos corações e a aceitação da salvação; segundo João, a fé é o caminho do homem inteiro – conhecimento e compromisso – que se dirige à pessoa de Jesus Cristo (1994, p. 319).

Somente um ser dotado de inteligência pode ter fé. Sendo assim, a fé é um ato genuinamente humano, mas a origem da fé não está no homem, como afirma Bauer “o homem não pode produzir por si mesmo a fé; esta deve ser-lhe dada por Deus” (1973, p. 426). Deus se revelou falando “aos pais muitas vezes e de muitas maneiras; nestes últimos dias, porém, ele nos falou pelo Filho, a quem designou herdeiro de todas as coisas e por meio de quem também fez o universo” (Hb 1,1-2) (BÍBLIA, 2010, p. 1748). O homem é chamado a responder a essa revelação:

A genuína fé bíblica é sempre uma resposta ao Senhor. A fé não é algum tipo de sentimento ou atitude que a pessoa decide tomar, em algum momento, porque Deus existe. Ao contrário, a verdadeira fé se origina em um coração tocado por um sentimento de gratidão e amor pela bondade de Deus (COSART, 2017, p. 48).

Segundo atestam Latourelle e Fisichella, “embora a fé, para ser um ato verdadeiramente nosso, deva encontrar em nós sua raiz ou proceder de nossas faculdades, é em Deus mesmo que tem sua fonte originária” (1994, p. 321). Fé, assentimento intelectual, tem origem em Deus, mas encontra sua nitescência no homem. Assim, o ato de fé necessita da inteligência, que segundo Latourelle e Fisichella é a “testemunha da origem divina e da radicalidade da fé. A entrega plena envolve a inteligência, o coração, o comportamento, e o gesto: atinge-nos em todas as nossas dimensões” (1994, p. 322). Como descreve a *Dei Verbum* I,5:

A Deus que revela é devida a «obediência da fé» (Rom. 16,26; cfr. Rom. 1,5; 2 Cor. 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo «a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade» (4) e prestando voluntário assentimento à Sua revelação (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM*, internet).

Assim, reafirmam Latourelle e Fisichella “o concílio coloca a entrega confiante da pessoa a Deus que fala” (1994, p. 322). O ato de fé significa a entrega total e inteligente da pessoa, significa adesão, submissão livre, obediente e voluntária à mensagem revelada de Deus.

2.1.4 O acolhimento e a adesão à fé

O ato de fé consiste de uma entrega consciente e voluntária a Deus, a quem o homem se submete livremente para uma vida de obediência aos desígnios revelados. Isso exige a compreensão de que a fé tem a ver com o intelecto e com a

prática. O homem admite a verdade divina e se deixa influenciar através da graça de Deus, que atua na pessoa que crê “porque é Deus quem produz em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fl 2,13) (BÍBLIA, 2010, p. 1717).

O acolhimento da fé exige duas coisas: o anúncio e a escuta. Essas categorias são essenciais para que o acolhimento e a adesão à fé se concretizem, “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10,17) (BÍBLIA, 2010, p. 1650); portanto, é através da escuta atenta da palavra que a fé se desenvolve, “como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10,14) (BÍBLIA, 2010, p. 1650).

A fé é ato intelectual e ato existencial. Uma ideia não exclui a outra, pois, quanto mais conhecimento, mais confiança. Não se pode priorizar o aspecto intelectual da fé em detrimento do aspecto existencial, nem supervalorizar o aspecto existencial da fé em detrimento do aspecto intelectual.

A fé (*πίστις* – *pístis*), como se encontra na Epístola de Tiago, tem muito a comunicar. Na Epístola, o autor apresenta tanto o aspecto intelectual, quanto o aspecto existencial da fé. Para o autor da Epístola, deve-se destacar a vivência de uma fé eficaz, que produz mudanças de vida coerentes com a mensagem que se ouve e que se anuncia, portanto, a fé completa conjuga ato intelectual com ato existencial.

Crer em Jesus implica o abandono das coisas contrárias a Deus. Como destaca o autor da Epístola de Tiago, significa criar uma inimizade com as coisas do mundo e chegar-se a Deus:

Infiéis, não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, quem quiser ser amigo do mundo se coloca na posição de inimigo de Deus...Achegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Pecadores, limpai as mãos, e vós, que sois vacilantes, purificai vosso coração (Tg 4, 4 e 8) (BÍBLIA, 2010, p. 1770).

No Novo Testamento, o poder divino e a ação de Jesus são as bases para a arquitetura da fé, como descrevem os evangelhos, portanto, fé significa resposta e acolhimento do crente ao chamado de Deus para uma nova aliança pautada no conhecimento da graça de Jesus Cristo. Segundo descreve o autor da Epístola de Tiago, os irmãos vivem na obediência que se demonstra através das obras que viabilizam a fé, pois “a genuína fé bíblica é sempre uma resposta ao Senhor” (COSAERT, 2017, p. 48).

2.2 A semântica da palavra obra (*ἔργον* – *érgon*)

A palavra obra no Antigo Testamento sempre está relacionada ao ato de fazer alguma coisa, algo realizado como fruto de um trabalho, como se pode ver desde o Gênesis: “E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2,2-3) (BÍBLIA, 2013, p. 23). Por sua vez, o salmista afirma: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos” (Sl 19,1) (BÍBLIA, 2013, p. 629). A palavra obra também tem seu significado metafórico, como se encontra no profeta Isaías: “Mas agora, ó SENHOR, tu és nosso Pai. Nós somos o barro; e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos” (Is 64,8) (BÍBLIA, 2013, p. 834). Poeticamente o salmista declara: “Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras de nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos” (Sl 90:17) (BÍBLIA, 2013, p. 676).

A palavra obra também ocorre com frequência no Novo Testamento, é empregada nos evangelhos segundo Mateus 16,27 e segundo João 3,19; 5,36; 9,3-4, 10,25; 17,4. Ela também aparece nas cartas aos Romanos 3,20; 9,11; Gálatas 3,2; 5,19; Efésios 2,9; Filipenses 3,20; 2 Tessalonicenses 2,17; 2 Timóteo 3,17; Tito 5,5; Hebreus 1,10; 4,10; Apocalipse 3,1; 14,13; 20,12.

Fora do contexto da Epístola de Tiago, a palavra obra significa: “o que é fruto de um trabalho, de uma ação” (BECHARA, 2011, p. 869). A palavra obra também tem o significado de “conjunto de trabalhos realizados por um artista, escritor ou cientista” (HOUAISS, 2011, p. 674). Pode também significar “aquilo com o que alguém está ocupado. Aquilo que alguém se compromete de fazer” (STRONG, 2002, p. 1368). Nesses exemplos, a palavra obra apresenta significado voltado a trabalhos manuais, como por exemplo, uma obra de arte, uma pintura, uma escultura, um poema, etc., ou à indústria. Nesses casos, a palavra obra lembra o trabalho realizado concretamente, ou resultado de alguma ação, o produto.

Esses sentidos para a palavra obra, apresentados acima, são pertencentes à linguagem denotativa, objetiva; não abrangem a significação que a palavra ganha quando entra no campo espiritual, pois obra, nesse campo da espiritualidade, deixa de ser algo meramente material. Seu sentido é mais resultado de uma motivação, de uma força que impele o homem para a realização de algo, quer seja material ou não,

como é o caso da obediência, da visitação aos doentes e encarcerados, nas palavras ditas com o intuito de motivar o outro a uma reação. Quando relacionada à fé, a palavra obra ganha diversos significados, como por exemplo, afirma o autor da Epístola de Tiago: “fé sem as obras está morta” (Tg, 2,26) (BÍBLIA, 2010, p. 1769).

2.2.1 As obras de Deus e de Jesus

Jesus, ao ser questionado sobre sua identidade, respondeu da seguinte maneira: “Eu já vos disse, mas não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. Estas ouvem a minha voz, eu as conheço, e elas a mim” (Jo 10,25-27) (BÍBLIA, 2010, p. 1554). Percebe-se que as obras dão testemunho de Jesus, para que creiam nele, logo, é necessário ouvir atentamente o testemunho de Jesus. Somente os que se entregam, “as ovelhas”, e escutam sua voz, obtêm o conhecimento. Essa maneira de conhecer, indica metaforicamente um relacionamento, portanto, ouvir atentamente as palavras de Jesus é o meio para o aperfeiçoamento da relação entre o homem e Deus.

Nos evangelhos segundo João e segundo Mateus, respectivamente, a palavra obra aparece para mostrar quais são as obras de Jesus:

Respondeu Jesus: nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus. É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar (Jo 9,3-4) (BÍBLIA, 2015a, p. 1382).

Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: és tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho (Mt 11,2-5) (BÍBLIA, 2015a, p. 1250).

Jesus dizia que não veio fazer nada por si mesmo, mas fazer as obras daquele que o enviou: “Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou” (Jo 5,36) (BÍBLIA, 2013, p. 1230). As obras de Jesus exaltavam o caráter do Pai, ele recomenda que os fiéis façam o mesmo: “Assim, brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5,16) (BÍBLIA, 2013, p. 1097).

Não se trata das obras materiais de Deus, pois essas, de acordo com a crença dos cristãos, são manifestas na criação de todas as coisas. Para o cristão, Deus é o criador, conforme se descreve em Gn 1,1: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (BÍBLIA, 2010, p. 13). Crer num Deus criador é a base para a fé. Para os cristãos, as obras de Deus são manifestas nas coisas criadas, como atesta o salmista: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19,1) (BÍBLIA, 2010, p. 856).

2.2.2 As obras do cristão

Essas mesmas obras praticadas por Jesus, devem ser praticadas pelos cristãos. A verdadeira obra do cristão, portanto, não está na busca de cumprir preceitos, nem pagar oferendas no intuito de alcançar a meritocracia da salvação. A verdadeira obra cristã é apresentada com muita clareza na Epístola de Tiago, através da prática da caridade e de uma vida coerente com a mensagem de Jesus.

Na Epístola de Tiago, não há como desvincular a palavra obra da palavra fé. Na linguagem do autor, a fé se diz através da caridade, da solidariedade e da vivência ética. As obras, no sentido que o autor quer enfatizar, são obras como testemunho de fé. Dessa maneira, resgata-se o sentido do comprometimento com o que se pretende fazer. O compromisso de fazer conforme o que se acredita, ou conforme o que se expressa no discurso. Por isso, o autor da Epístola acentua, através da metáfora do corpo, que a obra é o espírito de uma fé viva (Tg 2,26). Vouga atesta o seguinte:

O que importa para Tg é sublinhar a edificação mútua da fé e de seus atos: a fé se estrutura e chega à maturidade (sentido intransitivo do verbo *teleioun!*) no risco assumido de seus engajamentos. É por isso, finalmente, v. 24, que aquilo que faz o homem justo não é apenas uma confissão religiosa (*não pela fé somente*, onde a ênfase é posta em *monon*, “somente”), mas que ele se mantenha em suas convicções enquanto resiste à prova, naquilo que vive e naquilo que faz (*ex érgōn*, “pelas obras”; cf. 1Clem 30,2: sejamos justos em atos, não em palavras) (1996, p. 98,99).

Para o autor da Epístola de Tiago, aquele que professa fé em Deus e em Jesus opera, age e se comporta conforme o caráter de Deus e de Jesus, expresso por meio de suas obras. Assim como o autor mesmo se considera servo de Jesus Cristo, os irmãos, destinatários de sua Epístola, também são aconselhados a se

submeterem ao senhorio do mesmo Senhor, vivendo e agindo conforme os princípios revelados na Palavra.

Por outro lado, o autor da Epístola de Tiago, ao empregar o termo obra como o elemento da vivacidade da fé, aparentemente demonstra estar em contradição com o que é apresentado desde o Antigo Testamento, em Gn 15,6 quando narra a imputação da justiça de Deus a Abrão: “Ele creu no SENHOR, e isto lhe foi imputado para justiça” (BÍBLIA, 2010, p. 40); e reforçado no Novo Testamento, sobretudo pela linguagem paulina que retoma a citação de Gn 15,6 em Rm 4,3-10; Gl 3,6-9.

Na Epístola de Tiago, as obras, diferente do sentido legalista, são obras de piedade. Neusner apresenta que essas obras de piedade são conhecidas através da literatura judaica, como menciona a Midrash Genesis *Rabbah* 44,12, elas são conhecidas como: *teshuvah*, *tefillah* e *tzedaká*, que significam: retorno, união e justiça. Comumente essas palavras são traduzidas por arrependimento, oração e caridade, mas seu significado vai muito além disso: *teshuvah*, retornar ao eu mais íntimo, à origem, retornar a Deus; *tefillah*, unir-se a Deus; *tzedaká*, praticar a justiça. Podem-se inferir essas ideias quando o autor da Epístola exorta:

Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos pecadores, e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração. Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará (Tg 4,8-10) (BÍBLIA, 2013, p. 1439).

É importante destacar, contudo, que o autor da Epístola de Tiago, não está tratando simplesmente de uma palavra, fé (*πίστις* – *pístis*), a ser colocada em prática através de obra (*ἔργον* – *érgon*), a mensagem é mais sutil que isso, exige profundidade para entender perfeitamente o que o autor afirma nas suas linhas. A solução está nos contrastes e contrapontos expressos pelo autor ao longo da Epístola, portanto é uma questão de linguagem e de escolha.

O irmão, destinatário dessa Epístola, tem o poder de decidir que atitudes, que princípios serão norteadores de sua existência. Diante disso, Vouga apresenta a seguinte opinião: “não se trata de palavra a ser posta em prática, mas de escolher a linguagem com a qual moldar a vida (a linguagem da denegação ou a linguagem da confissão) e, por conseguinte, o fazer no qual esta escolha vai aproximar-se” (1996, p. 137).

Coerência entre o discurso e a prática é a nota tônica da mensagem da Epístola de Tiago. A fé que o autor apresenta tem sua consistência na ação. Essas

duas palavras fé e obra são as articuladoras do comportamento cristão. Freedman apresenta o seguinte argumento: “*As Christian behavior should be consistent with Christian faith, so it should be consistent in itself. Those who hear the word should also be doers of it*” (1992, p. 626)²¹.

2.3 A relação fé e obra na Epístola de Tiago

Os termos fé (*πίστις – pístis*) e obra (*ἔργον – érgon*) são recorrentes na Epístola de Tiago. Podem-se contar 16 ocorrências para fé (*πίστις – pístis*) e 15 ocorrências para obra (*ἔργον – érgon*). A maior concentração dessas palavras ocorre no capítulo 2, principalmente na perícopre de Tg 2,14-26, onde fé e obra não podem ser vistas de forma separadas.

A concepção de fé, no Antigo Testamento, se expressava através da aliança, conforme se descreve em Gn 15,6-18, que exigia o cumprimento de algumas cláusulas, ou seja, exigia a obediência livre e voluntária do fiel que fazia sua adesão à aliança demonstrando por meio das obras de obediência.

2.3.1 A prova da fé

Em Tg 1,2 e 12 o autor da Epístola fala das provações (*πειρασμός – peirasmós*). Isso mostra que nenhum cristão está imune às provações que podem significar as diversas formas de problemas, vicissitudes e tentações que afetam os cristãos. No entanto, o crente fiel pode encarar as provações como oportunidades para fortalecimento do caráter e amadurecimento espiritual.

As provações são inevitáveis e até mesmo desejáveis (é preciso regozijar-se, Tg 1,12) porque elas justificam e autenticam a força interior do indivíduo, ao qual revelam e no qual produzem uma virtude particularmente valorizada e valorizante: a resistência” (BECQUET, 1991, p. 22).

A Epístola de Tiago convoca os irmãos à alegria, pois quem resiste às provações alcança a recompensa descrita pelo autor: “Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado,

²¹ Como o comportamento cristão deve ser consistente com a fé cristã, então deve ser consistente em si mesmo. Aqueles que ouvem a palavra também devem ser seus agentes.

receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (Tg 1,12) (BÍBLIA, 2105b, p. 1610).

Nesse contexto de provação, aparece a primeira ocorrência da palavra (*πίστις – pístis*) na Epístola de Tiago: “Sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança” (Tg 1,3) (BÍBLIA, 1013, p. 1436), no entanto, o autor troca a palavra provação (*πειρασμός – peirasmós*) por outra, (*δοκίμιον – dokimion*) que significa teste, o meio de provar; com o objetivo de forjar a resistência, de purificar o que já existe, como se faz o teste do ouro e da prata. “Desta forma, a ideia não é a de que provações determinam se uma pessoa tem fé ou não. Em vez disso, elas fortalecem a fé que já existe (MOO, 1990, p. 60).

Por sua vez, Vouga apresenta: “Porque esse teste ao qual a fé é submetida forja a resistência... tal teste da fé, segundo Tg, produz, portanto, a resistência” (1996, p. 42). O sentido atribuído à palavra (*πίστις – pístis*), em Tg 1,3, é sobretudo, o sentido de constância, de fidelidade de conduta e resistência às provações, pois, como afirma Vouga: “são os confrontos que provam e abalam a fé que criam essa intransigência, essa firmeza. Não é algo fácil: as provações trabalham a fé, forjam-na” (1996. p. 43).

Por outro lado, as provações podem ser encaradas como um processo pedagógico. O autor afirma: “sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1,3 e 4) (BÍBLIA, 2105b, p. 1610). Para ilustrar esse processo pedagógico das provações, o autor da Epístola de Tiago apresenta os exemplos de Abraão (Tg 2,21) e de Jó (Tg 5,11), que souberam enfrentar as provas com humildade e sabedoria, por isso alcançaram a recompensa.

Em Tg 1,3, portanto, a provação “se refere não apenas à provação da fé cristã, mas mais precisamente ao atributo da fé que a torna vitoriosa sobre os problemas da vida” (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, p. 548), a perseverança. Diante da prova, o crente tem a oportunidade de crescimento e de amadurecimento da fé, tem a possibilidade de desenvolver a firmeza, a constância, a perseverança, a paciência e a maturidade (*ὑπομονή – hypomoné*) que resultam em perfeição. O autor da Epístola almeja que os irmãos alcancem esta perfeição como está descrita no Evangelho segundo Mateus: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste” (Mt 5,48) (BÍBLIA, 2015b, p. 1242).

2.3.2 A convicção e a certeza da fé

Em Tg 1,6: “Peça-a, porém com fé, em nada duvidando; pois o que dúvida é semelhante à onda do mar; impelida e agitada pelo vento” (BÍBLIA, 2013, p. 1436). A palavra fé, (*πίστις – pístis*), como ocorre nesse versículo, recebe um significado diferente das demais ocorrências da palavra ao longo da Epístola. “A fé significa mais do que a crença de que Deus irá dar aquilo que pedimos; ela também inclui uma confiança invariável em Deus” (MOO, 1990, p. 64).

O sentido básico que a palavra fé ganha nesse v. 6, significa convicção, certeza. “A expressão *com fé* é curiosa na epístola. Ela contrasta com os outros empregos, em que a fé designa o pertencer a uma confissão de fé que não se faz acompanhar de nenhum engajamento existencial” (VOUGA, 1996, p. 48).

O autor da Epístola de Tiago chama a atenção dos cristãos para a coerência com o que dizem, com o que creem e com o que fazem. O homem de fé não vacila nas suas convicções. Não se assemelha às ondulações do mar agitado pelo vento *siroco*, portanto, busque a sabedoria para suportar a prova até o fim, sem carecer de nada para estar completo (*τέλειος – téleios*). Para esse tipo de homem perfeito, não há espaço para dúvidas, nem oscilação de caráter, este tipo de homem não tem mente dupla, vacilante, incerta, duvidosa. Um homem dividido é como uma pessoa de duas caras: “Pois um homem assim, é instável, em luta constante consigo mesmo, incapaz de determinação” (VOUGA, 1996, p. 48).

A fé é firme convicção diante dos mais difíceis testes a que é submetida, logo, os destinatários da perícopie de Tg 1,6 não podem alimentar a dúvida, precisam ter certeza, convicção, confiança, pois quem duvida é comparado em Tg 1,8 a um homem dividido (*δίψυχος – dípsychos*). De acordo com Vouga, o público a que o autor de Tiago visa, no contexto em que esse v. 6 está inserido, não são os pequenos, mas os ricos, como ele explica: “Tg não visa aos pequenos...a linguagem utilizada é das viagens. A sequência dos vv 5-8 e 9-11 é paralela à das palavras dirigidas aos homens de negócio (4,13-17) e aos ricos (5,1-6)” (VOUGA, 1996, p. 48). Diante da prosperidade dos negócios e as provações da vida nas comunidades cristãs, tais homens sentiam-se divididos (*δίψυχος – dípsychos*), pois como afirma Vouga: “Acham-se divididos entre dois mundos, duas almas. Estão em conflito consigo

próprios porque têm raízes em duas realidades com exigências dificilmente conciliáveis (1996, p. 48).

2.3.3 A imparcialidade da fé

A palavra fé (*πίστις – pístis*) também ocorre em Tg 2,1: “Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em aceção de pessoas” (BÍBLIA, 2013, p. 1437). A palavra fé (*πίστις – pístis*) está empregada com a finalidade de combater o favoritismo e a parcialidade entre os irmãos. O autor da Epístola fala especificamente a seus destinatários preferidos, os irmãos, explicando que a parcialidade é oposta e incompatível com a fé, portanto, não devem praticar a aceção de pessoas, pois essa prática contraria as recomendações da Palavra que eles conheciam, como se encontram em Lv 19,15 e Pv 28,21, que condenam a injustiça e a parcialidade. Essa prática é reprovada em todo Antigo Testamento, e aqui, o autor da Epístola lembra aos irmãos que a confissão de fé no senhorio de Jesus Cristo inviabiliza esse tipo de conduta, portanto, como atesta Vouga:

A diatribe que Tg estabelece com seus irmãos toma desde logo um tom severo. A fé e o favoritismo se excluem. São incompatíveis, e ninguém poderia confessar a fé no Senhorio de Jesus Cristo e permitir ao mesmo tempo que suas atitudes sejam determinadas pela categoria social das pessoas com quem lida (VOUGA, 1996, p. 79).

Mesmo que o autor esteja se referindo imediatamente às comunidades locais, denunciando esse problema nas igrejas ou nas comunidades destinatárias de sua Epístola, onde a prática da aceção de pessoas estava se tornando comum, a mensagem ultrapassa as barreiras temporais, mostrando para qualquer cristão, num contexto universal, que não se pode agir dessa maneira com as pessoas, pois não há concordância entre a fé no Senhor e o favoritismo para com as pessoas.

2.3.4 A riqueza da fé

Em Tg 2,5 aparece uma expressão curiosa “ricos em fé”: “Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?” (BÍBLIA, 2013, p. 1437). À expressão “ricos em fé”

pode ser atribuído o seguinte significado: “ricos no exercício da fé” (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2015, p. 565). A ênfase de Tg 2,5 talvez não recaia sobre os irmãos pobres, pelo fato de serem pobres, mas, no objetivo da escolha, como defende o comentário seguinte: “O foco não é tanto na situação dos pobres, mas no propósito, para o qual são escolhidos: ser ricos em seu relacionamento de confiança em Deus, portanto, herdeiros do reino” (BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS, 2015, p. 16110).

A expressão “ricos em fé” (*plousíous en pístei*) empregada pelo autor da Epístola nesse v. 6, de acordo com Vouga, pode ter várias compreensões: pode estar relacionada com a promessa do reino, descrita no próprio v. 6; ou pode ser interpretada na mesma linha da bem-aventurança, do Evangelho segundo Mateus 5,3; ou ainda, na linha do Antigo Testamento em que os pobres são identificados como os fiéis. A eleição e a fé dos pobres são os temas retomados: “A eleição de Deus não os torna ricos; ela lhes confia o reino” (1996, p. 82).

2.4 Salvação e justificação

A perícopre de Tg 2,14-26, é o ponto central da Epístola, aqui encontram-se várias citações de fé (*πίστις – pístis*), relacionadas com obra (*ἔργον – érgon*). O autor começa a perícopre empregando o estilo da diatribe para refutar um suposto interlocutor que apresenta argumentos contrários aos seus: “Tal estilo é uma forte indicação de que Tiago está combatendo alguns falsos mestres que estavam apresentando uma visão incorreta acerca da fé” (MOO, 1990, p. 99). É uma perícopre que apresenta uma novidade quanto ao discurso, pois como se encontra em Vouga, “toda a passagem se move no vocabulário técnico e específico da teologia paulina, que não se encontra em nenhum outro lugar com tal concentração na epístola” (1996, p. 92).

Tg 2,14-26, apesar de empregar o vocabulário paulino, aparentemente argumenta que é preciso realizar boas obras para receber a justificação, ideia oposta às declarações atribuídas ao Apóstolo Paulo:

Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2,16) (BÍBLIA, 2013, p. 1366).

São encontradas outras referências às obras da lei na mesma epístola aos Gálatas (3,2.5.10). Na Carta aos Romanos o Apóstolo afirma: “Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3,28) (BÍBLIA, 2013, p. 1314).

É interessante atentar para os sentidos que a expressão “obras da lei” recebe na teologia paulina, porque sobre a lei, o Apóstolo afirma: “Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7,12) (BÍBLIA, 2013, p. 1318). A lei também é defendida na Primeira Carta a Timóteo: “Sabemos que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo” (1 Tm 1,8) (BÍBLIA, 2013, p. 1403). Paulo, no entanto, tem uma posição muito firme contra o pensamento daqueles que defendem as obras da lei como meio para a justificação. Para o Apóstolo, a justificação não pode ser alcançada por méritos humanos, por isso, as obras da lei nada têm a ver com a justificação. A justificação é exclusivamente pela fé no sacrifício de Jesus Cristo. Portanto, Paulo combate o legalismo, o modo ilegítimo de se utilizar da lei como meio para obter a justificação.

Há variadas interpretações da expressão obras da lei. Garcia Martínez, porém, comenta que antes das descobertas e publicação dos textos de *Qumran*, a expressão obras da lei, empregada frequentemente nos textos atribuídos a Paulo, não encontrava paralelo nem no Hebraico nem no Aramaico, como afirma: “a frase não estava testemunhada em hebraico, com exceção de um caso de leitura incerta em 4Q174,14 antes da publicação em 1994 de 4QMMT, uma obra conservada, parcialmente, 4Q394-398, todos eles provenientes da Gruta 4” (2012, p. 15).

Segundo Garcia Martínez, o texto que contém a passagem em questão

é a conclusão da obra, conservada, integralmente, em 4Q398 e, parcialmente, em 4Q399. E também nós te escrevemos algumas das obras da *Torah* que pensamos boas para ti e para teu povo, pois [vimos] em ti inteligência e conhecimento da *Torah*. Considera todas estas coisas e busca diante dele que ele confirme o teu conselho e afaste de ti a maquinação malvada e o conselho de Belial de maneira que possas alegrar-te no final do tempo no descobrimento de que algumas de nossas palavras são verdadeiras. E te será contado em justiça, quando fizeres o que é reto e bom diante dele, para teu bem e o bem de Israel.¹⁹ (4Q398 2 ii 2-8) (2012, p. 16).

Garcia Martínez comenta que as obras da lei se referiam a um conjunto de normas muito importantes para a justificação e salvação. “Fica claro que, no documento, as “obras da lei”, não são só consideradas muito positivamente, mas que, o seu cumprimento é a condição imprescindível para obter a salvação” (2012, p. 16). O Apóstolo Paulo posiciona-se contra essa ideia, reafirmando que a justificação não

se dá pelo cumprimento dessas normas, obras da lei, mas, unicamente por Jesus Cristo.

A perícopos de Tg 2,14-26 não é uma reação contrária ao que está posto pelo Apóstolo. Sobre a lei, o autor da Epístola de Tiago tem uma posição bem definida (Tg 1-27) “lei perfeita, lei da liberdade”, que aparece num contexto de crítica severa aos que se dizem religiosos, mas se mantêm envolvidos com as impurezas do mundo, injustiças e falta de compaixão pelos menos favorecidos (vv 26-27). O autor não “polemiza contra a justificação por meio da fé, e sim contra a pretensão de uma justificação sem uma vida comprometida” (BAUER, 1973, p. 754). Vouga afirma:

Esta Lei é *perfeita* na medida em que encontra seu destino e seu pleno cumprimento em Cristo (ver Mt 5,17-48; 11,28-30; 22,34-40). Pela mesma razão, Tg pode falar do Evangelho como da Lei da liberdade, da mesma maneira como Paulo fala da Lei da fé (Rm 3,27), da lei do espírito (Rm 8,2), da lei do amor (Rm 13,10) ou da lei de Cristo (Gl 6,2) (1996, p. 74).

Os argumentos do autor da Epístola de Tiago encontram equivalência na “fé que atua pelo amor” (Gl 5,6) (BÍBLIA, 2015a, p. 1530). Ambos abordam o tema da fé e das obras por vias distintas. A abordagem de Paulo é a base da salvação, a fé em Jesus Cristo: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5,1-2) (BÍBLIA, 2013, p. 1315). Por sua vez, o autor da Epístola de Tiago enfatiza o resultado, a fé que opera, que dá frutos, que é reflexo da salvação manifestada na prática: “Se um irmão ou irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? (Tg 2,15-16) (BÍBLIA, 2013, p. 1438). Portanto, segundo Vouga, o autor da Epístola de Tiago:

Não tenta restaurar o legalismo contra o qual Paulo lutou (donde o emprego da expressão Lei da liberdade em Tg 1,25 e 2,8). Não temos, na epístola, nenhum vestígio dessa intenção. Tg está em debate com um cristianismo que, abrigando-se por trás da linguagem paulina, perdeu de vista a exigência do paradoxo da Palavra da Cruz e o radicalismo da pregação de Jesus que o próprio Paulo nunca tinha sacrificado (1996, p. 93).

Por sua vez, Moo afirma: “Sendo corretamente interpretados, Tiago e Paulo estão de acordo na compreensão que possuem sobre fé e obras e o relacionamento delas com a justificação” (1990, p. 99).

Por outro lado, o destaque dado às obras, nessa períclope, também se diferencia da posição rabínica. Segundo o pensamento dessa tradição, às obras são atribuídas ênfases exageradas no processo de justificação. A argumentação do autor da Epístola de Tiago vai de encontro a tais concepções. Não são as obras que justificam a pessoa, ou seja, as obras não são anteriores à justificação, ou à fé, mas a pessoa justificada expressa sua fé genuína por meio das obras, “a verdadeira fé tem certas credenciais reconhecíveis. Ou seja, a verdadeira fé será revelada na vida e no caráter dos cristãos” (WAHLEN, 2012, p. 6).

Assim, mesmo que a palavra obra apareça muitas vezes em sua Epístola, ela ocorre para dar ênfase à fé, como o autor ilustra empregando várias figuras de linguagem, como por exemplo, a metáfora relacionada ao corpo. “Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2,26). Com isso, mostra que a obra mantém a fé viva e atuante, assim como o fôlego mantém o corpo vivo.

Ao empregar a lógica da diatribe, o autor dirige uma série de perguntas retóricas aos seus ouvintes fazendo-os refletir. Todavia, mesmo que as perguntas sejam feitas a seus ouvintes, são destinadas a um suposto oponente que apresenta argumento contrário. Para refutar o oponente, o autor apresenta as primeiras perguntas desta forma: “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2,14) (BÍBLIA, 2013, p. 1438). A esse tipo de pergunta, naturalmente atribui-se uma resposta negativa. “É claro que as perguntas devem receber respostas negativas (de fato, a construção do grego na segunda pergunta exige uma resposta negativa): a fé sem obras não tem proveito, este tipo de fé não pode salvar” (MOO, 1990, p. 99).

A aparente contradição com a teologia paulina da justificação começa a ser desmanchada com essas primeiras perguntas. O autor da Epístola de Tiago não questiona a “fé que salva”, mas questiona a fé que o suposto oponente diz ter. Nesse caso, fica evidente que a fé que o oponente afirma ter, não é aquela fé que se constitui do aspecto intelectual e do aspecto prático-existencial. A fé que o oponente afirma ter não passa de mera crença, logo, segundo o argumento do autor da Epístola, não justifica. “A fé que não encontra expressão em bons atos habituais jamais alcançará justiça, tampouco, boas ações sem fé genuína” (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2015, p. 568).

Vouga acrescenta que o tema elaborado em Tg,2,14 é crucial para a interpretação da Epístola: “A fé sem obras ainda é fé, e pode salvar? Não, responde Tg de várias maneiras, após cada uma das argumentações que ele desenvolve e com o auxílio de diversos exemplos que invoca sucessivamente” (1996, p. 92). Então as respostas que o autor da Epístola de Tiago apresenta às questões, são respostas baseadas em exemplos de vida prática, encontradas na própria comunidade ou nas Escrituras como afirma Vouga:

Para responder à questão, Tg não se lança, como Paulo, em largas elaborações teológicas. Contenta-se em fazer aparecer a evidência por uma série de exemplos que escolhe na prática das comunidades cristãs (os vv. 15-17 em particular) ou na Escritura (vv. 20-24.25) (1996, p. 94).

2.4.1 O valor da fé e das obras

O autor da Epístola de Tiago faz o argumento prático-moral de fé. Para ele, não se concebe fé sem engajamento e envolvimento social. Todo discurso de fé tem que redundar em práticas de fé, ou seja, em boas obras, como se percebe nesse exemplo prático da vida cotidiana da comunidade, descrito na seguinte perícopre:

Se um irmão ou irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós, lhe disser: ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta (Tg 2,15-17) (BÍBLIA, 2013, p. 1438).

Valendo-se desse exemplo prático, provavelmente referindo-se aos supostos irmãos que frequentavam a igreja, pelas evidências apontadas no contexto (se um irmão ou irmã..., ide em paz), o autor alerta seus ouvintes para não cometerem os mesmos erros daqueles que se diziam mestres, mas não praticavam o que ensinavam, nem viviam o que pregavam, como se percebe nesta afirmação:

Observemos que é a vida eclesial que o exemplo se refere e que a atitude que ele descreve ilustra bem diretamente o comprometimento daqueles que dizem crer sem se sentirem comprometidos em levar a sério a temporalidade de sua fé. Seguindo a linha profética veterotestamentária, Tg denunciaria o contraste entre confissão da fé e a ausência de engajamento existencial (VOUGA, 1996, p. 95).

A crítica do autor recai justamente sobre aqueles que dizem ter fé, mas a prática e a conduta mostram outra coisa. Esse tipo de pessoa pronuncia palavras agradáveis e de encorajamento para que os irmãos necessitados alcancem por si mesmos os suprimentos dos quais estão privados; pronunciam súplicas pelos necessitados, desejando paz e fartura. Tudo isso, se não estiver acompanhado de

atos de compaixão, são apenas palavras vazias: “qual é o proveito disso”? A resposta negativa exigida pela pergunta, mais uma vez, comprova que fé sem obras é morta, (Tg 1,17).

Uma fé assim, cega, sem atos, isto é, sem discernimento, sem atenção, sem clarividência, está morta em si mesma. Tg não opõe a fé às obras legais (como Paulo), mas uma fé viva e uma fé morta. *Nekrá estin kath'heautên* pode significar que a fé está morta em si mesma (ela se recolhe sobre si mesma e se asfixia) ou ainda que ela está morta contra si mesma (VOUGA, 1996, p. 95).

A fé que não se expressa em obras de amor é comparada com um cadáver, continua fé, mas é morta em si mesma e sobre si mesma, portanto, não tem valor para a justificação.

Em Tg 2,18-19, através do estilo da diatribe, o autor da Epístola leva seu ouvinte a considerar a impossibilidade de separar fé e obras, começando desta maneira: “Mas alguém dirá: tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem” (BÍBLIA, 2013, p. 1438). Aqui, ele desafia seu opositor a mostrar a fé genuína sem as obras, enquanto ele, pelas obras demonstrará a realidade de sua fé. Com isso o autor não está afirmando que a fé exclui as obras, nem as obras são superiores à fé, mas a fé está subjacente às obras como afirma Leahy: “onde poderia parecer que as obras existem sem a fé, um exame mais acurado mostraria que a fé está subjacente às obras” (2015, p. 674).

Por sua vez o Comentário Bíblico Adventista apresenta o seguinte: “demonstrar fé sem obras é uma tarefa impossível, pois a fé como um princípio e uma atitude mental sempre revelará sua natureza no comportamento exterior. Quem não exhibe boas obras demonstra falta de fé” (2015, p. 569).

Para provar isso, ironicamente o autor apresenta o exemplo dos demônios: “crês que Deus é um só? Fazes bem, pois os demônios também creem e estremecem” (Tg 2,19) (BÍBLIA, 2010, p. 1768), mas, “o sentido deste exemplo é que o mero conhecimento de verdades religiosas de nada serve quando a vontade está apartada de Deus” (LEAHY, 2015, p. 674). Os demônios creem e tremem, mas não têm nenhum compromisso ético e muito menos práticas de boas obras. Nesse ponto, o autor dirige sua crítica àqueles destinatários que têm uma fé inoperante. A Epístola “protesta contra aquelas pessoas cuja fé não muda nem renova em nada a compreensão da existência (vv.18-19): como os próprios demônios podem fazer, eles creem num só Deus, mas não passam disso” (VOUGA, 1996, p. 93).

Essa perícopre de Tg 2,18-19 apresenta algumas dificuldades de interpretação. Primeiro, não está claro quem são os sujeitos interlocutores do texto: “alguém dirá”; será o falso crente que diz ter fé, mas não tem obras? O eu será que se refere ao autor que diz ter as obras? Segundo, o outro sujeito seria um opositor que põe em dúvida a fé do autor? Terceiro, talvez o texto não esteja tratando de pessoas específicas, mas apenas emprega o tu e o eu, como exemplos de que as pessoas podem ter dons diferentes, uma pode ter fé, outra pode ter obras. Essa discussão é apresentada por Moo, da seguinte forma:

Assim, Tiago utiliza o expediente do opositor imaginário para levar em frente seu argumento a favor da inseparabilidade entre fé e obras. Qualquer divisão entre as duas é inconcebível, até mesmo impossível. A fé genuína não pode existir sem as obras. Ao dizer para o opositor, mostra-me essa tua fé sem as obras, Tiago não está simplesmente desafiando-o a mostrar evidências de sua fé — ele está declarando que a fé que o opositor diz possuir não é fé de modo algum (1990, p. 105).

Na perícopre de Tg 2,20-24, o autor retoma a diatribe apresentando uma fé viva. O autor foi buscar na Escritura o exemplo clássico de Abraão, considerado pelos judeus e pelos cristãos como o pai da fé:

Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, e se cumpriu a Escritura, a qual diz: ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça e: foi chamado amigo de Deus. Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente (BÍBLIA, 2013, p. 1438).

O autor emprega o exemplo de Abraão, começando da seguinte maneira: (*ὁ ἀνθρώπου κενεέ*) “homem vazio, vão, oco” (VOUGA, 1996, p. 96), a forma que o autor empregou para se referir ao interlocutor, chamando-o de homem vazio, homem vão, demonstra que o autor tinha uma pessoa ou um mestre em mente, talvez a pessoa que defendeu a separação entre fé e obras, ideia combatida pelo autor, pois para ele, a justificação não é resultado de uma fé apenas intelectual, que não trabalha e que está morta, por isso questiona o homem vazio:

Tiago pergunta a seu oponente imaginário se ele gostaria de ficar certo de que (aqui, a força de *ginōskō*, “saber”) a fé sem obras é inoperante... O versículo reafirma o ponto principal de toda a divisão: fé sem obras não “salva” (v. 14), não tem “proveito” (v. 16): está “morta” (vv. 17,26); é inútil (MOO, 1990, p. 107).

Por sua vez, Vouga reforça que o autor fundamenta seu argumento crítico contra a suposta fé intelectualizada, inoperante e morta, utilizando a linguagem paulina e empregando o mesmo exemplo de fé que o Apóstolo empregou. Contudo, o

faz por um viés diferente. O Apóstolo invoca o exemplo de Abraão em Rm 4 e Gl 3-4, para refutar os que queriam reintroduzir no cristianismo práticas legalistas, mostrando que Abraão é o modelo da justificação sem lei, sem legalismo, como se constata em Rm 4,3, “Abraão creu em Deus, e isto lhe foi imputado para justiça” (BÍBLIA, 2013, p. 1314); e Rm 4,18: “Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: assim será a tua descendência” (BÍBLIA, 2013, p. 1315) (1996, p. 97).

O texto do Antigo Testamento empregado por Paulo está em Gn 15,1-6, onde Deus faz a promessa a Abraão. O autor da Epístola de Tiago, ao citar o exemplo de Abraão, utiliza o texto de Gn 22, em que Abraão está sendo provado. “Tiago não diz que Gn 15,6 foi contraditado ou modificado, mas cumprido, pois tanto a fé como as obras estavam juntas” (CARSON, 2008, p. 2142). Um argumento mencionado por Vouga parece dar conta dessa aparente polêmica em torno da justificação pela fé ou pelas obras:

Em Gn 22, como em Gn 15, trata-se da fé de Abraão. Mas trata-se da fé posta à prova (Gn 22,1), que a obediência à palavra de Deus (Gn 22,1-2) obriga a arriscar tudo, inclusive a promessa e a esperança. Ora, é precisamente esta perseverança na provação (cf. Tg 1,2-4, esta fidelidade arriscada e esta obediência árdua que Tg chama “obras da fé” (... v. 21). Abraão foi justificado (... v. 21, termo paulino por excelência) não somente porque confiou na promessa, mas porque sua fé resistiu e suportou a dureza da prova. Neste sentido, as obras de que fala Tg nada mais são senão resistência da fé (1996, p. 98).

O último exemplo invocado pelo autor da Epístola de Tiago, encontra-se em Tg 2,25: “De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?” (BÍBLIA, 2013, p. 1438). Segundo Vouga, “o autor da Epístola não exalta a tradição de fé de Raab, mas o modo como ela recebeu os emissários de Josué, e os fez partir por outro caminho, foi por estes atos que Raab, segundo nossa epístola, foi justificada” (1996, p.99). Com esses exemplos, conclui o autor: “Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim a fé sem obras é morta” (Tg 2,26) (BÍBLIA, 2013, p. 1438).

Fica evidente na Epístola de Tiago que há dois tipos de fé, o primeiro é assentimento intelectual, convicção da verdade, certeza e crença em Deus. Essa fé não é ignorada na Epístola, pelo contrário, é fé, mas somente o aspecto cognitivo não basta para a justificação, como ficou evidente nos exemplos citados pelo autor. O segundo é existencial. Para ele, o aspecto existencial da fé precisa ser desenvolvido através das obras éticas e sociais e dos atos de compaixão.

O autor aconselha seus destinatários a viverem a fé que salva, a fé que se mostra pelas ações, “a fé que é risco e confiança atuante” (VOUGA, 1996, p. 93). As ações indicadas aos irmãos não destoam daquilo que eles professam. A fé está intimamente relacionada com a prática, a conduta ética e o engajamento do crente à proposta de vida que sua confissão apresenta.

Fé e obra não podem ser vistas de forma separadas, pois, na concepção do Antigo Testamento, a fé era expressa através da aliança, conforme se descreve em Gn 15,6-18. A aliança exigia o cumprimento de algumas cláusulas, ou seja, a obediência livre e voluntária do fiel, que fazia sua adesão demonstrando-a por meio das obras de obediência. O autor da Epístola de Tiago destaca essa relação ao mostrar que a fé sem obra não é a fé que salva, como ele explica (Tg 2,26), é morta.

Na Epístola de Tiago, o autor faz um argumento prático-moral. Para ele, não se concebe fé sem engajamento, envolvimento social. Todo discurso de fé tem que redundar em práticas de fé, ou seja, em boas obras. Por isso, os “irmãos” são convocados a praticar a fé através de uma religião pura e a viver uma vida de obediência à lei da liberdade e à Palavra (Tg 1,22-25). Fé e obra são sentidas, vivenciadas e praticadas pelos cristãos de uma forma tão natural, quanto é a respiração para o corpo, pois a fé sem obra é semelhante ao corpo sem vida (Tg 2,17 e 26). Então, ao empregar obra, está falando de obediência e amor. Nesse sentido, se aproxima muito do discurso do Cristo: “As obras que eu faço em nome de meu Pai, testificam a meu respeito” (Jo 10,25) (BÍBLIA, 2013, p.1240). Portanto, “Nem todo o que me diz: Senhor; Senhor! Entrará no reino dos céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7,21) (BÍBLIA, 2013, p. 1102).

Na perícopre de Tg 2,14-26 o autor apresenta que a realização de boas obras tem papel importante na salvação, por outro lado, apenas confessar a fé sem que as obras a acompanhem não significa nada para a salvação. O autor também apresenta que as obras têm seu papel no processo de justificação, mostrando com exemplos do Antigo Testamento como as obras atuam concomitantemente com a fé para a justificação (Tg 2,22).

Percebe-se em Tg 2,14-20, 24 e 26 que o uso da palavra fé (*πίστις* – *pístis*) reforça a crítica do autor a uma fé no sentido apenas intelectual, sem desenvolvimento da obediência prática a Deus. O contraponto nessa perícopre não está entre fé obras: “A essa fé apenas teórica Tiago contrapõe não algumas obras sem fé, mas uma fé viva, que se manifesta com obras” (BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, 2013, p. 1438);

como o autor questiona: “Meus irmãos, qual o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?” (Tg 2,14) (BÍBLIA, 2013, p. 1438).

A fé que não salva é descrita pelo autor como inútil (Tg 2, 19 e 20) e morta (Tg 2,17 e 26). Esses exemplos são utilizados para alertar o destinatário sobre a mera aceitação intelectual da fé, sem confiança e sem a práxis existencial. Com isso, não está dizendo que a pessoa é justificada (salva) pelas obras, pelo contrário, o homem é justificado pela fé, mas a fé que salva, que produz boas obras. Vouga afirma: “ele protesta contra pessoas que afirmam crer e que são cegas diante da miséria de seus irmãos (vv.15-17). Não apenas eles não compartilham, mas desejam “bom apetite” sem se darem conta da impertinência do que estão dizendo” (1996, p. 93). O protesto evidentemente é contra os irmãos insensíveis diante da pobreza dos outros. Nesse ponto, o autor dirige sua crítica àqueles destinatários cuja fé é inoperante. Vouga afirma que a Epístola “protesta contra aquelas pessoas cuja fé não muda nem renova em nada a compreensão da existência (vv.18-19): como os próprios demônios podem fazer, eles creem num só Deus, mas não passam disso” (1996, p. 93).

O autor aconselha seus destinatários a viverem a fé que salva, a fé que se mostra pelas ações, “a fé que é risco e confiança atuante” (VOUGA, 1996, p. 93). As ações indicadas aos irmãos não destoam daquilo que eles professam. A fé está intimamente relacionada com a prática, a conduta ética e o engajamento do crente à proposta de vida que sua confissão apresenta. A fé, portanto, é determinante para a maneira ou a forma de vida que o cristão leva nesse mundo, e as obras expressas na forma de viver atestam a fé que cada um afirma ter.

Por outro lado: “As obras que fala Tg, não são “as obras da lei” denunciadas por Gl e Rm, mas os frutos que, segundo o próprio Paulo a fé deve produzir” (TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA, 2015 p. 2377). Assim, de acordo com os comentários da TEB, o autor da Epístola de Tiago jamais identifica a “fé com as obras”, mas “insiste em uma fé que se realiza nas obras, sobretudo no amor ao próximo e na oração” (2015, p. 2377). Essas questões tratadas aqui podem ser sintetizadas assim:

 Tiago escreve a judeus parcialmente assimilados pelo mundo greco-romano, com uma provável tendência de valorizar o estilo de vida secularizado e pouco comprometido com a proclamação de uma mensagem urgente que pretendia transformar o mundo radicalmente. Por essa razão, Tiago os conclama a um total compromisso com a verdade que ele lhes anuncia, exigindo deles uma prática compatível com o discurso. Ou seja, aqui também, o apóstolo usa o conteúdo certo, no tom certo, na hora certa (TORRES, 2008, p. 49).

A convocação da Epístola de Tiago (Tg 1,22), é para os irmãos praticarem, realizarem diligentemente a Palavra acolhida com convicção. “A exigência de pôr em prática a Palavra ouvida se encontra em toda tradição judeu-cristã...ora, fazer desta coerência a pedra de toque da existência fiel é o ponto central da perspectiva da nossa epístola” (VOUGA, 1996, p. 73). Aquele que ouve a Palavra com atenção e a pratica com perseverança (Tg 1,25) permanece vivo e é bem-aventurado. “O praticante da palavra persevera (*parameinias*), o que sugere que ele continua a praticar a palavra ou a contemplá-la” (MOO, 2011, p. 83). A Palavra da verdade, na qual o cristão foi gerado (Tg 1,18) tem que ser colocada em prática, pois ela foi implantada para salvação e felicidade daquele que a guarda:

Aquele que se debruçou sobre a lei perfeita da liberdade e que se manteve nela não como discípulo esquecido...mas como realizador de ação (*érgon*), será feliz em tudo o que fizer. O Evangelho é existência na medida em que indica e ensina onde a vida encontra sua realização e sua felicidade (VOUGA, 1996, p. 75).

Por sua vez, o ouvinte desatento, vive uma ilusão, um cristianismo sem significado, porque não consegue tirar todo proveito da Palavra. O ouvinte dessa natureza é aquele que não se firma na Palavra. Para ilustrar esse tipo de ouvinte, o autor emprega a alegoria do espelho (Tg 1,23 e 24). “O benefício que recebem da Palavra não dura mais do que o recebido do espelho, quando olham para o rosto enquanto penteiam os cabelos” (MOO, 2011, p. 83).

Realizar a Palavra consiste em vivenciar a fé demonstrando-a. Conforme apresenta Becquet, as obras são a “manifestação privilegiada daquilo que está no coração do homem” (1991, p. 47). Em Tg 2,14-26, há o destaque que a fé é prioritária, mas necessita das obras para expressar-se verdadeira. Não se questiona a fé que a pessoa afirma ter, mas, a qualidade da fé que a pessoa julga ter. Nessa linha de raciocínio, encontra-se esta afirmação: “Tiago não está negando que a pessoa tenha fé de algum tipo, mas não é a fé salvadora” (CARSON, 2008, p. 2142). Esse também é o argumento de Leahy: “Tiago não está sugerindo aqui a possibilidade de a verdadeira fé existir sem atos, mas meramente a de fazer tal reivindicação” (2011, p. 673).

A Epístola de Tiago faz uma crítica àquela “fé que não desemboca em vida santa. Critica o hiato entre o que a pessoa professa e o que a pessoa vive, ou seja, “ela crê na verdade, mas não é transformada por essa verdade” (LOPES, 2006, p. 49). Por isso, o autor faz uma série de perguntas retóricas sobre a fé, em Tg 2,14-16,

provocando a reflexão dos ouvintes e leitores. Como se atesta a seguir: “a fé que precisamos ter não é uma fé apática; a fé que salva é aquela que opera pelo amor e purifica o ser” (WHITE, 2012, p. 39). Por sua vez, Aguiar faz uma comparação dos ensinamentos de Jesus descritos no Evangelho segundo Mateus 25,42-43, com os ensinamentos da Epístola de Tiago 2,15-16, trazendo um destaque para o tema da compaixão pelos necessitados:

Obviamente, o objetivo de Tiago, sobretudo ao evocar mais um ensinamento de Jesus, não é exacerbar a apatia, mas promover empatia, a qual é definida como a tendência para sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa (2014, p. 70).

O autor da Epístola, em Tg 1,26-27 e Tg 2,15-17, expõe as dificuldades econômicas e sociais em que vivem os irmãos, apresenta o problema das desigualdades e das relações problemáticas que ocorriam dentro das próprias comunidades cristãs, e condena severamente o discurso religioso, que mesmo diante das desigualdades e das lutas enfrentadas pelos pobres, órfãos e viúvas, pratica um culto voltado para a manutenção do *status quo*, uma religião vazia, uma fé sem ação. Por isso, o autor da Epístola de Tiago chama a atenção dos leitores para a verdadeira religião, mostrando que:

O culto que se pede aos cristãos não se resume primeiramente em cerimônias ou em saber fórmulas religiosas de cor, permanecendo no abstrato e cômodo de uma vivência que nada tem a ver com vida concreta (STORNILO, 1996, p. 34).

Segundo apresenta o autor: “a religião é uma confissão protestária e o fundamento de uma resistência, na medida em que recusa sacralizar as escalas de valor ou a ordem social” (VOUGA, 1996, p. 76). Além de ser uma forma de resistência, a religião pura está descrita em Tg 1,27, ou seja, a verdadeira religião apresenta as ações de caridade em favor dos menos favorecidos, e pureza diante das más influências do mundo. Ação e pureza, características da religião verdadeira, também são qualidades da fé verdadeira, da fé que salva e que resiste às provações e tentações. O cristão, portanto, é convocado a agir e a resistir:

Tg não convoca a um retraimento sectário ou a um moralismo individual. O desafio da vocação dos fiéis é testificar sua fé e sua esperança subtraindo-se ao conformismo social e à influência dos poderes deste mundo (VOUGA, 1996, p. 76).

A fé, portanto, é mais que um assentimento intelectual, um axioma ou uma doutrina. Não significa que a doutrina possa ser descartada, pelo contrário, deve ser afirmada como iluminadora da prática de fé. O que se questiona é a doutrina vazia de

misericórdia e de amor. A verdadeira doutrina é o lastro sobre o qual se desenvolve o conjunto de valores éticos-cristãos que expressam a fé como se descreve a seguir:

Quando a doutrina que aceitamos mata no coração o pecado, purifica a vida da contaminação, dá frutos para a santidade, podemos saber que é a verdade de Deus. Quando se manifestam na vida a beneficência, a bondade, a brandura de coração, o espírito compassivo; quando a alegria de fazer o bem nos enche de satisfação; quando exaltamos a Cristo e não ao próprio eu, podemos saber que nossa fé é do tipo verdadeiro (WHITE, 2009, p. 146-147).

Em Tg 2,14-26, portanto, obra é o fruto, o resultado da fé, conforme se constata: “Mas alguém dirá: tu tens fé; eu também tenho obras. Prova-me tua fé sem as obras, que eu tirarei das minhas obras a prova da minha fé” (Tg 2,18) (BÍBLIA, 2015c, p. 2377). A fé move o cristão a praticar boas ações, não com o intuito de obter alguma coisa em troca, mas como expressão do que a Palavra implantada provoca na vida daquele que faz sua adesão ao Evangelho. Aqui, o autor da Epístola de Tiago, através de recursos retóricos, refuta o argumento do interlocutor: “eu tenho fé” (Tg 2,18), com argumento contrário: “mostra-me a fé sem obras” (Tg 2,18), porque para o autor da Epístola, a eficácia das palavras fé e obra não existe se ambas forem tratadas como categorias separadas. Se a fé não se manifesta em obra, está morta. Assim, não se pode usar obra (*ἔργον* – *érgon*) como uma categoria independente de fé (*πίστις* – *pístis*), nem fé independente de obra, porque ambas se completam. “Alguém que trata a fé e as obras quase como se elas fossem dois carismas diferentes, de modo que uma pessoa tem a fé e outra realiza obras. Tiago concebe um único dom: a fé que se manifesta na vida da pessoa” (WESTHUIZEN *apud*, BROWN, 2004, p. 951).

Diante da unidade significativa de fé e obra na vida do cristão, o autor da Epístola de Tiago se opõe firmemente a um pretense discurso de fé que não seja acompanhado por ações, e deixa claro que a fé viva é aquela que se mostra operante. Logo, segundo afirma o autor, a fé real é acompanhada de obra (Tg 2,14-17), ambas, fé e obra operam juntas (Tg 2,22) e se consumam. Para reforçar sua opinião, o autor apresenta os exemplos de Abraão, que seguiu estritamente às ordens de Deus, oferecendo seu filho Isaque em holocausto. Não satisfeito com esse exemplo, mostra o que aconteceu com Raabe, que foi justificada porque sua fé atuou junto com suas obras, recebendo os emissários enviados à cidade de Jericó. Então, segundo afirma o autor da Epístola, em Tg 2,17;20;26: “a fé, se não tiver obras, por si só está morta... a fé sem obras é inoperante... a fé sem obras é morta” (BÍBLIA, 2013, p. 1438), portanto:

É absolutamente vital compreendermos que o principal ponto deste argumento, expresso três vezes (nos vv. 17, 20 e 26), não é que as obras devem ser acrescentadas à fé, mas que a fé genuína as inclui; esta é a sua própria natureza (MOO, 2011, p. 99).

O autor da Epístola de Tiago faz um paralelo da fé sem obra com o corpo privado do fôlego de vida, em Tg 2,26, de acordo com o pensamento antropológico semítico, como afirma Vouga: “a pessoa é uma unidade habitada por um sopro que lhe dá vida e a alma” (1996, p. 100). Então, a pessoa é a soma do corpo mais o fôlego, o sopro que lhe dá vida, como se lê no Gênesis: “O Senhor Deus modelou o homem com o pó apanhado do solo. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser vivo” (Gn 2,7) (BÍBLIA, 2015c, p. 29). Com isso, o autor da Epístola de Tiago insere a fé na realidade, a fé é viva se tiver obras, assim como o corpo é vivo se tiver fôlego e, de acordo com Vouga:

Articula contra toda tentação de ver na perfeição da fé (*eteleiothe*, v. 22) um processo de idealização ou de abstração da realidade da história: são as obras (isto é, o engajamento existencial) que dão o espírito à fé, e não a fé que é o espírito agindo nas obras. Tg retoma seu tema fundamental: a fé se aviva na perseverança (cf. Tg 1,2-4), isto é, na atenção e na solidariedade firme (vv. 15-17), na resistência à provação e nos riscos assumidos (vv. 20-24), na liberdade agente e na responsabilidade tomada. (v. 25) (1996, p. 100).

As ideias trabalhadas na perícopie de Tg 2,14-26, são as ideias de uma fé atuante que resiste às provas e às tentações, uma fé que enfrenta a realidade dos desiguais promovendo a justiça e a paz, uma fé que opera e se consuma em ações de caridade em favor do próximo e na purificação da pessoa; portanto, o que importa segundo Vouga:

O que importa para Tg é sublinhar a edificação mútua da fé e de seus atos: a fé se estrutura e chega à maturidade (sentido intransitivo de *teleioun!*) no risco assumido de seus engajamentos. É por isso, finalmente, v. 24, que aquilo que faz o homem justo não é apenas sua confissão religiosa (não pela fé somente, onde a ênfase é posta em *monon*, “somente”), mas que ele se mantenha em suas convicções enquanto resiste à prova, naquilo que vive e naquilo que faz (*ex érgōn* “pelas obras” (1996, p. 98,99).

A fé que foi apresentada nesse capítulo é demonstrada na firmeza e na resistência às provações, pois, é uma fé testada e aprovada. O irmão que tem essa experiência demonstrada na prova, não é vacilante, inconstante e duvidoso, tem firmeza nas convicções, pode ser considerado rico em fé (Tg 2,5), pois na perícopie de Tg 2,16-26, o autor debate a fé acompanhada de obras como a verdadeira fé, tratando através de um discurso retórico ao estilo da diatribe, se dirige aos irmãos, mas, o objetivo é um interlocutor provável, que afirma ter fé sem as demonstrações

práticas de sua afirmação. Para refutar tal discurso, faz uma série de perguntas retóricas, que naturalmente, exigem respostas negativas; assim, o autor contesta a opinião oposta. Além desse recurso retórico, o autor apresenta uma série de exemplos práticos do cotidiano das comunidades dos irmãos, mas também, se utiliza de exemplos retirados do Antigo Testamento, conhecido pelo público e pelo suposto opositor, como Abraão e Raabe, exemplos práticos de pessoas que demonstraram a fé através da sua maneira de agir.

Diante do que foi apresentado, os cristãos também são chamados a ter a fé que ultrapassa os limites de crença e de convicção e se manifesta na prática do amor, fruto da transformação de caráter promovido pela Palavra, na qual o cristão é gerado (Tg, 1,18), por isso, no próximo capítulo, será apresentada uma discussão sobre uma fé prática e a construção do *ethos* cristão.

3. O ETHOS CRISTÃO

Neste capítulo, será analisada a construção do *ethos*²² cristão a partir da análise do *ethos* exposto na Epístola de Tiago, que apresenta fé e obras como inseparáveis. A fé, conforme foi apresentada no capítulo 2, é constituída do aspecto intelectual e cognitivo, indispensável para dar sustentação ao aspecto existencial e prático. A fé, então, é assentimento intelectual que se expressa nos atos, nas boas ações. Sem esta manifestação prática, a fé torna-se apenas crença e convicção, mas não tem a força que modifica a vida do indivíduo que crê, portanto, somente crença não justifica, não é a fé que salva. Então, a fé como foi apresentada anteriormente, é demonstrada na firmeza e na resistência às provações, pois é uma fé testada e aprovada. O irmão que tem a fé que salva, precisa demonstrar no caráter, no estilo de vida (*ethos*) o poder dessa crença, que move à ação coerente com o que crê, a fé na prática.

O autor da Epístola de Tiago, ao usar a palavra, emprega as regras da oratória clássica, usando os recursos estilísticos, as figuras de linguagem, o emprego dos verbos e as imagens criadas para ilustrar seu discurso, garantindo com isso a eficácia e o sucesso de sua mensagem perante seu público. O jeito como o orador apresenta a mensagem expõe traços de seu caráter. Para alguns oradores, isso pouco importa, mas, para o autor da Epístola de Tiago, o que se mostra externamente é resultado do que está no interior, ou seja, o caráter. A coerência entre o discurso e as ações revela o verdadeiro *ethos*. Na fala acompanhada do ato está o poder persuasivo do orador, nessa perspectiva, a Epístola trata do tema fé e obra.

3.1 O *ethos* do orador e o *ethos* do auditório

A Epístola inicia com a indicação de quem é o orador, (Tg 1,1) “Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo” (BÍBLIA, 2013, 1436), imediatamente seguida da indicação de seu destinatário “às Doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tg 1,1) (BÍBLIA, 2013, p. 1436), assim, seu público provavelmente seria os irmãos. Essa identificação do público é proposital, pois apela às emoções (*pathos*) do destinatário que recebe a mensagem. Segundo Vouga, o autor da Epístola de Tiago

²² O termo *ethos* será empregado nesse texto no sentido de estilo de vida cristã.

escolheu o termo Diáspora “para lembrar a origem judaica do cristianismo e para preparar o apelo à perseverança com o qual a epístola se abre a seguir (1,2-4)” (1996, p. 39).

A Epístola de Tiago não especifica detalhadamente quem seja este auditório que se encontra na Diáspora. Ora, o orador se dirige a um auditório às vezes coletivo, às vezes específico: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria, passardes por várias provações” (Tg 1,2) (BÍBLIA, 2013, p. 1436), ora o orador conversa com sujeitos determinados, como o homem inconstante, o pobre, o rico, os mestres, os sábios, ora com sujeitos indeterminados, (Tg 1,8-13).

Tiago usa a técnica de isolar um membro do grupo maior, o auditório coletivo, para, por meio desse isolamento, identificar uma ação ou um estado associado diretamente a um membro do grupo que foi destacado. Esse procedimento tem o objetivo de criar a ilusão de que não se está atribuindo aquela ação ou estado ao grupo como um todo ou a todos os membros do grupo (BITTENCOURT, 2008, p. 186).

O autor, ao se nomear “Tiago”, determina que seu discurso será traduzido na terceira pessoa, próprio dos discursos oratórios. Além da impessoalidade de linguagem, que não significa, eximir-se ou isentar-se das responsabilidades discursivas, o autor ainda arrasta para a forma pronominal a qualidade de servo, trazendo para si o *status* da autoridade: “Servo (*doulos*) enfatiza a autoridade de Tiago, da qual a epístola se prevalece” (VOUGA, 1996, p. 39).

3.2 A construção do *ethos* cristão

A Epístola de Tiago, não está destinada a formular uma doutrina para os destinatários, mas convidar os irmãos a transformar a palavra vida, “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22) (BÍBLIA, 2013, p. 1437). A mensagem da Epístola de Tiago é prioritariamente ética, pois o locutor pretende persuadir o auditório a viver conforme sua crença. Na perícope de Tg 1,2-4, os irmãos são exortados a serem perseverantes e resistentes às provações, a serem perfeitos e íntegros (Tg 1,4).

Nos versículos de Tg 1,5-8, o autor se dirige aos irmãos em geral, atribuindo-lhes duas necessidades: sabedoria e confiança. A sabedoria vem de Deus, “que a todos dá liberalmente”, mas, a confiança precisa ser desenvolvida na firmeza e na constância. As perícopes de Tg 1,5-8 e 9-11 podem ser comparadas

paralelamente às perícopes que falam dos homens de negócios e dos homens ricos, em Tg 4,13-17 e Tg 5,1-6. Comentando sobre os destinatários dessas perícopes, Vouga apresenta a seguinte opinião:

Tg estaria apontando para a situação contraditória deles: comprometidos com seus negócios e ao mesmo tempo presentes nas comunidades cristãs, onde é que colocam seu futuro? Acham-se divididos entre dois mundos, duas almas (*dípsychos*, v. 8). Estão em conflito consigo próprios porque têm raízes em duas realidades com exigências dificilmente conciliáveis. Nosso autor inscreveria então, na sua exortação a enfrentar as provações (vv 2-4 e 12), as contradições nas quais eles se encontram (1996, p. 48-49).

O autor, em Tg 1,5-8, desfaz a imagem de um público coletivo, particularizando-o em algum de vós e no homem duvidoso, colocando os opostos: fé e dúvida. Quem tem fé, tem firmeza de caráter, seu *ethos* é marcado pela constância e pela perenidade. Do outro lado, está o homem de duas almas, duas caras (*δίψυχος* – *dípsychos*). A dúvida nasce, agita o pensamento e provoca tempestade, inconstância e falsidade, o *antiethos*, caráter duvidoso, hipócrita, falso. “Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa” (Tg 1,7) (BÍBLIA, 2013, p. 1436). Esse tipo de homem é incapaz de qualquer ato bom.

Há muitas formas de testar e desenvolver o *ethos* do cristão. Em Tg 1,9-11, há destaque para o contraste do acúmulo de riquezas e a escassez de bens materiais.

Que o irmão de condição modesta se ufane de sua elevação e o rico, de seu rebaixamento, porque ele passará como a flor dos prados. Pois o sol se levantou com o siroco e dessecou a erva, cuja flor caiu, e cuja bela aparência desapareceu. Assim também, murchará o rico em seus empreendimentos (BÍBLIA, 2015c, p. 2374).

O autor da Epístola de Tiago contrapõe a situação dos pobres à situação dos ricos, mostrando que tanto escassez quanto o fascínio dos bens são formas de provar as pessoas, “a pobreza pode ser a mais difícil e proeminente provação que os leitores da carta estavam enfrentando” (MOO, 2011, p. 66). Porém, mesmo diante das provações e privações que enfrentam, os pobres são exortados a um estado de dignidade elevada:

Em meio a tais aflições, o cristão, cuja posição, em termos do mundo, é realmente baixa, deve gloriar-se na sua dignidade. “Gloriar-se”, neste contexto, não significa a vanglória arrogante de alguém importante, mas o alegre orgulho possuído pela pessoa que valoriza aquilo que Deus valoriza (MOO, 2011, p. 66).

Por outro lado, o autor da Epístola de Tiago alerta sobre os perigos que a fascinação da riqueza pode acarretar, diante disso, exorta os ricos à humilhação. O

autor aconselha que os ricos pratiquem a diminuição, o rebaixamento, a humilhação (*ταπείνωσις* – *tapínōsis*), que pode ser compreendido de dois modos:

1. [...] pode-se compreender *tapéinosis* (a humilhação do rico) como uma ameaça que pesa sobre ele...por conseguinte, a exaltação de que gozam os irmãos humildes resultaria da esperança na intervenção escatológica de Deus, no mesmo sentido que em Lc 1,52.
2. Pode-se também ler estes versículos numa ótica menos escatológica e mais parenética: o rico é chamado a se humilhar, a se deixar desqualificar em prol dos irmãos mais modestos, a pôr sua glória na solidariedade e a viver na ruptura dos privilégios e das regalias (VOUGA, 1996, p 52).

Resistir aos encantos das riquezas e da opulência significa humilhar-se espiritualmente e conscientizar-se que a fé se exterioriza em atos de amor e solidariedade. “A pessoa rica, assim como a pobre, deve olhar além das circunstâncias físicas externas, em direção aos valores espirituais interiores e circunstâncias do “reino celestial” que não se vê” (MOO, 2011, p. 67).

Em Tg 1,13 e 14, o autor volta seu argumento contra a ideia de que alguém pode justificar suas faltas, atribuindo a culpa a outrem. Primeiro, ele esclarece que qualquer atitude faltosa é responsabilidade de quem a pratica. Por falta de personalidade firme, facilmente é levado pelos ventos da sedução, enredando-se na concupiscência e dando vasão ao ato pecaminoso. Então, o *ethos* cristão é forjado na resistência a todo tipo de tentação e como as provações atingem particularmente a cada um (Tg 1,14).

Esse tema das lutas e das provas motivadas pelo desejo e pela cobiça é retomado na perícopie de Tg 4,1-3, as primeiras palavras que se destacam: guerra, conflito, disputa, luta (*πόλεμος* – *pólemos*), discussão, contenda (*μάχη* – *máche*). Esses são termos empregados desde os clássicos como Homero, Platão, Xenofonte, e pertencem tanto à diatribe helenística de Epiteto, quanto à pregação do judaísmo. De acordo com Vouga: “A expressão é frequentemente metafórica. Pode designar os conflitos e as lutas internas do indivíduo (cf. Tg 1,5-8). Mas pode também dar conta dos conflitos relacionais na vida da pessoa e nos jogos de influência social” (1996, p. 122). Portanto, guerra pode ter o significado de batalhas que ocorrem dentro de cada pessoa ou batalhas que ocorrem entre as pessoas ou no meio delas.

Ao fazer uma comparação de Tg 4,1-3 com Tg 3,13-18, constata-se, que nessas perícopes, o autor faz uma aplicação mais eclesiológica do tema das batalhas, alertando a comunidade contra a contenda, disputa ou guerra. Disputas que ocorrem pela busca de prazer (*ἡδονή* – *hēdoné*):

na origem das divisões e dos conflitos estaria não a tentação de sedução, mas a abundância e a concorrência dos prazeres e dos gozos...o infortúnio não provém dos fracassos, mas da superabundância dos prazeres” (VOUGA, 1996, p. 123).

Por outro lado, a busca insaciável pelo prazer motivada pela cobiça, segundo o autor da Epístola de Tiago assegura, não leva ninguém a ter alguma coisa boa, que seja louvável, pelo contrário, a cobiça e a busca pelo prazer produzem inveja, mortes, contendas e guerras e soberba (Tg 4,1-3.6). As disputas e contendas pelas coisas efêmeras e passageiras desse mundo são opostas àquela sabedoria, a qual o cristão é convocado a aderir; à sabedoria que vem do alto, de onde só procedem as coisas boas, como se pode ver em Tg 3,13-18, pois, “Aquele que tem a verdadeira sabedoria, não ensina por palavras, mas pelo exemplo de sua boa conduta e difunde a paz em torno de si” (TRIMAILLE *apud* CARREZ, 1987, p. 296). A verdadeira sabedoria é oposta à sabedoria terrena, essa por sua vez, só busca a satisfação própria. É movida pela cobiça, por isso, é conflituosa, carregada de um discurso violento, pois o sábio terreno não tem domínio da língua. “Conflitos e divisões nas comunidades prendem-se diretamente aos delitos da língua e aos falsos mestres” (TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA, 2015, p. 2378).

Por sua vez, Becquet também apresenta as razões que levam a disputas nas comunidades, em primeiro lugar está o desejo negativo da cobiça; em segundo lugar estão os prazeres, objeto da cobiça:

Esta maneira negativa de desejar é designada pelo verbo “cobiçar”. Inscreve-se no registro do ver, do visível, do que pertence à sensibilidade (os prazeres) e ocasiona o desejo da posse imediata: tomar sem pedir. De outro lado, os prazeres, objetos da cobiça, não são objetos inertes, mas forças desordenadoras que põem em perigo a coesão do indivíduo, antes de destruir a do grupo (1991, p. 58).

Desejo e cobiça, duas categorias que levadas para o sentido negativo trazem conflitos para o cristão e para a comunidade. Isso tudo se opõe àquela serenidade e alegria diante das provações (Tg 1,2), como também à bem-aventurança descrita em Tg 1,12: “Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam” (BÍBLIA, 2013, p. 1436).

O desejo pelo prazer e a cobiça não podem nortear a vida do cristão. Os que se deixam levar por essas coisas estão sempre pedindo, mas não recebem porque pedem com sentimentos egoístas (Tg 4,3). As pessoas que vivem para essas

coisas, na visão do autor da Epístola, estão em conflito consigo e com os outros, numa insaciável busca pelo prazer, chegando até a atitudes violentas.

Tiago fornece-nos uma poderosa análise do conflito humano. Argumentos verbais, violência particular ou conflito nacional — a causa de tudo isto pode ser encontrada no desejo frustrado de querermos mais do que temos, de cobiçarmos aquilo que é dos outros, seja os cargos das pessoas ou suas posses (MOO, 2011, p. 141).

A recomendação do autor da Epístola da Tiago, contudo, é pedir aquilo que se necessita, como sabedoria (Tg 1,5), ou as coisas necessárias à vida (Tg 4,2-3), ou pedidos feitos em oração pelos enfermos (Tg 5,13-14). Essa indicação está em harmonia com o que se encontra no Evangelho segundo Mateus, onde existe a promessa de que os pedidos serão atendidos: “Pedi e vos será dado, buscai e encontrareis, batei e vos será aberto” (Mt 7,7) (BÍBLIA, 2015a, p. 32). As condições para que esses pedidos sejam atendidos estão expostas no mesmo Evangelho segundo Mateus: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja teu nome, chegue teu reino, seja feita tua vontade, assim na terra com no céu” (Mt 6,9-10) (BÍBLIA, 2015a, p. 30).

Por sua vez, Vouga apresenta as consequências das más escolhas que a pessoa faz, quando se deixa influenciar pelo hedonismo e pela cobiça: “querendo tudo agarrar, as pessoas interpeladas não podem viver plenamente sua vida e o que elas têm. Ter alguma coisa e gozar dela pressupõe que se façam escolhas e renúncias” (1996, p. 123). O autor da Epístola põe a possibilidade da escolha diante de seu destinatário, mas alerta que ao escolher uma coisa, conseqüentemente desprezará a outra. Não há a mínima possibilidade de ter tudo ao mesmo tempo, por isso afirma Vouga:

Querendo tudo abraçar e nada perder, reivindicando tudo para elas mesmas, as pessoas descartam e anulam as demais, privando-se de um lugar e de sua dignidade, apropriando-se de seu espaço de vida. Mas isso tampouco lhes permite obter aquilo a que aspiram. O homem não vive daquilo de que se apropria ou daquilo que inveja: ele vive do dom que recebe na liberdade e no reconhecimento (1996, p. 123).

O *ethos* se testa resolutivo diante da prova do desejo. As provas podem ser as mais variadas: a dúvida, a escassez de bens materiais, o fascínio das riquezas, e o que Vouga denomina de “fatalismo religioso” ou o último tema da provação, como é descrito em Tg 1,13-14: “Que ninguém ao ser tentado, diga: “Minha tentação vem de Deus”, pois Deus não pode ser tentado a fazer o mal e a ninguém tenta.

Cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz” (BÍBLIA, 2015c, p. 2374).

Uma vez fecundada, a concupiscência dá à luz o pecado, e o pecado, tendo atingido a maturidade, gera a morte. Não vos enganéis, meus irmãos muito amados. Todo dom valioso e toda dádiva perfeita descem do alto, do Pai das luzes, junto a quem não existe nem hesitação nem sombra devida ao movimento. Por sua própria vontade, Ele nos gerou pela palavra da verdade, a fim de que sejamos, por assim dizer, as primícias de suas criaturas (Tg, 1,13-18). (BÍBLIA, 2015c, p. 2374-2375)

Nessa perícopie, o autor da Epístola de Tiago chama a atenção que nenhum mal provém de Deus, portanto, “recusa a ideia segundo a qual Deus poderia tentar ou pôr à prova quem quer que seja” (VOUGA, 1996, p. 61).

A primeira afirmação apresentada: “Deus não pode ser tentado pelo mal” (Tg 1,13) (BÍBLIA, 2015b, p. 1610). A segunda afirmação: “em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1,17b) (BÍBLIA, 2015b, p. 1610). O mal é inacessível a Deus, pois todo aspecto de maldade é contrário à natureza divina.

Dessa maneira, o autor da Missiva “esclarece que Deus não induz ninguém a fazer o mal” (BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA, 2013, p. 1436). Essas afirmações do autor da Epístola contrariam a mentalidade judaica de sua época, que atribuía a Deus tanto o bem quanto o mal. Pelo contrário, afirma o autor, de Deus só procedem as coisas boas: “todo dom valioso e toda dádiva perfeita descem do alto, do Pai das luzes” (Tg 1,17a) (BÍBLIA, 2015c, p. 2375). Portanto, o autor da Epístola de Tiago descarta essa ideia de que o mal vem de Deus. O autor é enfático ao alertar o homem a assumir a responsabilidade pessoal pelos seus atos e pelos seus pecados.

A terceira afirmação apresentada pelo autor da Epístola de Tiago: seria de que Deus não põe ninguém à prova, pois “Ele mesmo a ninguém tenta” (Tg 1,13) (BÍBLIA, 2015b, p. 1610). Reafirmando o que foi dito no início da proposição do v. 13, “Tg toma uma posição bem nítida: ninguém tem o direito de dizer que as provações que encontra vêm de Deus, pois Deus não tenta ninguém, e tudo que dá é bom e perfeito (vv. 17-18). Para Tg, Deus não põe o homem à prova” (VOUGA, 1996, p. 61).

O autor da Epístola esclarece enfaticamente que o homem é responsável por seus atos. É o homem que alimenta sua própria concupiscência, que se deixa seduzir, acalentando a ideia pecaminosa, e por fim, pratica o ato de pecado. “Não é, pois, contra Deus, mas contra si mesmo que o homem deve resistir, ou, mais precisamente, contra as forças que habitam nele e contra suas cumplicidades com

elas” (VOUGA, 1996, p. 61). Portanto, a luta do homem consigo mesmo começa no enfrentamento da concupiscência, da vontade e do desejo, pois ele é quem faz ressoar em si essas inclinações, deixando-se seduzir, arrastar, puxar, atrair para uma armadilha, como as presas que são seduzidas pelas iscas colocadas num anzol, numa arapuca ou qualquer outro tipo de armadilha de pesca ou de caça:

Como em caça e pesca a presa é atraída de seu esconderijo, assim o ser humano, abandonando a segurança do autodomínio, é atraído pela isca do pecado. Em Tg 1.14, a linguagem da caça é transferida para expressar a sedução de uma meretriz (DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG, 2002, p. 1880).

O autor da Epístola de Tiago alerta seus ouvintes e leitores contra a sedução, ponto central do v. 14. “O primeiro elo dos encadeamentos denunciados por Tg é a história de uma sedução à qual cada um está sujeito” (VOUGA, 1996, p. 62). O homem sábio, no entanto, é aquele que tem domínio próprio, controla suas paixões, sem se deixar enredar nos laços do desejo, “não vos enganeis, meus amados irmãos” (Tg 1,16) (BÍBLIA, 2013, p. 1436). Convém prestar atenção para o jogo que o autor da Epístola de Tiago faz com a palavra desejo. No v. 14 (*ἐπιθυμία* – *epithymía*) esse termo, segundo opinião encontrada em Vouga, foi empregado pelo autor da Epístola: “para designar a força da concupiscência que se apodera de nós e nos domina” (1996, p. 62), como uma forma de relação. Dessa relação com a concupiscência, ocorre uma concepção (*συλλαμβάνω* – *syllambáno*) e conseqüentemente nasce o pecado. “Após a sedução, o parto. Fecundada, ou antes, fazendo-se fecundar (*syllabousa*, literalmente: levando com ela)...concupiscência dá à luz a falta” (VOUGA, 1996, p. 62).

São vários os sinônimos e significados para pecado (*ἁμαρτία* – *hamartía*) entre eles, o que o significa “o erro, a falta, no grego clássico e na nossa epístola em particular (Tg 2,9; 4,17; 5,15.16.20)” (VOUGA, 1996, p. 63). Portanto, da relação pecaminosa com a concupiscência ocorre algo, que, de acordo com Vouga, pode-se denominar de “nova geração”, ou seja o pecado, que por sua vez, gera a Morte (1996, p. 63). Para deixar essa ideia bem nítida para seus leitores e ouvintes, o autor explica didaticamente que, se a gravidez se consumir, for levada até o final (*ἀποτελεῖν* – *apoteleín*), nascerá, parir (*ἀποκύειν* – *apokýein*) um fruto que trará consigo uma conseqüência fatal, da qual ninguém está livre.

Com os exemplos apresentados acima, o autor da Epístola mostra a seus ouvintes que eles são os responsáveis pela prática do mal. Pois, alimentam em sua mente a concupiscência, deixando-se enredar, numa relação promíscua, da qual

nasce o pecado, este por sua vez, gera a morte. Portanto, o autor da missiva, chama seus ouvintes e leitores a assumirem a responsabilidade por seus atos. Ninguém pode atribuir a outrem a responsabilidade de suas ações:

Se há crentes que não conseguem perseverar em sua resistência, não é porque Deus interviria para pô-los à prova, mas porque seus próprios desejos usam como alavanca as provações que têm a enfrentar. Elas são falhas pelas quais a concupiscência toma posse dos atos deles: em vez de suportarem a realidade, deixam-se seduzir (VOUGA, 1996, p. 63).

A mensagem do autor da Epístola de Tiago a seus ouvintes na perícopa de Tg 1,2-18, em síntese, é uma mensagem de resistência contra quaisquer que sejam as provas, porque aqueles que resistem serão contados com os bem-aventurados. Ele aconselha que ninguém se lamente diante das provações, mas mantenha um espírito de alegria, pois resistir à prova (*δοκίμιον – dokímion*) redundará na aprovação e na firmeza do caráter. As provas (*πειρασμός – peirasmós*) não apresentam razão para a dúvida nem para ceder às tentações, aos desejos ou à concupiscência (*ἐπιθυμία – epithymía*).

Tg chama a atenção de seus destinatários acerca das forças de sedução que ameaçam cada um: que ninguém se deixe dominar por esse processo e não se faça arrastar naquela série de gerações: concupiscência-pecado-morte (VOUGA, 1996, 64).

Em sua mensagem, o autor da Epístola de Tiago descarta a possibilidade de que qualquer resquício de maldade provenha de Deus, pois de Deus só procedem as boas coisas, inclusive o autor deixa claro qual é o propósito de Deus para os seus ouvintes em Tg 1,18: “Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias de suas criaturas” (BÍBLIA, 2013, p. 1437), logo:

Atribuir a Deus o intento maligno de tentar as pessoas é um assunto sério. Tiago quer ter certeza de que seus leitores não se “enganarão” nesta questão. Longe de atrair para o pecado, Deus é a fonte de todas as boas dádivas (v. 17), dentre as quais a maior é o novo nascimento (v. 18) (MOO, 2011 p. 74)

3.3 Sabedoria para desenvolver o *ethos* cristão

A sabedoria é outro tema que ocupa um lugar de destaque na Epístola de Tiago, para o qual o autor chama a atenção em Tg 1,5: “se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente” (BÍBLIA, 2013, p. 1436), depois aparece em Tg 1,19; e é retomado em Tg 3,13-18.

O autor pretende mostrar a seus destinatários quem são os verdadeiros sábios, para isso, contrasta duas visões de sabedoria, uma que vem do alto e a outra de procedência terrena. A sabedoria que vem do alto é perfeita e a sabedoria terrena tem a inconstância como seu referencial. A sabedoria do alto é um dom de Deus (Tg 1,5), a sabedoria terrena é animal e demoníaca (Tg 3,15).

Para o autor da Epístola de Tiago, a sabedoria não é apenas inteligência ampla e completa (*σοφία – sofía*) nem o conhecimento especializado, epistemológico (*ἐπιστήμη – epistēmē*), sabedoria é um modo de vida. “A verdadeira sabedoria, assim como a fé real, é uma qualidade prática e vital que tem a ver tanto (ou mais) com o modo pelo qual vivemos como com aquilo que pensamos ou dizemos” (MOO, 2011, p. 131). Nesse sentido, o autor da Epístola de Tiago está muito mais interessado nas qualidades manifestadas na vida dos sábios.

Quem é sábio exerce autocontrole sobre seus atos, principalmente controle da língua e do temperamento: “Vós sois sábios, irmãos meus muito amados. Todavia, que ninguém negligencie o ser pronto para escutar, lento para falar, lento para se encolerizar, pois a cólera do homem não realiza a justiça de Deus” (Tg 1,19-20) (BÍBLIA, 2015c, p. 2375). O controle da língua era tema conhecido desde o Antigo Testamento: “no falar excessivo não falta pecado; quem modera a linguagem é homem prudente (Pv 10,19) (BÍBLIA, 2015c, p. 1250). Por outra parte, ainda no Antigo Testamento encontra-se mais uma citação que exalta a sabedoria de quem refreia sua língua: “é muito sábio quem refreia as palavras, quem mantém a calma é homem sensato. Calado, até o estulto passa por sábio e por sensato, se fica de lábios fechados” (Pv 17,27-28) (BÍBLIA, 2015c, p. 1263).

Para o autor da Epístola, é imprescindível o controle do temperamento, pois o verdadeiro sábio não usa de palavras irrefletidas nem carregadas de aspereza e agressividade com o seu semelhante. Sobre a questão do controle do temperamento, Moo destaca o seguinte:

Com enorme frequência é a ira descontrolada diante de uma pessoa que nos leva a falar rápido demais e a dizer mais do que devemos. Apesar de Tiago não proibir toda e qualquer ira (há lugar para a “justa indignação”), ele proíbe o temperamento irrefletido e descontrolado que muitas vezes produz palavras ásperas, nocivas e irrecuperáveis (MOO, 2011, p. 78).

Por outro lado, encontra-se a seguinte afirmação sobre o controle do temperamento: “Que teu espírito não se irrite apressadamente, pois a irritação vive no coração dos insensatos” (Ecl 7,9) (BÍBLIA, 2015c, p. 1322). Portanto ser sábio, não

significa apenas ter domínio do conhecimento, significa um modo de vida que o autor da Epístola de Tiago exalta. Por isso ele aconselha em Tg 3,1: “meus irmãos, não vos ponhais todos a ensinar. Sabeis com que severidade seremos julgados” (BÍBLIA, 2015c, p. 2377). O escritor chama a atenção para a proliferação de sábios ou mestres (*διδάσκαλος* – *didáskalos*) nas comunidades destinatárias de sua carta. Para ele, não seria aconselhável, nem prudente que houvesse tantos professores a ensinar a palavra. No entanto, esses que se julgam sábios ou mestres, que saibam controlar a língua, pois, no julgamento do autor da Epístola, ela é fonte de maldades, motivo de tropeço (Tg 3,2).

De acordo com Vouga, o autor da Epístola de Tiago começa, nessa perícope (Tg 3,1-18), advertindo contra a multiplicação de mestres nas comunidades cristãs, mas a perspectiva se modifica numa advertência muito mais ampla sobre o poder da língua, num contexto prático da vida em comunidade. “O contexto da nossa perícope seria, como das duas precedentes (Tg 2,1-13; Tg 2,14-26), o da vida de comunidades cristãs” (VOUGA, 1996, p. 102). Para ilustrar essa perspectiva comunitária sobre os malefícios da falta de sabedoria no exercício da linguagem, Becquet expõe qual seria a lógica do autor da Epístola de Tiago:

Desejoso de ser persuasivo, convida seus destinatários a se preservarem dos perigos do “falar” que pode causar grandes danos em uma comunidade (“o corpo”) e a procurarem, de preferência um “fazer” (“uma sabedoria”) ou prática de vida que coincida com o “falar” (BECQUET, 1991, p. 51).

A construção do *ethos* se faz na realização da Palavra, portanto, se dá na prática da sabedoria que vem do alto. O autor da Epístola de Tiago afirma que o crente é gerado pela palavra da verdade para ser as primícias (Tg 1,18). Ser primícias das criaturas de Deus significava, “na liturgia judaica, pertencer ao Senhor” (BROWN, 2004, p. 950). Portanto, o cristão é aquele que faz sua adesão ao Evangelho, e essa adesão manifesta-se em práticas de boas obras. Sobre isso, encontra-se o seguinte comentário: “Para que tal aconteça, os cristãos não podem simplesmente ser ouvintes da palavra do (evangelho); devem demonstrar seu efeito em sua vida” (BROWN, 2004, p. 950).

Então, a partir de Tg 1,19, o autor da Epístola alerta os cristãos que são ‘sábios’ a exercer a sabedoria na prática. “Não se trata apenas de escutar a palavra de Deus, mas, bem mais do que isso, de prestar atenção ao ensinamento dos sábios e enriquecer-se com a experiência de que são portadores” (VOUGA, 1996, p. 70). O conselho que o autor da Epístola de Tiago dá a seus leitores e ouvintes é que eles

se enriqueçam, tirem proveito das experiências dos sábios e dos seus ensinamentos, pois eles levaram uma vida de fidelidade e de realização da palavra. Portanto, os ouvintes e leitores despojem-se de toda maldade, fazendo sua adesão ao Evangelho no acolhimento da palavra da verdade: “acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma” (Tg 1,21) (BÍBLIA, 2013, p. 1437). Depois, o autor da Epístola usa o imperativo: “tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22) (BÍBLIA, 2013, p. 1437) ou nessa outra versão (Tg 1,22): “mas sede realizadores da palavra e não apenas ouvintes que se iludiram a si mesmos” (BÍBLIA, 2015c, p. 2375). No entanto, aquele que se diz cristão, mas não põe em prática os ensinamentos de sua fé, vive uma ilusão religiosa, sem valor algum, como o autor da Epístola de Tiago ilustra ao usar a metáfora do espelho (Tg 1,23-24). Enganam-se a si mesmos, vivendo dubiamente, dizem uma coisa, mas fazem o oposto do que afirmam. Como atesta Becquet, não traduzem seu discurso em “atos no modo de viver”:

O autor não censura alguns por não dizerem a verdade no ensinamento deles, mas por não traduzirem em atos no modo de viver. O que ele denuncia em suas palavras é a intransigência, a intolerância, o descaso por aqueles que não são como eles (1991, p. 54).

Diante dos exemplos apresentados acima, pode-se sintetizar a discussão sobre essa parênese defendendo as aplicações apropriadas para as comunidades destinatárias da Epístola e as aplicações atuais para qualquer leitor ou ouvinte da Missiva. Referindo-se aos primeiros destinatários, essa parênese de Tg 3,1-18 aplica-se aos falsos mestres que, de forma antiética, exerciam sua função em proveito próprio, com arrogância e subversão, e, às comunidades herdeiras do judaísmo ou de um judeu-cristianismo, que valorizavam mais o exterior, as aparências, o que é terreno em detrimento do que é essencial, a sabedoria que vem do alto. Referindo-se aos destinatários atuais, aplica-se aos que se julgam sábios, mas são arrogantes, antiéticos, corruptos; não promovem a justiça nem produzem a paz. Também se aplica a qualquer comunidade que luta contra as injustiças sociais, alertando para a coerência entre o discurso e a prática. Essa mesma aplicação serve para todo cristão: viver sua fé priorizando as boas ações e a sabedoria, pois sua vida é a expressão de suas palavras. Portanto, como afirma Vouga: “igualmente para Tg a sabedoria dos irmãos deverá atestar-se na sua atitude existencial” (1996, p. 111).

O autor da Epístola, em Tg 3,1, chama a atenção dos mestres e sábios para a grande responsabilidade que têm ao assumirem esse papel. A qualidade de sábio é demonstrada através das ações, entre elas, o controle da língua, quem consegue dominar a língua pode ser chamado de perfeito (Tg 3,2). O problema do homem, contudo, não está na linguagem que ele usa cotidianamente, nas palavras duras e más que profere, ou seja, uma linguagem sem controle, uma linguagem de tropeço. O autor usa a imagem da fonte e da figueira (Tg 3,11 e 12) para mostrar que “a qualidade da água depende da sua fonte, e a raiz determina o fruto” (WAHLEN, 2014, p. 86), portanto, o problema está na fonte de onde jorra esta linguagem indomada, irrefletida e insensata, está na raiz da árvore, pois o que está no interior se manifesta externamente. “Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja e amargura e sentimento faccioso ... aí há confusão e toda espécie de coisas ruins” (Tg, 3,14 e 16) (BÍBLIA, 2013, p. 1439). Aconselha o autor da Epístola de Tiago: “Ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos primícias” (Tg 1,18) (BÍBLIA, 2013, p. 1437), por isso, é inconcebível que aquele que foi gerado pela Palavra do Evangelho da sua boca saiam bênção e maldição, isso é absolutamente incoerente e insensato. Ao contrário, o que é gerado pela Palavra da verdade tem a sabedoria lá do alto, por isso, brota do seu coração paz, justiça e obras de caridade.

3.4 O *ethos* e o domínio próprio

O autor da Epístola põe em contraste duas posições desenvolvidas em Tg 3,1-17. A primeira posição refere-se ao problema da língua, o autor usa várias ilustrações dispostas em Tg 3,3-6: a metáfora do pequeno freio que permite controlar os cavalos; a metáfora do pequeno leme que controla um navio; a metáfora da fagulha capaz de pôr em chamas uma grande floresta.

A segunda posição trata da sabedoria, que o autor entende como prática de vida e está descrita em Tg 3,13-17, pois chama a atenção dos irmãos através de uma série de perguntas retóricas que levam à reflexão sobre a incoerência de dizer uma coisa e praticar outra totalmente oposta. Ao final, o autor confirma que a verdadeira sabedoria é a que vem do alto e tem sua fonte em Deus: “a sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento” (Tg 3,17)

(BÍBLIA, 2013, p. 1439). E termina mostrando que o sábio vive em paz, “semeia o fruto da justiça e promove a paz” (Tg 3,18) (BÍBLIA, 2013, p. 1439).

O autor mostra aos irmãos que a pessoa que não consegue domar a língua e as palavras diz coisas que não edificam, que provocam ira e injustiças (Tg 1,19-26; 3,1-12). Então, o caráter do cristão não pode carregar as marcas da falta de domínio próprio e da insensatez. O *ethos* cristão é sua carta de apresentação diante do mundo, portanto, sabedoria, domínio próprio, coerência entre o discurso e a prática, ética e atos de justiça, são as marcas impressas no *ethos* cristão.

3.5 Humildade cristã

O *tópos* do mundo é o da satisfação dos desejos. O *tópos* do cristão é inteiro esvaziamento e entrega. Em Tg 4,4-10, o cristão não pode viver iludido com as seduções do mundo, que de acordo com Vouga:

O mundo não é apenas a criação de Deus, mas na nossa epístola, a realidade diária dominada por forças de alienação e de destruição (Tg 1,27; 2,5; 3,6). Trata-se, para os cristãos, de se guardar do mundo (1,27) que é o mundo da injustiça” (1996, p. 125).

Em Tg 4,4-10, vê-se o conflito dualista entre Deus e o mundo como dois poderes que se excluem. Nas palavras de Vouga, esse conflito lembra o dualismo helenístico. Mas esse discurso dualista não é exclusivo do autor da Epístola de Tiago, o evangelista João também o apresenta no Evangelho e nas suas cartas:

Se o mundo vos odeia, sabeis que ele me odiou primeiro. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que lhe pertence, mas vós não sois o mundo: fui eu que vos separei do mundo, e eis por que o mundo vos odeia. Neste mundo experimentareis a aflição, mas tende confiança, eu venci o mundo (Jo 15,18-19; 16,33) (BÍBLIA, 2015c, p. 2083, 2084, 2086).

Não ameis o mundo nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que está no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, e a confiança orgulhosa nos bens, não vem do Pai, mas vem do mundo. Ora o mundo passa, bem como a sua concupiscência; mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre (1Jo 2,15-17) (BÍBLIA, 2015c, p. 2411).

O autor da Epístola, portanto, não está sozinho ao afirmar: “Adúlteras! Não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Portanto, quem quiser ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus” (Tg 4,4) (BÍBLIA, 2015b, p. 561). A mensagem do autor da Epístola assegura que não há compatibilidade entre a vivência da fé e a conformidade com o mundo. “Não se pode ao mesmo tempo

confiar em Deus e ceder ao conformismo social, à ambição e à injustiça” (VOUGA, 1996, p. 126). Mendonça atesta que a linguagem violenta da exclamação do autor da Epístola comparando seus leitores e ouvintes com “adúlteras” está relacionada com a linguagem bíblica que muitas vezes qualifica Israel como uma esposa infiel. Por sua vez, a Tradução Ecumênica da Bíblia²³ comenta essa dualidade incompatível do homem para com Deus, que o autor da Epístola abandona a forma afetuosa de tratamento, irmãos, trocando-a pela violenta expressão adúlteros, pecadores e homens fingidos (Tg 4,8-9). Reforçando essa crítica que o autor faz aos seus ouvintes, encontra-se a seguinte afirmação:

Fazendo alusão ao conceito bíblico de Israel como noiva de Deus, Tiago compara com o adultério espiritual a tendência dos cristãos de serem condescendentes com os costumes do mundo e serem influenciados pelas atitudes mundanas. Na realidade eles estão escolhendo um mestre e senhor diferente (WAHLEN, 2014, p. 98)

Por outro lado, a palavra mundo (*κόσμος* – *kósmos*) foi empregada pelo autor da Epístola em seu sentido ético, para deixar claro para seus leitores que qualquer conjunto de coisas terrenas, bens, dotes, riquezas, vantagens, prazeres, que desencaminhem os homens de Deus, são obstáculos à fé. “O mundo aqui, é a sociedade humana com seus valores, princípios e filosofias vivendo à parte de Deus” (LOPES, 2006, p. 86). Apegar-se a essas coisas, como prioridade e como conjunto de valores que regem a vida, é o mesmo que viver uma relação infiel com Deus e com a fé.

O autor da Epístola em estudo salienta, em Tg 4,5-10, que os cristãos vivam uma relação de fidelidade com Deus, apresentando como um dos pontos principais, a tese de que Deus zelosamente procura aqueles que desejam um relacionamento com Ele. Para isso, o crente vive uma experiência de humildade (*ταπεινωσις* - *tapeinōsis*) sujeitando-se a Deus como resistência à soberba e ao diabo. O humilde leva uma vida ética, demonstrada através da fidelidade e da humilhação a Deus. “Os humildes (*tapeinoi*) são os amigos privilegiados do nosso autor” (VOUGA, 1996, p. 127). Os soberbos recebem do autor da Epístola de Tiago uma palavra de reprovação, são fingidos e indecisos. Por outro lado, os humildes

²³ Nota s: Homens e mulheres infiéis! Renunciando à expressão irmãos, o redator adota um tom violento, a ponto de chamar de adúlteros, pecadores e homens fingidos (cf. vv 8,9) os autores de conflitos. O epíteto *mulheres adúlteras* lembra as invectivas dos profetas contra o povo infiel à aliança (cf. Os 3,1) e as de Jesus contra a geração que recusava a sua mensagem (cf. Mt 13,39; 16,4). Poderia visar tanto às comunidades quanto os indivíduos. (TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA, 2015, p. 2378).

receberão a graça de Deus em exaltação. “Aquele que se enaltecer será humilhado, e aquele que se humilhar será enaltificado” (Mt, 23,12) (BÍBLIA, 2015b, p. 77).

O autor da Epístola de Tiago visa uma mudança de atitude daqueles que professam sua fé. Faz, portanto, um convite, um chamamento para que os professos cristãos se submetam a Deus e se afastem do mundo. “O chamado para se submeter a Deus vai além da advertência moralista; ele está chamando os pecadores ao arrependimento, como Jesus fez (Lc 5,32)” (WAHLEN, 2014, p. 99). “Não vim chamar os justos ao arrependimento, mas sim os pecadores” (Lc 5,32) (BÍBLIA, 2015b, p. 169).

De acordo com o pensamento de Wahlen, Tg 4,8-10 apresenta o clímax de tudo que o autor da Epístola de Tiago escreve desde o capítulo 3,13, pois expõe os contrastes entre a sabedoria celestial e a sabedoria demoníaca, entre os soberbos que se exaltam, como faz o diabo, e os humildes que se submetem a Deus. Compara a quebra da aliança com Deus com uma relação de infidelidade, uma relação adúltera. Esse tipo de pessoa tem a mente dividida, e os indecisos, inconstantes, não agradam a Deus, sobre isso, pode ser mencionada a seguinte opinião:

O convite ao retorno e ao recentramento na fé libertadora culmina na retomada do tema do v. 6. Que os irmãos se tornem humildes diante do Senhor e Ele os exaltará... A exortação é ao mesmo tempo uma promessa. O Senhor cumulará a vida daqueles que souberem despojar-se dela e escapar assim ao domínio das seduções e dos poderes do mundo. Assim, a conclusão da perícopre reata com o início: na obediência e na fidelidade de sua fé, os irmãos encontrarão libertação das forças que os escravizam os predem numa constante insatisfação e que os condenam às rivalidades e à violência. (VOUGA, 1996, p. 129).

3.6 Saber viver

Em Tg 4,11-12, o autor da Epístola alerta mais uma vez para a importância de uma vida ética e do domínio da língua, e recomenda não falar mal do irmão (Tg 4,11), não falar contra, caluniar, emitir falso testemunho, dizer xingamentos, tudo isso, pode ser inferido dessa expressão “não falar mal” empregada pelo autor da Epístola. Quem vive praticando esses atos antiéticos, recebe uma dura reprovação. Quem pratica essas coisas, segundo ele, questiona a própria lei, e, por uma reação em cadeia, questiona o próprio legislador. O autor assegura que o homem que pratica tais atitudes maledicentes, desloca-se da condição de observador, cumpridor da lei, para a condição de juiz, e, desse modo, desconhece sua própria fraqueza. Ao

contrário disso, o autor assegura que há um só legislador e um só juiz: “Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém quem és, que julgas o próximo?” (Tg 4,12) (BÍBLIA, 2013, p. 1439). Essa ideia de um só legislador é apresentada desde o Antigo Testamento, como se encontra em Is 33,22: “Porque o Senhor é o nosso Juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei, ele nos salvará” (BÍBLIA, 2013, p. 805).

De acordo com o Comentário Bíblico Adventista:

Tiago enfatiza o absurdo de alguém tentar julgar o outro, tendo em vista que o ser humano não pode discernir as motivações. De uma forma ou de outra, todos são violadores da mesma lei, e é o orgulho egoísta que impele alguém a depreciar e ferir outros com palavras (2014, p. 583).

Nesses versículos de Tg 4,11 e 12, o autor da Epístola segue a mesma instrução encontrada no Evangelho segundo Mateus: “Não julgueis para não serdes julgados; pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados, e, com a medida com que medirdes, sereis medidos” (Mt 7,1-2) (BÍBLIA, 2015a, p. 32). Sobre essa questão do julgamento, encontra-se a seguinte argumentação: “O cerne da questão diz respeito ao ato de aceitar as pessoas como elas são; mais do que isto, de recebê-las sem acalentar nenhuma espécie de *pré-conceito*” (AGUIAR, 2014, p. 87).

A linguagem empregada pelo autor da Epístola nesses versículos de Tg 4,11-12 é carregada de termos forenses, mas sua aplicabilidade não é propriamente do cotidiano do fórum, mas da vida particular das pessoas, que de maneira preconceituosa, cotidianamente faziam mal juízo de seus semelhantes dentro da própria comunidade. Esse tipo de pessoa já ultrapassou o limite entre o observador e cumpridor da lei e o legislador e juiz, pois, como diz o autor: “Há um só legislador e juiz” (Tg 4,12) (BÍBLIA, 2015a, p. 562).

As pessoas que agem dessa maneira, já não têm mais domínio próprio e nem controle sobre a língua. Esse problema já fora apresentado pelo autor da Epístola em Tg 1,26 e Tg 3,5-9, e agora mais uma vez é retomado, mostrando que a gravidade de falar mal dos irmãos é semelhante à gravidade do pecado contra a lei de Deus, pois, para o autor da Epístola, o cumprimento da lei se dá no plano relacional entre os irmãos.

Agir com sabedoria e autocontrole é o conselho do autor da Epístola de Tiago para todas as pessoas, especialmente para os cristãos, independentemente do assunto e das situações, especialmente quando se refere ao trato com as pessoas. Em outras palavras, “para agir com boa fé em relação ao outro, é necessário o

exercício do domínio próprio, sobretudo no controle da língua” (AGUIAR, 2014, p. 91). Por sua vez, Moo assegura que o autor da Epístola de Tiago proíbe severamente o cristão de falar mal do próximo, porque essa prática contraria o significado principal da mensagem da lei e do próprio Evangelho que se mostra na prática do amor, portanto:

Falar mal de colegas cristãos é errado não apenas porque isto envolve “julgar a lei”; é errado porque isto também é julgar o próximo. A preocupação de Tiago é com o discurso invejoso e de censura, pelo qual condenamos outras pessoas como erradas à vista de Deus (MOO, 1990, p. 151,152).

A partir desse ponto, em Tg 4,13-17, o autor da Epístola volta suas palavras para os ricos e os homens de negócios, criticando a presunção e a prepotência como prejudiciais ao sucesso em qualquer área. O autor não está simplesmente criticando o ato de planejar as coisas com o intuito de alcançar metas, em sua palavra está implícita a crítica àqueles que negligenciam o relacionamento com Deus por causa dos planos e dos negócios. “Tiago se dirige aos membros que negligenciam a relação com Deus no viver” (COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA, 2014, p. 583). Becquet, faz uma relação desses versículos de Tg 4,13-17 com os versículos de Tg 5,1-6, apresentando que o autor se dirige a dois grupos específicos:

Os primeiros atores, “aqueles que dizem”, exprimem um projeto futuro. Seu projeto que é, talvez, simplesmente um belo sonho, desvenda um processo de ação cujo fito principal é declarado no fim da frase pela palavra “lucro” (BECQUET, 1991, p. 65).

Esse tipo de pessoa vive correndo atrás do lucro, faz planos nos quais a relação com Deus não tem lugar. Pessoas assim, se enchem de orgulho e jactância. Tratando dessa mesma perícopes da Epístola de Tiago (4,13-17 e Tg 5,1-6), Vouga apresenta o destaque para o fato de que o autor dirige uma invectiva aos especuladores e planejadores, que ilusoriamente se acham donos e senhores do tempo, mas vivem como num estado de cegueira diante da realidade que os lança de um lado para o outro, como se fossem pedras que rolam, e por isso mesmo, não criam limbo. “A pretensão dos homens de negócios de prever e rentabilizar sua vida faz deles personagens soltas entre os tempos e os lugares, sem raízes nem lugares fixos” (VOUGA, 1996, p. 134).

As pessoas que buscam segurança nos bens materiais e na especulação dos planejadores, são comparadas pelo autor da Epístola de Tiago como um vapor (*ἀτμίς*– *atmís*), uma fumaça (*καπνός* – *kapnós*). A Tradução Ecumênica da Bíblia

traduz assim: “E não sabeis nem mesmo o que será de vossa vida no dia seguinte, pois sois um vapor que aparece por um instante e logo desaparece” (Tg 4,14) (2015c, p. 2378). Essa tradução emprega o termo grego utilizado pelo autor da Epístola, vapor ao invés de fumaça. Esta palavra vapor (*ἀτμός* – *atmís*) é de emprego raro no texto bíblico, encontrada aqui em Tg 4,14 e em At 2,19. De acordo com Vouga, o emprego dessa palavra pode levar para dois significados diferentes, ou o autor queria mesmo forçar o ridículo, empregando uma expressão tão simples para designar a efemeridade das pessoas, ou está bebendo na tradição judaica, na qual vapor (*ἀτμός* – *atmís*) “é o símbolo da fragilidade da vida” (1996, p. 135).

Ao referir-se a Tg 4,14, Martin²⁴ defende que essa perícopa está correlacionada tematicamente com Ecl 1,2 e 12,8. Por sua vez, Aguiar tece o seguinte comentário sobre a relação temática desses versículos: “A expressão *vaidade de vaidade* é complementada pela expressão *tudo é vaidade*. O termo traduzido por vaidade é *hevel*, que também pode ser traduzida por vapor” (2014, p. 115). O autor da Epístola de Tiago emprega a expressão para chamar a atenção de seus leitores e ouvintes sobre a brevidade da vida, noutras palavras, sobre as prioridades e escolhas de cada cristão, uma vez que a vida é metaforicamente um vapor.

Nos livros sapienciais do Antigo Testamento, a temática da brevidade da vida é explorada muitas vezes. Portanto, a metáfora empregada pelo autor da Epístola, em Tg 4,14, serve para refutar qualquer estilo de vida cuja prioridade esteja em correr atrás de coisas que são perecíveis. A ideia da brevidade da vida representada por essa metáfora ocorre diversas vezes na literatura sapiencial do período vétero-testamentário (Jó 7,7,9; Sl 39,5,6,12) mas também, na literatura greco-romana” (AGUIAR, 2104, p. 115).

Por seu turno, “Wiersbe²⁵ defende que Tiago toma esta figura emprestada do livro de Jó, onde, segunde ele, encontra-se muitos quadros da brevidade da vida” (*apud* AGUIAR, 2014, p. 115).

O foco da mensagem que o autor da Epístola quer transmitir aqui, está bem esclarecido: “Em vez disso, deveis dizer: “Se o Senhor quiser; viveremos e faremos isto ou aquilo” (Tg 4,15) (BÍBLIA, 2015b, p. 262). De acordo com essa confissão, pode-se fazer duas reflexões:

²⁴ (MARTIN, 2002, v. 49 *apud* AGUIAR, 2014, p. 115).

²⁵ (WIERSBE, 1996, v. 2 *apud* AGUIAR, 2014, p. 115).

1. Em vez de planejar o futuro e o tempo que não nos pertencem, a linguagem da confissão se entrega à providência de Deus...2. Em vez de querer empreender, fazer, negociar, lucrar, a linguagem da confissão fala de viver. “Se o Senhor quiser, nós viveremos”. Os planejadores não vivem, eles projetam. Tg não problematiza contra o *homo faber*, contra a vocação do homem para o trabalho, mas, como o Sr 38, 24-33, contra a desumanização da existência e da atividade humana (VOUGA, 1996, p. 136).

O que está em destaque, portanto, é a forma como cada pessoa, leva a vida. Quais são as prioridades: uma vida que expressa os frutos de uma fé sábia e atuante, ou a inconstância da dupla personalidade, da acumulação de riquezas? A incoerência de uma religião de aparência e que visa proveitos próprios, ou a pureza de caráter e de uma fé que salva, ensinada na Epístola?

Sobre a ânsia para acumular bens, em Mt 6,19-34, pode ser resumida dessa maneira: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos angustieis com o amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal” (Mt 6,33-34) (BÍBLIA, 2013, p. 1101). Vouga afirma: “Trata-se de viver primeiro e em seguida fazer isso ou aquilo...O essencial é viver seu tempo, em vez de esvaziar a existência no ativismo, na fuga ou no divertimento” (2015, p. 136). Por seu turno, Aguiar conclui e experiência dessa períciope Tg 4,13-17 da seguinte forma:

A fórmula se o Senhor quiser, não é exclusivamente cristã. Muitos escritores clássicos a utilizaram. No entanto, ela foi amplamente adotada pelos autores do NT ... Em todo caso, nesse exemplo da epístola de Tiago, ela contrasta claramente a finitude humana com a sabedoria divina. É, portanto, um reconhecimento dos limites da existência humana, de que a vida nada mais é do que um vapor que aparece por um pouco e então desaparece (2014, p. 118).

O autor da Epístola de Tiago conclui essa períciope (Tg 4,13-17) chamando os cristãos à responsabilidade, afirmando que saber fazer o bem, mas não o fazer é pecado. Não há desculpas para o não cumprimento da lei na relação com o próximo, não há desculpas para a maledicência, como não há desculpas para a arrogância e a autossuficiência. Por isso o autor enfatiza: “Quem sabe praticar o bem e não o faz comete pecado” (Tg 4,17) (BÍBLIA, 2015a, p. 562).

Portanto, o auditório do locutor da Epístola é convocado a construir seu *ethos* cristão na resistência a todo tipo de provas, os prazeres e riquezas desse mundo, aos poderosos e ricos (Tg 1,2-4, 4,1-12. 13-17, 5,1-6), que são referidos na Epístola em contraste com os pobres (Tg 1,5-12). Os ricos concentram-se apenas no que é terreno, inconstante, passageiro, como as riquezas que são corroídas e perecíveis (Tg 1,9-11; 5,1-6), em contraponto, o autor da Epístola de Tiago aconselha

os irmãos a manter sua felicidade e alegria mesmo em face das provações resistindo com perseverança e fidelidade naquela Palavra na qual foram gerados (Tg 1,18) porque esses fiéis são os verdadeiros “bem-aventurados” segundo destaca o autor da Epístola (Tg 1,12; 5,7-11). O ouvinte do discurso proferido na Epístola de Tiago recebe a Palavra para ser praticada, pois é através da ação que a fé se manifesta proveitosa para a salvação, portanto, enfatiza o autor da Epístola: pratiquem a palavra, pois a fé sem ação é igual ao corpo sem vida (Tg 1,22; 2,14-26).

A prática da Palavra se faz na resistência, na perseverança, na fidelidade, na maneira de viver, mantendo-se puro e livre da contaminação do mundo. Na prática da ética, no domínio da língua para não agredir o próximo, na assistência aos pobres, na prática do bem, na oração intercessora uns pelos outros, e pelos enfermos; na partilha das coisas boas, na solidariedade diante das dificuldades e na esperança paciente pela vinda do Senhor (Tg 5,7-20), praticando a palavra a fé se edifica, ou seja, percebe-se que o autor tem em vista a prática das virtudes cristãs.

A Epístola de Tiago é um manual prático sobre o modo de viver cristão e suas declarações soam semelhantes às declarações de Jesus, sobretudo as que concernem a viver segundo às virtudes do cristianismo expressas no Sermão da Montanha (Mt. 5,1 - 7,29). Segundo Aguiar, “a razão por que o interesse de Tiago se volta especialmente para essa perícopos explica-se pelo fato de ele destacar as virtudes cristãs apresentadas por Jesus nesse discurso” (2014, p. 56). Na sua Epístola, o autor não apresenta explicitamente uma lista de virtudes, embora (Tg 1,2-4; 3,14-17) possam ser considerados como pequenos esboços de virtudes e vícios, podem ser identificadas virtudes que perpassam toda a Epístola. Aguiar demonstra que o autor da Epístola tinha conhecimento dos diversos tipos de literaturas bíblicas e extras-bíblicas que continham listas de vícios e virtudes. “Uma análise cuidadosa, porém, demonstrará que a preocupação que Tiago tem com o comportamento e a qualificação moral de seus destinatários não se restringe a essas passagens, mas é algo que atravessa toda a epístola” (AGUIAR, 2014, p. 61).

Traçando um paralelo entre o Evangelho segundo Mateus e a Epístola de Tiago é possível identificar seis virtudes que “ocorrem de maneira direta nos catálogos de virtudes do Novo Testamento: fé, paciência, misericórdia, compaixão, esperança e amor” (AGUIAR, 2014, p. 63), que Aguiar apresenta de uma forma que expõe a correspondência entre os dois livros e que é sintetizada no quadro:

A fé	Mt 21,22	Tg, 1,5
A paciência	Mt 5,10	Tg 1,12
A misericórdia	Mt 5,7	Tg 2,13
A compaixão	Mt 25,42-43	Tg 2,15-16
A esperança	Mt 24, 31-32	Tg 5,7-9
O Amor	Mt 22,37-39	Tg 2,8

O *ethos* cristão se constrói na medida em que a mensagem salvadora do Evangelho encontra terreno fértil para frutificar, produzindo na vida do crente fiel as virtudes expostas nos Evangelhos, nos livros de Sabedoria e nas cartas do Novo Testamento. A Epístola enfatiza que a fé do cristão deve ser autêntica, firme, de qualidade superior (Tg 1,5). A fé autêntica não é mera crença, mas uma fé paciente, resiliente diante das provações, que devem ser encaradas com o vislumbre da *parousia* (Tg 1,12; 5,7-8). A fé autêntica dá frutos de misericórdia (Tg 2,13). A fé autêntica é repleta de compaixão pelos menos favorecidos (Tg 2,15-16). A fé autêntica transborda de esperanças diante das adversidades, porque o fiel aguarda pacientemente a promessa da *parousia*, quando todos os sofrimentos serão dissipados (Tg 5,7-9). E acima de tudo, a fé autêntica transborda de amor por Deus e pelo próximo (Tg 2,8). Diante disso, a relação entre fé e obra tem sentido, pois não pode haver autenticidade de fé se não se demonstram através das virtudes que guiam o *ethos* e a vida de cada cristão, pois, como afirma Aguiar:

Tiago nos lembra constantemente da necessidade de desenvolver as virtudes que nos identificam cristãos; exorta-nos a manter um falar simples e modesto, a viver uma vida piedosa, a atender as necessidades tanto físicas quanto espirituais nossas e dos que nos cercam, demonstrando preocupação com o bem-estar do outro; enfim, encoraja-nos à prática das boas obras, como evidência do amor que dirige as nossas intenções (2010, p.104).

A Epístola de Tiago não expõe uma teoria sobre a fé, a justificação ou a salvação. A Epístola expõe a fé de um justo vivendo o cristianismo prático, que se preocupa em cultivar as virtudes na relação com Deus e com o semelhante. Assim, como afirma Aguiar: “talvez não seja exagero declarar que, em Tiago, encontramos uma síntese da mensagem dos evangelhos” (2010, p. 104).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor da Epístola de Tiago tem diante de si um público variado que precisava de um guia prático de conduta cristã. A esses destinatários o autor envia sua Epístola, um sermão parenético, uma homilia em tom de diatribe, que devia ser lida em voz alta diante da congregação dos cristãos espalhados pelo mundo por causa da Diáspora. Seus temas são variados, e, em princípio, parecem desconectados, porém um olhar mais de perto, revela a coesão e a coerência que perpassa a Epístola. Sua linguagem rica e bem trabalhada demonstra que seu autor tinha grande conhecimento da cultura judaica e do mundo helênico, pois os recursos de linguagem empregados pelo autor são comuns aos dois universos culturais.

A Epístola de Tiago é um guia prático de moral e ética cristãs, talvez o mais prático entre os textos epistolares. Está repleta de figuras de linguagem que favorecem a compreensão da mensagem e levam os ouvintes à reflexão. O ponto fulcral da Epístola de Tiago ocorre na perícopre 2,14-26, que aborda a questão polêmica da fé e das obras no processo de justificação. O autor da Epístola de Tiago aparentemente nega a doutrina paulina da justificação pela Fé, dando às obras um papel de destaque para a justificação, reforçando seus argumentos com exemplos práticos da vida em comunidade e com exemplos que busca diretamente da Bíblia, como Abraão e Raabe, personagens que também serviram de modelo para provar o posicionamento do Apóstolo Paulo.

Apesar de o autor da Epístola de Tiago e o Apóstolo tratarem do tema da justificação pela fé ou pelas obras, utilizando-se do mesmo exemplo de fé, o pai Abraão, tomam momentos diferentes da vida do patriarca. O Apóstolo refere-se ao momento em que Deus estabelece a aliança com Abraão (Gn 15) e, portanto, aborda a fé numa perspectiva vertical de relacionamento entre Deus e o homem.

O autor da Epístola de Tiago percebe a importância das obras como demonstração da fé na vida de quem foi justificado, e toma um momento da vida do patriarca Abraão em que os termos da aliança já haviam sido estabelecidos, agora em pleno desenvolvimento e amadurecimento da fé, Abraão é posto à prova (Gn 22). Portanto, não é mais um processo para fazer o homem crer, mas é um processo de confiança em quem se crê. Além disso, o autor da Epístola de Tiago analisa as obras dentro do processo de justificação, na perspectiva de obras de piedade, obras de caridade, na relação entre os homens, pois as obras destacadas pelo autor da Epístola

de Tiago não são do homem para Deus, mas de Deus para com o homem e de um irmão para com outro irmão. São obras que retratam a fé como dom de Deus, que opera no homem em favor de outro homem. O autor da Epístola de Tiago trata da verticalidade da fé, Deus e o homem, mas também da horizontalidade da fé, homem para homem. As obras de fé descritas pelo autor da Epístola de Tiago são expressões da fé que se estabeleceu a partir da aliança firmada, e que se manifesta nos frutos piedosos de caridade e nos frutos morais da ética e das virtudes cristãs.

A Epístola de Tiago contém uma mensagem simples e acessível, porém profunda, porque fala da verdadeira fé que opera, que se demonstra na prática das obras de peidade e se manifesta na vivência do amor para com Deus e para com o próximo. Esta fé existencial produz alegria diante da prova, produz perseverança, resistência e esperança na *parousia* do Senhor, e motiva os irmãos a uma vida virtuosa que se mostra no *ethos* daqueles que foram gerados pela “palavra da verdade para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (Tg 1,18) (BÍBLIA, 2013. p. 1437). Assim, pode-se resumir tudo isso afirmando: “Assim, também a fé, se não tiver obras, por sí só está morta. Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2,17.26) (BÍBLIA, 2013, p. 1438).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015b.
- AGUIAR, Adenilton Tavares de. Das palavras de Cristo às virtudes cristãs: um Diálogo entre Mateus e Tiago. 2010. **Hermenêutica**, volume 10, n.2, 73-107. Disponível em: <<http://seer-adventista.com.br/ojs/index.php/hermeneutica/article/viewFile/225/220>> Acesso em 22/01/2018.
- AGUIAR, Adenilton Tavares de. **O evangelho de Tiago**: sabedoria e piedade em favor dos pobres. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1973.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BECQUET, G. **A Carta de Tiago**: leitura sociolinguística. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BENTSION, Sha'ul. **O conceito de fé**: parte I, Emunah. Disponível em: <<http://www.judeu.org/pdfs/conceitofe1.pdf>> Acesso em: 17/1/2018.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- BÍBLIA DE ESTUDO ANDREWS. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Novo Testamento e Salmos, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1984.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Andrews**. Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição, Sociedade Bíblica do Brasil. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015a.
- BÍBLIA. Português. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2015b.
- BÍBLIA. Português. **Traduções Almeida Século 21**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- BÍBLIA. Português. **Tradução Ecumênica**. 2ª edição, São Paulo: Loyola, 2015c.
- BITTENCOURT, Heitor. *IAKQB A enunciação do discurso religioso: leitura/análise do texto grego na Epístola de Tiago*. 2008. 362 f. Tese de Doutorado.

Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde.../HEITOR_BITTENCOURT_FILHO.pdf>. Acesso em: 12/11/2017.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CARREZ, Maurice [et al]. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987.

CARSON, T. Tiago. In Bruce, F. F (org) **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**: Volume 6: Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas, Apocalipse. São Paulo: Hagnos, 2002.

CLEMENTE, Romano. **Cartas aos Coríntios**. Bibliotheca Patrística. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/clemente_romano_cartas_aos_corintios.pdf>. Acesso em: 6/5/2016.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA **DEI VERBUM** SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 12/7/2017.

COSAERT, Carl P. **O Evangelho em Gálatas**. Lição da Escola Sabatina. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

CROATO, Severino. La Carta de Santiago como escrito sapiencial. **Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana** (RIBLA). Nº.31, p. 24-42. La Carta de Santiago. Quito, 1998. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#26-38>>. Acesso em: 11/12/2017.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG: **Léxico hebraico, Aaramaico e grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Disponível em: <<https://hebreuisraelita.files.wordpress.com/2012/06/dicionario-biblico-strong-1c3a9xico-hebraico-aramaico-grego-james-strong.pdf>>. Acesso em: 18/4/2017.

DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Moderna, 2011.

FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Bible Dictionary**. V.3 H-J. New York: Published by Doubleday, 1992.

KONINGS, Johan; KRULL, Waltraud. **Cartas de Tiago, Pedro João e Judas**. São Paulo: Loyola, 1995.

KRÜGER, René. **A Diáspora**: da experiência traumática a paradigma escatológico. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

KÜMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982.

LATOURELLE, R; FISICHELLA, R. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEAHY, Thomas W. Epístola de Tiago. *In Novo comentário bíblico São Jerônimo*: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. **Tiago**: transformando provas em triunfo. São Paulo: Hagnos, 2006.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. Alguns textos paulinos à luz de Qumran. **Revista Atualidade Teológica**. Ano XIII nº 31. p. 10-32. janeiro a abril 2009. Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil12. / 2009. Disponível: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18329/18329.PDFXXvmi=>> Acesso em: 18/01/2018.

MEARS, H. C. Estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida, 1993. Disponível em: <https://kupdf.com/download/estudo-panor-acirc-mico-da-b-iacute-blia-henrietta-c-mears_59f1035ce2b6f57d391f05a9_pdf>Acesso em 21/01/2018.

MENDOÇA, José Tolentino. Epístola de Tiago. **A Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2015.

MOO, Douglas J. **Tiago**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990.

NEUSNER, Jacob (trad). Genesis Rabbah: Parashiyot 34-67 on Genesis 8:15 to 28:9. V. 2. Atlanta: Scholars Press, 1985.

PIMENTEL, Frank. Codicia, resistência y proyecto alternativo: Un acercamiento socio-ligüístico y actualizante a la carta de Santiago. **Revista de Interpretación**

Bíblica Latino Americana (RIBLA), N.º.31, p. 68-85. La Carta de Santiago. Quito, 1998. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/index.php/miembros-2/revistas-2#26-38>>. Acesso em: 11/12/2017.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SÊNECA. **Da economia do tempo**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=yinfEXTLnOIC&printsec=frontcover&dq=Cartas+de+S%C3%AAneca&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjs2q-Y5ovMAhXKI5AKHZfOAbgQ6AEINjAC#v=onepage&q=Cartas%20de%20S%C3%AAneca&f=false>>. Acesso em: 13/4/2016.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler a Carta de Tiago: a fé e a prática do evangelho**. São Paulo: Paulus, 1996.

TORRES, Milton L. **Tiago: retratos da natureza humana**. Cachoeira: CEPLIB, 2008.

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, 2015.

TRIMAILLE, Michel. As epístolas católicas. In: CARREZ, Maurice; DORNIER, Pierre; DUMAIS, Marcel [et al]. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987.

VOUGA, François. **A Carta de Tiago**. São Paulo: Loyola, 1996.

XAVIER, Érico Tadeu. **A teologia de Tiago: fé em ação**. Disponível em <<http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/2.-A-TEOLOGIA-DE-TIAGO-corrigido-e-formatado-pags.-133-a-145.pdf>> Acesso em: 28/4/2017.

WAHLEN, Clinton. **Carta de Tiago: lição da escola sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, Ellen G. **Fé e obra**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

WHITE, Ellen G. **O maior Discurso de Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WIKENHAUSER, A; SCHMID, J. **Introducción al Nuevo Testamento**. Barcelona: Herder, 1978.